

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO**

**ANDERSON FELISBERTO DIAS**

**CULTURA POPULAR COMO ATRATIVO TURÍSTICO E PRÁTICAS  
ORGANIZATIVAS DE GRUPOS FOLCLÓRICOS**

**Florianópolis  
2007**

**ANDERSON FELISBERTO DIAS**

**CULTURA POPULAR COMO ATRATIVO TURÍSTICO E PRÁTICAS  
ORGANIZATIVAS DE GRUPOS FOLCLÓRICOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção  
do grau de Mestre em Administração da Universidade  
Federal de Santa Catarina.

Curso de Pós-Graduação em Administração.

Área de concentração em Políticas e Gestão Institucional.

Linha de pesquisa: Comportamento e Organização.

Orientadora: Eloise Helena Livramento Dellagnelo, Dra.

**Florianópolis  
2007**

**ANDERSON FELISBERTO DIAS**

**CULTURA POPULAR COMO ATRATIVO TURÍSTICO E PRÁTICAS  
ORGANIZATIVAS DE GRUPOS FOLCLÓRICOS**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Grau de Mestre em Administração na área de concentração em Políticas e Gestão Institucional do Curso de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina e aprovada, em sua forma final em 03 de Setembro de 2007.

---

Prof<sup>o</sup> Rolf Hermann Erdmann, Dr<sup>o</sup>  
Coordenador do Curso

Apresentada à comissão examinadora composta pelos professores:

---

Profa. Dra. Eloise Helena Livramento Dellagnelo  
Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

---

Profa. Dra. Rosimeri Carvalho da Silva  
Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC

---

Profa. Dra. Sueli Maria Goulart Silva  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS

*A todos que fazem parte da minha vida:  
Mãe querida, Meu irmão, Tia Dade e Amanda, Kiko.  
As minhas amigas e irmãs Aurea e Elisiana.  
Ao meu querido Nacho  
E a duas pessoas responsáveis por eu ter chegado ao final,  
Eloise e Rose.*



## **AGRADECIMENTOS**

É sempre difícil precisar quando as etapas de nossa vida começam e quando terminam. A que se conclui com este trabalho talvez tenha se iniciado com o ingresso na universidade e com minha formação acadêmica. Naquele momento, em 2000, muitos propósitos me levaram a optar pelo curso de Administração e pela dedicação à atividade de pesquisa a partir de 2003. E nesta caminhada muitas pessoas presentes na minha vida foram importantes e fizeram com que ela pudesse se concretizar e por isso são lembradas agora. Agradeço a minha família por todo apoio, a minha mãe, meu irmão, meus tios Antônio e Francisco, a minha tia Dade, a minha querida Amanda. Aos meus amigos, não muitos mas fiéis, principalmente a Aurea e Elisiana pelo apoio incondicional e pelos puxões de orelha. Ao querido Nacho pelo companheirismo e paciência. Aos mestres que me possibilitaram a formação acadêmica e exemplos de conduta, Professor Moretto, Professora Liane e Professora Edinice. Aos colegas do Observatório da Realidade Organizacional cuja vivência e discussões contribuíram para a formação deste pesquisador, em especial a Samara, Fabiula, Rafael, Rúbia e ao Professor Hans. À CAPES e ao PROCAD pelo apoio financeiro. Aos funcionários da secretaria do CPGA, em especial a Fernanda. Os colegas da FGV/RJ pela acolhida de convivência. Um agradecimento MUITO especial a duas pessoas que são responsáveis pela conclusão deste trabalho, Professora Rosimeri e Professora Eloise, muito mais que professoras foram amigas e não me deixaram desistir.

*Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.*  
*(Paulo Freire em Pedagogia de Autonomia).*

## RESUMO

DIAS, Anderson Felisberto; **Cultura popular como atrativo turístico e práticas organizativas de grupos folclóricos**. 2007, 146 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

Orientadora: Eloise Helena Livramento Dellagnelo, Dra.  
Defesa: 03/09/2007

Esta pesquisa teve por objetivo analisar as repercussões da utilização de manifestações da cultura popular como atrativo turístico nas práticas organizativas de quatro grupos folclóricos da região de Florianópolis. Foram identificados em um levantamento realizado em 2006 trinta e dois grupos folclóricos na região, dos quais quatro foram selecionados para este estudo: Grupo Arcos - Pró-resgate da Memória Histórica, Artística e Cultural de Biguaçu, Associação Cultural Arréda Boi, Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC e Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi. Primeiramente se identificou as práticas organizativas destes grupos através da caracterização das atividades desenvolvidas, da sua razão de existência, de como fazem o que se propõem e com a ajuda de que pessoas ou instituições. Por fim, buscou-se refletir a respeito das repercussões da utilização destas manifestações da cultura popular como atrativo turístico nas práticas organizativas identificadas. O estudo caracterizou-se como descritivo-interpretativo, abordagem predominantemente qualitativa, os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, análise documental e observação direta. Os resultados apontam que o grupo que demonstra maior interferência em suas práticas é o Alevanta Meu Boi, seguido pelo Arcos, e, em menor grau pelo Arréda Boi. Dentre os casos analisados, o Grupo Folclórico da Terceira Idade da UFSC é o que parece estar mais protegido das interferências do turismo.

**Palavras-chave:** Grupos folclóricos, Turismo, Práticas organizativas.

## ABSTRACT

DIAS, Anderson Felisberto; **Popular culture as tourist attraction and organizational practices of folkloric groups**. 2007. 146f. Dissertation (Master in Administration) – Post-Graduation Course in Administration, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

Adviser: Eloise Helena Livramento Dellagnelo, Dra.  
Defense: 03/09/2007

This research has the objective to analyze the repercussions of manifestations use of the popular culture as tourist attraction in the organizational practices of four folkloric groups of Florianópolis area. They were identified in a survey accomplished in 2006 that enumerated thirty two folkloric groups in the area, four of them were selected for this study: Grupo Arcos - Pró-resgate da Memória Histórica, Artística e Cultural de Biguaçu, Associação Cultural Arréda Boi, Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC and Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi. Firstly, it was identified the organizational practices of these groups through the characterization of the developed activities, their existence reason, how they do what they intend to do and people or institutions that support these groups. Finally, it was looked into reflection regarding the repercussions of these manifestations use of the popular culture as tourist attraction in the identified organizational practices. The study was characterized as descriptive-interpretative, approach predominantly qualitative, the data were collected through semi-structured interviews, documental analysis and direct observation. The results point that the group that demonstrates larger interference in their practices is it Alevanta Meu Boi, ollowing for the Arcos, and, in smaller degree for Arréda Boi. Among the analyzed cases, the Grupo Folclórico da Terceira Idade da UFSC is what seems to be protected of the interferences of the tourism.

**Key-words:** Folkloric Groups, Tourism, Organizational practices.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Grupo de Danças e Cantares Açoriano – Apresentações .....	55
Figura 2: Caracterização dos trajes – Apresentação do Grupo de Danças e Cantares Açoriano na Festa do Divino, Maio de 2007 .....	59
Figura 3: Caracterização dos trajes – Apresentação do Grupo de Danças e Cantares Açoriano em evento empresarial, Junho de 2007 .....	59
Figura 4: Criança representando brincadeiras infantis – Apresentação do Grupo de Danças e Cantares Açoriano na Festa do Divino, Maio de 2007 .....	60
Figura 5: Grupo em formação – Apresentação do Grupo de Danças e Cantares Açoriano em evento empresarial, Junho de 2007 .....	60
Figura 6: O Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC – Apresentações .....	71
Figura 7: Ensaio do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Coreografia ...	72
Figura 8: Ensaio do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Comunicações .....	72
Figura 9: Apresentação do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Pau-de-fitas .....	73
Figura 10: Apresentação do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Ratoeira .....	73
Figura 11: Apresentação do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Coreografia com peneiras e balaio .....	74
Figura 12: Apresentação do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Coreografia com renda-de-bilro .....	74
Figura 13: Apresentação do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Músicos (1) .....	74
Figura 14: Apresentação do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Músicos (2) .....	74
Figura 15: Associação Cultural Arréda Boi – Apresentações .....	82
Figura 16: Boneco do Arréda Boi - Boi-de-mamão em tecido .....	86
Figura 17: Boneco do Arréda Boi - Boi-de-mamão transparente com rede de pesca .....	86
Figura 18: Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi – Apresentações .....	106
Figura 19: Apresentação do Alevanta Meu Boi – personagens centrais .....	109
Figura 20: Apresentação do Alevanta Meu Boi – interação com o público .....	109
Figura 21: Boneco do Alevanta Meu Boi - Boi-de-mamão .....	110
Figura 22: Boneco do Alevanta Meu Boi – Cavalinho .....	110
Figura 23: Apresentação do Alevanta Meu Boi – espaço no hotel .....	111
Figura 24: Apresentação do Alevanta Meu Boi – espaço na rua .....	111
Figura 25: Apresentação Alevanta Meu Boi – público no hotel .....	112
Figura 26: Apresentação Alevanta Meu Boi – público na rua .....	112

Figura 27: Automóvel utilizado pelo Alevanta Meu Boi .....	121
Figura 28: Reboque onde são transportados os bonecos .....	121

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Impactos culturais do turismo .....	24
Tabela 2: Categoria de análise – Práticas organizativas .....	46
Tabela 3: Grupos folclóricos em atividade na região pesquisada .....	47
Tabela 4: Grupos folclóricos separados por tipo de manifestação cultural .....	49
Tabela 5: Grupos folclóricos selecionados .....	50
Tabela 6: Eventos acompanhados pelo pesquisador .....	52

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
1.1 Objetivo da pesquisa e as etapas para o seu alcance .....	17
1.2 Justificativa .....	18
<b>2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>20</b>
2.1 Turismo como atividade econômica e seus impactos na cultura local .....	20
2.2 Folclore e cultura popular .....	27
2.3 Práticas organizativas: das burocracias aos modelos alternativos de gestão..	33
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>43</b>
3.1 Caracterização do estudo .....	43
3.2 Perguntas de pesquisa .....	45
3.3 Definição constitutiva e operacional da categoria de análise .....	46
3.4 Sujeitos e universo de pesquisa .....	47
3.5 Coleta e análise dos dados .....	50
<b>4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS PRÁTICAS ORGANIZATIVAS NOS GRUPOS FOLCLÓRICOS PESQUISADOS .....</b>	<b>54</b>
<b>4.1 GRUPO ARCOS – GRUPO FOLCLÓRICO DANÇAS E CANTARES AÇORIANOS.....</b>	<b>55</b>
4.1.1 O que faz .....	56
4.1.2 Razão da existência .....	61
4.1.3 Como faz .....	65
4.1.4 Com quem se relaciona .....	70
<b>4.2 GRUPO DE DANÇA FOLCLÓRICA DA TERCEIRA IDADE DA UFSC .....</b>	<b>71</b>
4.2.1 O que faz .....	72
4.2.2 Razão da existência .....	75
4.2.3 Como faz .....	78
4.2.4 Com quem se relaciona .....	81
<b>4.3 ASSOCIAÇÃO CULTURAL ARRÉDA BOI .....</b>	<b>82</b>
4.3.1 O que faz .....	8
4.3.2 Razão da existência .....	8
4.3.3 Como faz .....	9
4.3.4 Com quem se relaciona .....	104
<b>4.4 GRUPO FOLCLÓRICO ALEVANTA MEU BOI .....</b>	<b>106</b>
4.4.1 O que faz .....	107



4.4.2 Razão da existência .....	112
4.4.3 Como faz .....	117
4.4.4 Com quem se relaciona .....	122
<b>5 CONCLUSÕES .....</b>	<b>124</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>137</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>141</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS .....</b>	<b>142</b>
<b>APÊNDICE B – FICHA DE ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS ....</b>	<b>145</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O processo evolutivo do capitalismo e suas implicações para o cotidiano dos indivíduos e da sociedade como um todo tem sido, de certa forma, discutido por diversas linhas teóricas em diferentes áreas de conhecimento. Dentro destas diferentes perspectivas, constata-se que as discussões sobre o mercado têm atraído cada vez mais a atenção pela sua capacidade de abarcar e se infiltrar nas mais diversas esferas da sociedade. No âmbito organizacional, destaca-se, por exemplo, a intensificação da adoção de práticas antes restritas ao meio empresarial por organizações pertencentes a outras esferas sociais. A lógica pautada no cálculo e na mensuração de resultados eficientes invade, de forma irrestrita, a sociedade que passa a ver o capital monetário como seu principal recurso.

A necessidade econômica que tende a impor a subordinação de todas as finalidades (e em particular das finalidades tradicionais) e de todos os meios da atividade ao lucro monetário, as antigas normas e particularmente aquelas que regulavam as relações com os parentes, assim como os antigos valores de honra e de solidariedade, devem também contar com as exigências do cálculo e, às vezes, a ele se curvar (BOURDIEU, 1979, p.69).

Em um contexto de progressiva mercantilização, o turismo figura como um importante estímulo a este processo. Conforme Luchiari (2000, p.123), por exemplo, “A natureza como um dom e a cultura como diversidade são destituídas de sua autenticidade ou reproduzidas artificialmente como mercadorias de consumo, e, mesmo simbólicas, são vendidas pela mídia, pelas construtoras, pelas agências imobiliárias e de turismo”. Ou como argumenta Ouriques (2005) a “mercadoria-paisagem” se torna a matéria-prima do turismo, assim, o turismo promove a venda da natureza, das construções históricas e das manifestações folclóricas.

Percebe-se, que o turismo não se limita à comercialização dos espaços e paisagens. Além de utilizar o ambiente natural como atrativo, transforma a cultura local em produto a ser oferecido aos turistas. Neste sentido, de acordo com Ouriques (2005, p. 138), o turismo no Brasil, sobretudo nos últimos anos, tem se pautado pela “invenção de tradições e pela transformação do folclore e festas populares em mercadorias turísticas. Enfim, pela transformação da cultura em espetáculo”. Mesmo culturas mais tradicionais, que por certo tempo resistiram à transformação de suas manifestações em produto, tendem a aderir

gradativamente ao novo modelo global resultante da inserção da lógica do mercado nos diversos setores da vida humana (WARNIER, 2000).

As implicações deste processo têm sido analisadas por alguns autores que chamam a atenção para os efeitos da descontextualização da cultura local ao ser apresentada como espetáculo para a observação de visitantes. Luchiari (2000), por exemplo, sugere que para muitas localidades, o turismo muitas vezes se apresenta como única possibilidade de desenvolvimento econômico. De acordo com a autora, a dependência desta atividade, a exemplo do que ocorre em muitas comunidades litorâneas, pode submeter as populações locais a uma ordem externa que resulte na desarticulação de culturas. Entretanto, não se pode descartar a importância desta atividade enquanto geradora de emprego e renda e propulsora do desenvolvimento econômico de algumas regiões. Se por um lado a atividade turística pode se tornar uma alternativa para a valorização e revitalização de aspectos culturais antes esquecidos, por outro uma preocupação eminente é o risco de descaracterização destas culturas ao serem tornarem atrativos turísticos. Isto ocorre porque, conforme coloca Barreto (2000), vivemos na sociedade da reprodução, na qual se valorizam os espetáculos alheios à autenticidade. Neste contexto, a capacidade técnica da reprodutibilidade se torna tão ou mais importante que a autenticidade já perdida. A mesma preocupação é demonstrada por Ruschmann (1997) que, ao analisar os impactos socioculturais do turismo, coloca que se corre o risco da descaracterização das tradições e dos costumes locais ao transformar os ritos e mitos em shows para os turistas.

Observa-se que o folclore e a cultura popular também vêm sendo valorizados pelo turismo, e estão submetidos à sua lógica mercantil e são por ela influenciados. Neste sentido, os grupos folclóricos, como organizações do campo da cultura, tendem a sofrer importantes pressões do meio na direção de uma busca cada vez maior por legitimidade e sobrevivência, conforme evidenciado em pesquisas já realizadas pelo Observatório da Realidade Organizacional. Estudos empíricos feitos por Gameiro, Menezes e Carvalho (2003) e Madeiro e Carvalho (2003), por exemplo, demonstram que a expressão cultural popular pode ser fortemente influenciada e moldada por atores sociais que compõem o campo organizacional ao qual está inserida.

A exemplo deste processo, Gameiro, Menezes e Carvalho (2003) verificaram que grupos de Maracatu em Pernambucano, a fim de obterem legitimidade de suas ações perante o público, têm sofrido fortes influências na estética de suas apresentações e na organização de suas ações. Neste sentido, “arranjos organizacionais emergem para estabelecer padrões de

atuação compatíveis com o novo cenário competitivo permeado por valores mercantis que alcançam, inclusive, campos sociais como a cultura, antes alheios a estas exigências” (GAMEIRO; MENEZES; CARVALHO, 2003, p.199).

Da mesma forma, Madeiro e Carvalho (2003), ao analisar a transformação do carnaval brasileiro, identificaram que a lógica do mercado está evidente em todas as ações dentro do campo. Através da exclusão das classes populares, transformadas em meros espectadores, o carnaval se transformou em um espetáculo de exibição internacional. Os autores concluem que organizações tradicionais do carnaval são obrigadas à adaptação sob pena de serem extintas. Carvalho e Viera (2003), ao analisar o conjunto de pesquisas sobre organizações do campo da cultura publicadas em obra por eles organizada, concluem:

Organizações antes conduzidas sob o signo do amadorismo e da intuição, por indivíduos que lhes dedicavam suas melhores habilidades, são hoje levadas a exhibir, no novo campo simbólico, um crescendo de profissionalização, uma busca incessante de eficiência nos procedimentos e dirigentes de perfil empresarial.

Neste cenário, o turismo como atividade econômica reprodutora da lógica mercantil, essencialmente instrumental voltada para o aumento da eficiência, configura-se como importante aspecto influenciador de organizações do campo da cultura popular. Esta influência pode reproduzir formas de organização mais coerentes com a lógica mercantil e muito próximas de modelos como o burocrático-empresarial, muitas vezes tido como única forma possível de organização (MOTTA, 1986). Ao se considerar que organizações do campo da cultura estão essencialmente voltadas para concretização de anseios da vida humana muito mais amplos que os expressos em organizações econômicas, elas poderiam representar formas de gestão alternativas e distantes do modelo burocrático vigente. Neste sentido, argumenta-se que as práticas organizativas destas organizações constituem importante dimensão a ser analisada e por isso se determinou como problema de pesquisa deste trabalho:

**Quais as repercussões da utilização de manifestações da cultura popular como atrativo turístico nas práticas organizativas de quatro grupos folclóricos da região de Florianópolis?**

## 1.1 OBJETIVO DA PESQUISA E AS ETAPAS PARA O SEU ALCANCE

Partindo-se do problema de pesquisa anteriormente exposto, determinou-se como objetivo geral deste estudo: **analisar as repercussões da utilização de manifestações da cultura popular como atrativo turístico nas práticas organizativas de quatro grupos folclóricos da região de Florianópolis.**

Para o cumprimento deste objetivo, primeiramente se faz necessário **identificar quais são os grupos folclóricos atuantes na região de Florianópolis.** Optou-se por uma delimitação geográfica viável considerando o número de municípios de forma que a disposição espacial permitisse o fácil acesso do pesquisador. A região escolhida se limita à Região Conurbada<sup>1</sup> da capital catarinense que compreende os municípios de Florianópolis, São José, Palhoça, Biguaçu e Santo Amaro da Imperatriz. O segundo passo foi o de **selecionar quatro grupos de cultura popular que estivessem inseridos na atividade turística da região** ou que demonstrassem condições para esta inserção, mesmo que optassem por não fazê-la. Selecionados os casos, seguiu-se a **identificação das práticas organizativas destes grupos.** Por fim, buscou-se **refletir a respeito das repercussões da utilização destas manifestações da cultura popular como atrativo turístico nas práticas organizativas identificadas.**

---

<sup>1</sup> A Região Conurbada de Florianópolis foi oficializada pela lei número 162/98 do Estado de Santa Catarina abrangendo os municípios de Biguaçu, Palhoça, São José e Florianópolis. O município de Santo Amaro da Imperatriz foi agregado à pesquisa pela sua proximidade com a região e por ter sido parte do território das cidades de Palhoça e São José, conferindo-lhe traços culturais semelhantes (SILVA, 2006).

## 1.2 JUSTIFICATIVA

As inquietações que resultam neste estudo são múltiplas e podem estar relacionadas a aspectos teóricos ou práticos. Aos teóricos se destacam a preocupação em compreender o processo de transformação pelo qual as organizações do campo da cultura têm sido submetidas. A valorização da cultura popular enquanto formadora de grupos sociais que buscam uma identidade contrapõe, em alguns aspectos, com a incorporação de manifestações culturais enquanto atrativos comercializáveis pelo turismo. Se por um lado a atividade turística pode revitalizar manifestações esquecidas, por outro há o risco de descaracterização destas manifestações devido as suas interferência.

No intuito de instigar uma discussão acerca da relação existente entre cultura e turismo, Barreto (2000, p.30) traz alguns questionamentos pertinentes ao presente estudo como: que repercussões, na história e na cultura locais, são provocadas pela criação de cenários para os turistas? Que influências o turismo exerce sobre as tradições, o artesanato, a música? Haverá uma “cultura para o turista” e uma “cultura real”? Questões como estas têm sido, de acordo com a autora, pouco discutidas. Considera-se que as reflexões proporcionadas por esta pesquisa podem auxiliar na compreensão da relação entre turismo e cultura, tão comumente estabelecida, porém pouco discutida a partir de estudos empíricos.

Ao analisar os rituais religiosos de Bumba-meu-boi do Maranhão e ternos de congos do interior de Minas Gerais e São Paulo, Brandão (2003) destaca que os grupos populares produtores da cultura do folclore aprendem a conviver com as divisões sociais e com os padrões capitalistas de trocas de bens simbólicos. Neste sentido, “aprendem a oscilar entre o teor comunitário (o reforçador da identidade de classe, de lugar, de etnia), o teor religioso (a devoção, a obrigação) e as vantagens empresariais de tornar o ritual um espetáculo passível se ser colocado no mercado das festas e de outros produtos do folclore” (Brandão, 2003, p.100). Ao tratar do assunto, Arantes (1985, p.19-20) comenta que:

A produção empresarial da arte ‘popular’ – qualquer que seja a orientação ideológica e política de seus responsáveis – retira-lhe duas dimensões sociais fundamentais. Alterando data, local de apresentação e a própria organização do grupo artístico, ela transforma em produto terminal, evento isolado ou coisa, aquilo que, em seu contexto de ocorrência, é o ponto culminante de um processo que parte de um grupo social e a ele retorna, sendo indissociável da vida desse grupo. Os gestos, os movimentos e as palavras, em que pese todo o aperfeiçoamento técnico possível, tendem a perder o seu significado primordial. Eles deixam de ser signos de uma determinada cultura para se tornarem ‘representações’ que ‘outros’ se fazem dela.

Mesmo expostas a influências externas, organizações do campo da cultura podem ser consideradas, devido a sua natureza, como espaços sociais de interação em que predominam valores alheios aos econômicos. Compreender até que ponto organizações deste tipo podem refletir formas de gestão que se afastem do modelo burocrático-empresarial dominante parece importante consideração. Soma-se a isto a necessidade de estudos de organizações do campo da cultura popular sob um enfoque organizacional para que suas características sejam identificadas e analisadas.

De ordem prática, destaca-se a importância atribuída ao turismo como propulsor do desenvolvimento econômico como afirma Barreto (2000) ao apontar que diante das expectativas dos governos de que o turismo se constitua em uma das mais importantes saídas para a geração de divisas, parece imprescindível a realização de pesquisas que forneçam subsídios para um planejamento responsável da atividade turístico.

Em Florianópolis, a exemplo de outras cidades turísticas, a preocupação com o tema se justifica pelas possibilidades de estímulos existentes para a transformação de manifestações culturais locais em atrativos turísticos. Neste sentido, é importante observar se a lógica do mercado tem exercido influências significativas que porventura possam resultar na alteração dos objetivos originais de organizações do campo do folclore bem como em suas práticas organizativas.

De outro modo, demonstra-se que, no campo do folclore em Florianópolis, a preocupação com a autenticidade das manifestações folclóricas e, por conseguinte, com os seus objetivos iniciais, pode estar sendo afetada pela inserção da lógica mercantil no campo. Esta constatação pode ser evidenciada no trecho extraído de uma publicação da Fundação Franklin Cascaes, importante instituição governamental vinculada à Prefeitura da cidade:

Onde quer que se tenha desenvolvido uma indústria do turismo que, como atividade econômica, move-se pela lógica do lucro, elas [as danças folclóricas] acabam por se tornar a melhor embalagem para um produto, que se destina a um tipo especial de consumidor que quer comprar o típico, o diferente, o exótico, sem se importar muito com a sua autenticidade (FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, 1995).

Neste sentido, o entendimento deste processo pode auxiliar os grupos folclóricos na compreensão dos impactos organizacionais ocasionados pela transformação de suas manifestações culturais em produto.

## **2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS**

Este capítulo tem o objetivo de destacar o embasamento teórico relacionado aos temas analisados neste trabalho. Neste sentido, busca-se, a partir deste momento, a explanação e discussão das diversas linhas teóricas que contemplam os aspectos relacionados ao turismo como propulsor do desenvolvimento econômico e suas implicações à cultura local. Prossegue-se com uma discussão acerca do folclore como expressão da cultura e das práticas organizativas como dimensão analítica do comportamento organizacional.

### **2. 1 TURISMO COMO ATIVIDADE ECONÔMICA E SEUS IMPACTOS NA CULTURA LOCAL**

A contribuição econômica do turismo como setor produtivo é notória e tem desencadeado diversos estudos que buscam aprofundar o conhecimento da comunidade científica acerca deste tema. O argumento econômico que legitima a importância deste setor tem norteado as pesquisas, restritas, muitas vezes, ao campo da economia e da administração. Neste sentido, Barreto (2000, p.17) afirma que “a literatura científica sobre o turismo, em sua maior parte, refere-se à descrição do fenômeno, com vistas a sua administração e gerenciamento. Conforme o autor, o turismo como fenômeno socioantropológico tem sido pouco estudado”.

Barreto (2000) complementa que a visão do turismo como comércio ou indústria tem se mostrado predominante, refletindo na escassez de estudos científicos que busquem o entendimento deste fenômeno social. Isto acontece porque, de acordo com a autora, o crescimento do turismo tem ocorrido ao “sabor do mercado”, desconsiderando o papel e a importância dos demais atores sociais em sua dinâmica. Da mesma forma, Serrano (1997, apud SERRANO; BHUNS e LUCHIARI, 2000) coloca que as implicações sociais, econômicas, espaciais e culturais do deslocamento de turistas têm se mostrado como objeto de estudos apenas no que se referem a sua transformação em elemento de consumo de massa, com ênfase nos aspectos técnicos, operacionais e econômicos.

Seguindo esta lógica de argumentação Ouriques (2005, p.25), em sua perspectiva crítica da atividade turística, enfatiza que: “o turismo deve ser estudado no contexto da



mercantilização progressiva de todos os aspectos da vida, de controle e apropriação de todos os espaços possíveis e imagináveis por parte do capital”.

Boullón (1985) destaca que desde que o turismo adquiriu a importância a ele atribuída, o conhecimento analítico a seu respeito vem se concretizando lentamente. Entretanto, este conhecimento não deriva de uma investigação sistemática e sim como resultado de uma série de estudos individuais que ainda não possibilitaram a construção de um corpo teórico consistente. O autor ressalta que esta falta de integração se deve, em parte, à ausência de confrontações que permitam conhecer e comparar todas as idéias que circulam no ambiente turístico e à existência de códigos distintos para expressar o significado de coisas semelhantes. O autor considera que a acumulação de conhecimentos sobre determinado tema só alcança a categoria de ciência após cumprir uma série de requisitos que, em seu entendimento, ainda não foram contemplados pelo turismo.

Não se trata em dizer que a prática do turismo não desenvolva idéias. Entretanto, elas estão desconectadas, sobretudo as originadas em outras disciplinas. Neste sentido o autor afirma: “a precisão, a ordem e a relação lógica entre os conceitos básicos são pressupostos indispensáveis para que o pensamento possa elaborar outros conceitos derivados dos anteriores, que sejam mais específicos, de tal maneira que o conjunto explique teoricamente algum feito da realidade” (BOULLÓN, 1985, p. 16).

Outra constatação destacada pelo autor é a da utilização de termos como “indústria sem chaminé” para se referir à atividade turística. Isto se deve ao fato de que o estudo do turismo começou a partir dos resultados econômicos proporcionados pela entrada de divisas advindas do deslocamento de pessoas para outros países. Neste sentido, o turismo passa a ser considerado um produto exportável, e como a maioria daquilo que é exportado é produto industrial, passou-se a designar a atividade turística como uma indústria.

Além disso, Boullón (1985) ressalta que a expressão “indústria sem chaminé” foi utilizada inicialmente no sentido figurado para destacar a importância do setor em comparação com o setor industrial e que posteriormente acabou sendo utilizado em seu sentido literal. No entanto, para esse autor, o turismo é uma forma de consumir, algo como um canal que reúne uma demanda especial de qualquer tipo de bens ou serviços produzidos por outros setores, adicionado de serviços especiais destinados a atender as necessidades dos viajantes. Por este motivo, o turismo pertence ao setor terciário (comércio e serviços) e não ao secundário (indústria).

Os argumentos de Boullón (1985) servem, em parte, para compreender a ênfase econômica evidenciada nos estudos sobre turismo, elemento também destacado por Serrano, Bruhns e Luchiari (2000). Para estas autoras, entretanto, as discussões acerca das relações entre turismo e meio ambiente, evidenciadas a partir da década de 1980, culminaram na lenta mudança de foco das questões técnico-administrativas para outras mais abrangentes. A origem destas discussões se deu “quando as fronteiras do turismo de massa se expandiram até tocar comunidades e etnias que mantinham um contato ainda pequeno com a sociedade ocidental” (SERRANO; BHUNS e LUCHIARI, 2000, p.9) resultando em conflitos que despertaram a preocupação de antropólogos e outros cientistas sociais com relação a essa forma de ‘troca’ entre culturas.

Partindo-se dos pressupostos desenvolvidos pelos autores acima citados, busca-se a partir deste momento um maior esclarecimento do que vem a ser o turismo como atividade econômica e suas implicações no desenvolvimento das regiões. Para Schwink (apud BONALD, 1986): “o turismo é o movimento de pessoas que abandonam temporariamente o lugar de sua residência permanente, por qualquer motivo relacionado ao espírito, seu corpo e sua profissão”. Neste conceito, destacam-se os aspectos da temporalidade que caracteriza as viagens de turismo e os motivos que levam as pessoas a se deslocarem para determinado lugar.

Boullón (1985, p.30) apresenta um conceito no qual o turismo caracteriza-se como “uma viagem em que se regressa a ponto de partida, uma viagem circular, usualmente por negócios, prazer ou educação durante a qual se visitam vários lugares e para a qual se planeja um itinerário”. O autor destaca, mais uma vez, o caráter temporário típico de uma viagem turística, acrescentando a necessidade de planejamento de um itinerário que possibilite a visitação de diversos lugares, além de demonstrar a diversidade de motivos determinantes de uma viagem. Britto e Fontes (2002) colocam que ao se falar em turismo, remete-se a viagens, hotéis, compras, etc. Neste sentido, as pessoas se deslocam de seus locais de origem em busca de atrativos, serviços e mercadorias oferecidas por outros locais, nos quais permanecem por um determinado período estabelecendo relações de troca.

As relações de troca (de dinheiro por mercadorias e serviços turísticos) dão origem ao mercado turístico. As autoras ressaltam que a estabilidade deste mercado depende dos atrativos oferecidos pela localidade. Em cidades com oferta diversificada, inúmeros atrativos e boa estrutura de serviços para o atendimento do turista, o fluxo de visitantes em busca destes atrativos se estenderá ao longo do ano. De outro modo, se o principal atrativo de

uma cidade está limitado a praias, por exemplo, a procura por turista se restringirá ao verão. Assim, a capacidade de atendimento de hotéis, restaurantes, lojas, sistemas de transporte, etc., fica supercarregada neste período, enquanto que no inverno, a baixa visitação resulta na ociosidade dos empreendimentos, equipamentos e serviços e gera alta dos custos e a pouca fluidez dos recursos financeiros (BRITTO; FONTES, 2002).

A capacidade de geração de atrativos pode, então, determinar a intensidade com que a atividade turística será explorada em uma localidade. Mesmo que as condições naturais ou ambientais restrinjam o potencial turístico, ele pode ser reforçado pela geração de espaços ou “produtos” que possam ser comercializados independentemente dos aspectos naturais. Esta constatação pode ser evidenciada através do que coloca Luchiari (2000, p.106) ao enfatizar que esta atividade econômica não depende mais exclusivamente de uma “vocação natural”: “pois pode ser construída artificialmente pelo poder econômico e político, pela criação de parques temáticos, de uma natureza artificial, de uma autenticidade histórica reinventada para saborearmos costumes, hábitos e tradições...”. Do ponto de vista comercial, o turismo pode ser considerado um produto que se utiliza dos recursos naturais ou culturais como matéria-prima, acrescidos de equipamentos para a prestação de serviços como hospedagem, alimentação e recreação, cujo acesso é possibilitado por meios de transporte (BARRETO, 2000).

Os atrativos turísticos, tornados produtos e comercializados como mercadorias, podem ser constituídos de elementos naturais (paisagem e espaços naturais) ou culturais. A cultura local se caracteriza como uma das mais importantes motivações das viagens turísticas (RUSCHMANN, 1997). Ouriques (2005, p.111) coloca que a “cultura local” há tempos se configura como um produto do turismo. No sentido de ilustrar este fenômeno, o autor demonstra algumas frases retiradas de textos que reproduzem folhetos publicitários de agências de viagem: “No frio polar, aprenda a construir seu próprio iglu como os esquimós; Participe do festival budista no Himalaia, em que as danças com máscaras são um espetáculo à parte; Os camponeses peruanos e suas lhamas conduzirão você às fontes da cultura andina”.

Ritchie e Zins (apud RUSCHMANN, 1997) apontam alguns elementos da cultura que servem de estímulo para que um turista visite uma localidade: artesanato, idioma, tradições, gastronomia, artes, música, história regional, arquitetura, manifestações religiosas, vestuário, atividades de lazer. Dentre estas, destacam os autores, o artesanato, a gastronomia, as tradições, a história, a arquitetura e as atividades de lazer exercem maior força de atração que os demais.

Ruschmann (1997) destaca que os estudos, sobretudo no exterior, que buscam identificar as conseqüências do turismo sobre a cultura das regiões visitadas têm demonstrado aspectos positivos e negativos para estas culturas. Os aspectos negativos estão ligados ao turismo de massa e representados pelos riscos de comprometimento da autenticidade e da espontaneidade das manifestações culturais. De outro modo, há os que defendem o turismo como responsável pelo “renascimento” de culturas antes extintas. Neste sentido, o autor demonstra uma relação dos impactos culturais observados em algumas pesquisas e em reflexões sobre o tema como pode ser visto na tabela 1:

**Tabela 1: Impactos culturais do turismo**

<b>Impactos culturais favoráveis</b>	<b>Impactos culturais desfavoráveis</b>
Valorização do artesanato – revitalização do artesanato, quase extinto, em Chipre (KADT, 1984) devido ao interesse demonstrado pelos turistas. Retomada da técnica milenar de fabricação da cerâmica. A valorização da cerâmica marajoara, bem como a de outros tipos de olaria, de artigos de palha e vime caracteriza esse aspecto no Brasil.	Descaracterização do artesanato – a produção voltada para o consumo do turista (souvenir) descaracteriza a função original dos objetos, tornando-os simplesmente decorativos. Mathieson e Wall (1988) chamam isto de “arte de aeroporto”, uma arte pseudotradicional. São obras estilizadas que mantêm uma relação muito tênue com a cultura que as originou.
Valorização da herança cultural – Boissevain e Inglot (1984) evidenciaram que o turismo em Malta proporcionou a valorização da cultura pelos próprios moradores. Neste sentido, as artes, o teatro, o artesanato, a música, a gastronomia e as cerimônias religiosas – fotografadas e filmadas pelos turistas, tornaram-se orgulhos da comunidade. No Brasil, as festas religiosas do Círio de Nazaré, no Pará, e a encenação da Paixão de Cristo, em Pernambuco, são exemplos deste fenômeno.	Vulgarização das manifestações tradicionais – as ações mercadológicas do turismo geralmente apresentam as cerimônias tradicionais, os festivais e os costumes através de shows especialmente preparados para atender à curiosidade e ao interesse dos visitantes. São espetáculos estudados, pré-arranjados, que transformam a cultura local em ritual de entretenimento. Foi o que aconteceu com o carnaval do Rio de Janeiro: uma festa popular transformada em espetáculo.
Orgulho étnico – Nas Ilhas Seychelles (Oceano Índico), um estudo revelou que o idioma crioulo voltou a ser falado, deixando de caracterizar um sinal de ignorância, inferioridade ou condição social mais baixa. As canções e músicas folclóricas crioulas passaram a ser cantadas por artistas locais e ganharam mais espaço nas emissoras de rádio. No Brasil, a Oktoberfest em Blumenau é um exemplo de como o orgulho étnico pode ser propiciado pelo turismo.	Arrogância cultural – pode estar expressa no distanciamento entre turistas (acomodados em confortáveis poltronas, em ambiente climatizado) e nativos no momento das apresentações folclóricas. Ou na utilização de figuras e desenhos de rituais sagrados para decorar hotéis ou restaurantes. Assim como a utilização de vestimentas próprias de ocasiões festivas ou religiosas em porteiros, garçons ou camareiras.
Valorização e preservação do patrimônio histórico – monumentos e prédios com valor histórico, em função do seu potencial de atratividade turística, passam a receber a atenção dos governos e instituições privadas, que os restauram e os conservam. Ouro Preto, em Minas Gerais, Olinda, em Pernambuco e o Pelourinho na Bahia, são exemplos de como o turismo atrai a atenção para a preservação do patrimônio histórico.	Destruição do patrimônio histórico – o acesso de grande número de turistas pode comprometer as estruturas de bens históricos devido à circulação excessiva de turistas ou de suas ações depredatórias, nem sempre controláveis. Em Roma os atos de vandalismo resultaram na restrição ao acesso a vários locais. No Brasil, os dedos quebrados dos profetas esculpidos por Aleijadinho em Minas Gerais fizeram com que se cogitasse a substituição por réplicas para preservar os originais.

*Fonte: Adaptado de Ruschmann (1997, p.51-55).*

Ouriques (2005) também demonstra alguns exemplos da influência da inserção da lógica capitalista no âmbito da cultura popular proporcionada ou estimulada pelo turismo. De acordo com o autor, mesmo os povos indígenas assimilaram esta lógica. Na ocasião da comemoração do 500 anos do Brasil, em Porto Seguro, a comunidade indígena assimilou a existência de um “pajé para turista”, cuja função era a de se vestir como pajé, proferir algumas palavras em tupi e se deixar fotografar dentro de uma oca em troca de alguns reais. Outro exemplo dado pelo autor é o Carnaval. No Rio de Janeiro, o preço dos ingressos e fantasias e a comercialização das imagens transmitidas pela televisão são expressões do que o autor chama de “espetáculo mercantil”. Na Bahia, os cordões de isolamento dos trios e as camisetas que dão direito a participar do trio distinguem os que podem e os que não podem participar do espetáculo.

Benjamin (2004) destaca que a apropriação pelos órgãos governamentais, dos rituais, folguedos e danças de caráter comunitário, para convertê-los em espetáculos e utilizá-los como atração turística apresenta mais de uma modalidade. A primeira delas são os mega-eventos. O autor ressalta que celebrações tradicionais são apropriadas pelo Governo ou por empresas de comunicação de massa com o patrocínio de grandes empresas. Isto resulta em mudanças de locais onde ocorriam estas manifestações e até datas do calendário festivo. Outra modalidade de acordo com Benjamin (2004) é a realização de shows para turistas. Neste caso, as manifestações tradicionais são deslocadas para espaços públicos e privados que atendam às exigências de higiene e segurança que possibilitem a tranquilidade do turista. Conseqüentemente, “os locais se encontram fora dos contextos comunitários e os horários são estabelecidos segundo o interesse dos organismos produtores, reduzindo-se o tempo de apresentação e o número de personagens a afim de se adequar a esses esquemas” (BENJAMIN, 2004, p.90). Madeiro e Carvalho (2003, p.197), de maneira semelhante, quando analisam o processo de transformação do Carnaval ressaltam o surgimento do que os autores chamaram de ‘carnaval organizacional’:

A lógica de mercado perpassa todas as ações dentro do campo. As classes populares foram excluídas da festa, são meros espectadores, e o carnaval brasileiro virou um espetáculo de exibição internacional, que reforça estereótipos que vêm dos tempos coloniais. As organizações tradicionais do carnaval, por outro lado, se vêem obrigadas a se adaptar ao novo habitus do campo, sob pena de se extinguirem.

Figueiredo (apud OURIQUES, 2005, p.139) em pesquisa sobre a influência do turismo nas transformações do carimbó, uma dança de roda praticada no município de Soure no Pará, destaca:

[...] ele agora já não é dançado nas festas da comunidade, e sim realizado nos salões dos hotéis ou em festivais programados;[...] o ritmo torna-se rápido; os turistas são chamados a participar; enfim, o que antes era lazer, dançado em todas as festas, transforma-se em espetáculo, em que cada apresentação precisa de uma 'produção', ainda que pequena. O turismo, com certeza, transforma o brincante em componente de grupo parafolclórico.

Gameiro, Menezes e Carvalho (2003), verificaram que grupos de Maracatu pernambucano, a fim de obterem legitimidade de suas ações perante o público, têm sofrido fortes influências na estética de suas apresentações e na organização de suas ações. O turismo pode, então, induzir à produção de atrações inventadas a partir da cultura local, nas quais há uma valorização excessiva da técnica em detrimento da própria autenticidade (LUCIARI, 2000). Mesmo que a função social de determinadas formas e práticas locais não seja mais a mesma, “o turismo reinventa e cria novas funções, recupera antigas práticas e bens culturais por meio do folclore, e monta atrações turísticas para a região” (LUCIARI, 2000, p.106).

Observa-se nestas pesquisas uma forte influência do turismo na transformação da cultura local quando explorada como atrativo turístico. O turismo tem a sua importância como propulsor de desenvolvimento econômico de diferentes regiões ao se configurar como uma alternativa de emprego e renda para as localidades, no entanto aquilo que interessa neste trabalho de pesquisa são os reflexos desta atividade na cultura local e, principalmente, nas configurações organizacionais que a expressam.

## 2.2 FOLCLORE E CULTURA POPULAR

Descrito o panorama no qual o turismo se insere como forte influência na cultura local, expresse, principalmente, pela sua apropriação como produto, parte-se para uma explanação dos conceitos acerca do folclore e de sua importância como expressão da cultura popular. Muito antes do surgimento do termo folclore os costumes e tradições populares vinham sendo estudados por historiadores, arqueólogos, antropólogos, lingüistas, sociólogos e outros especialistas (BRANDÃO, 1994). A origem do termo, entretanto, é atribuída ao antropólogo inglês William John Thomas que em artigo publicado em um jornal londrino de 1846 chamava a atenção de que os fatos até então designados como antiguidades populares constituíam um saber popular. Neste sentido, propôs a utilização de uma palavra anglo-saxônica para designá-los: *folklore* (**folk**: povo; **lore**:saber) (BRANDÃO, 1994; CABRAL, 1954; SOARES, 2002). A proposta de Thomas demorou trinta e dois anos para ser completamente aceita por estudiosos da área e somente em 1878 com a fundação da Sociedade de Folclore em Londres a designação *folklore* foi finalmente confirmada (BRANDÃO, 1994; SOARES, 2002, LIMA, 2003).

Brandão (1994) enumera os objetos de estudo da fundação britânica: as narrativas tradicionais (contos populares, mitos, canções, lendas e estórias), os costumes tradicionais transmitidos oralmente entre as gerações, os códigos sociais de orientação da conduta, as celebrações cerimoniais populares, os sistemas populares de crenças e superstições, os sistemas e formas populares de linguagem (dialetos, ditos, frases feitas, refrões e adivinhas). A delimitação conceitual de folclore, todavia, tem demonstrado divergência na literatura. Brandão (1994) destaca que, para alguns, folclore é tudo aquilo que o homem do povo faz e reproduz como tradição. Para outros, é só uma pequena parte das tradições populares. Cascudo (2001) argumenta que os problemas de delimitação do campo de estudo do folclore são idênticos aos das ciências em fase de desenvolvimento. Cabral (1954), por sua vez, ressalta que a definição do folclore decorre da maior ou menor amplitude dos objetivos dos autores e de suas tendências “escolásticas”. Neste sentido, o autor resgata considerável número de conceitos sobre o tema e propõe uma definição na busca de sintetizar o pensamento predominante e geralmente aceito:

Folclore é um ramo da antropologia que estuda todas as manifestações e aplicações coletivas da cultura vulgar, mantidas geralmente pela tradição, paralelamente às oriundas do saber erudito, entre grupos de cultura superior, quaisquer que sejam as modalidades sob as quais se apresentem (CABRAL, 1954, p. 34).

Cascudo (2001, p.240), por sua vez, indica o folclore como sendo “a cultura do popular, tornada normativa pela tradição”. Para este autor, “o folclore estuda todas as manifestações tradicionais na vida coletiva” (CASCUDO, p.241). Ainda na compreensão do conceito de folclore, tem-se o VIII Congresso Brasileiro de Folclore realizado em 1995, o qual procedeu à releitura da Carta do Folclore Brasileiro de 1951. Esta releitura, motivada pelas transformações da sociedade brasileira e pelo progresso das Ciências Humanas e Sociais, contou com a participação de diversos estudiosos do folclore e levou em consideração também as Recomendações da UNESCO sobre Salvaguarda do Folclore, expressas em documento aprovado em 15 de novembro de 1989 (VII CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 1995). Nesta ocasião, definiu-se que:

Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais econômicos específicos (VII Congresso Brasileiro de Folclore, 1995, p.197).

De acordo com Fernandes (1989, p.25), a Comissão Paulista de Folclore considera como fato folclórico “toda maneira de sentir, pensar e agir, que os membros da coletividade exprimem ou identificam como seu, sem que a isto sejam levados por influência direta ou instituições estabelecidas”. Sendo assim, destaca o autor, a espontaneidade e o poder de motivação da coletividade caracterizam o fato folclórico.

Cabral (1954) destaca que os elementos de uma cultura podem estar ligados a três aspectos: os relacionados à vida material (alimentação, armas, utensílios, transportes), à vida social (família, educação, saúde, higiene, controle social) ou à vida mental (concepção de mundo, crenças religiosas, mitos, artes plásticas, música, dança).

Estes elementos, sujeitos aos contínuos processos de modificação, estão estreitamente relacionados ao que o autor chama de fatos folclóricos e que, assim como a



cultura vulgar (ou popular), apresentam quatro traços fundamentais discutidos a seguir: a adoção pelo grupo do elemento criado ou emprestado, ou seja a sua **generalização**; a transmissibilidade verificada de uma geração a outra, ou seja a **tradição**; a **oralidade**, devida ao desconhecimento do registro escrito como processo de transmissão e conservação da cultura; e a perda pelo grupo do conhecimento ou da lembrança do criador, resultando no **anonimato** (CABRAL, 1954).

A questão do anonimato tem sido progressivamente relativizada. Deixava de fora, por exemplo, o artesanato e a poesia dos repentistas, cujos autores são identificados no ato da sua criação. Isto porque, todos os fatos culturais têm um autor na sua origem, embora no processo de aceitação pública possa haver despersonalização, perdendo-se a referência autoral. Assim, mesmo quando não se perdeu a referência autoral e houve aceitação coletiva, há que se considerar tal fato como folclórico (ALMEIDA, 1957).

Ainda sobre a autoria, Brandão (1994, p.37) coloca que, mesmo sendo uma produção pessoal, o folclore tem sua autoria caracterizada como de “domínio público” devido a sua reprodução coletivizada ao longo do tempo. Neste sentido, “justamente porque foram aceitas [as manifestações da cultura], coletivizadas, com o tempo a memória oral, que é o caminho por onde flui o saber do folclore, esqueceu autorias, modificou elementos de origens e retraduziu tudo como um conhecimento coletivo, popular” (BRANDÃO, 1994, p.34).

O requisito da transmissão oral ou oralidade no folclore, isto é, o fato da aprendizagem ocorrer, de maneira exclusiva, por essa forma de transmissão, também tem sido discutida por estudiosos da área. Tomada em termos absoluto, essa característica também exclui o artesanato e as técnicas populares, além da literatura de cordel e outras manifestações escritas. Caso se refira somente à fala, deixa de lado outros aspectos da cultura, desconsiderando que o aprendizado também pode se dar de outras formas, como por meio da observação e da iniciação ao trabalho. Estudos no âmbito da literatura popular vêm redimensionando o conceito de oralidade, a partir da constatação da existência de matrizes escritas na transmissão oral, isto é, o que se presumia que houvesse sido transmitido oralmente teve uma fase de transmissão através da escrita, como em alguns contos populares (ALMEIDA, 1957).

A característica de antiguidade, que para alguns folcloristas era condição do fato folclórico, por sua vez, tem sido redefinida já que a sua significação era entendida ao pé da letra: velho, entrado em anos. Como lembra Carvalho-Neto (1989), antiguidade chegou a ser sinônimo de ciência folclórica, negando-se o reconhecimento da criação de novos fatos

folclóricos – o chamado “folclore nascente”, como as lendas e mitos urbanos. Neste sentido, aceitar a condição da antiguidade é negar a capacidade criativa que vem do povo. De fato, ninguém duvidará que um escritor erudito crie um conto ou um poema novo (ALMEIDA, 1957).

Apesar destes questionamentos, Neto e Silva (2004) destacam que estas concepções não foram substancialmente alteradas e ainda se podem observar os seus resquícios em obras recentes de folcloristas brasileiros. No Brasil, os trabalhos de Câmara Cascudo e Renato Almeida são importantes para se compreender a evolução das concepções sobre o que seja folclore. Foram os trabalhos destes e de outros folcloristas que fizeram evoluir no país as concepções sobre o que é folclore, resultando, em 1951, na Carta do Folclore Brasileiro, na qual o fato folclórico era assim definido: “as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam à conservação e renovação do patrimônio científico e artístico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica” (VII CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 1995, p224).

Neto e Silva (2004) colocam que a Carta do Folclore Brasileiro considerava que deveriam ser reconhecidos como realidade folclórica os fatos sem o fundamento tradicional, bastando que apresentassem a característica de aceitação coletiva e que fossem essencialmente populares, anônimos ou não, isto é: caíam os atributos de antiguidade, oralidade e anonimato, ficando relativizada a condição de tradicionalidade, consagrando a aceitação coletiva como a característica marcante do fato folclórico.

A aceitação coletiva, ou seja, que a manifestação cultural seja do gosto, do agrado coletivo, de prática generalizada (NETO E SILVA, 2004) tem sido usada na reinteração do anonimato. Para alguns folcloristas, a criação de um autor conhecido passa a ser folclórica quando há aceitação coletiva, quando passa a ser considerada patrimônio comum do grupo e ocorrem adições, variações e reinterpretações. É também a aceitação coletiva que torna possível considerar folclóricos os fatos originários da cultura da elite e da cultura de massa que tenham sido aceitos e reinterpretados pelo povo (NETO E SILVA, 2004).

Fernandes (1989), ao falar do poder de motivação do fato folclórico sobre a coletividade, salienta que, como expressão da experiência coletiva, ele é constantemente vivido e revivido, inspirando e orientando o comportamento coletivo.

Tradicionalidade é talvez a característica básica dos fatos folclóricos. É a linha divisória que se coloca entre aquilo que é popular urbano, como as canções populares que tocam no rádio, e aquilo que é folclórico (NETO E SILVA, 2004). É necessário se considerar, por outro lado, que há fatos tradicionais que não são folclóricos – como certas tradições cívicas, maçônicas, religiosas, etc. A tradicionalidade é hoje entendida como uma continuidade, na qual os fatos novos se inserem sem uma ruptura com o passado, na verdade eles se constroem sobre esse passado. Exemplo disto são os materiais novos com que se refazem peças de vestuário cuja matéria prima tornou-se escassa ou inacessível, como as penas de ema que compunham os adereços dos caboclinhos, substituídas por plumas sintéticas; são as gírias que se agregam a velhos contos; são as lendas reinterpretadas; é o automóvel e o avião substituindo o cavalo e a carruagem em narrativas tradicionais (NETO E SILVA, 2004).

A funcionalidade é outro traço fundamental do tema, segundo a qual os fatos folclóricos integram sistemas culturais, exercendo funções e, portanto, não se constituindo em traços isolados. O fato folclórico é vivenciado no contexto social, econômico e político. As técnicas de cestaria e de cerâmica utilitária – que tiveram o seu mercado tradicional reduzido pelo uso de objetos de alumínio e plástico – encontram a possibilidade da sua sobrevivência na mutação da função de utilitário para decorativo (NETO E SILVA, 2004).

De acordo com a dinamicidade, todos os fatos culturais estão sujeitos à evolução constante e, assim, não se admite o entendimento do folclore meramente como uma sobrevivência do passado. Há fatos novos no folclore, decorrentes da criação contemporânea do povo e folclorização dos fatos, manifestações eruditas ou da cultura de massas, que estão sendo contemplados com a aceitação coletiva. As migrações internas, a escolarização, a exposição à comunicação de massas e o acesso a novas tecnologias podem ser citados como alguns fatos que interferem na dinâmica cultural atual (NETO E SILVA, 2004).

Embora estando ligado às tradições populares, o folclore não deve ser imaginado como “a pura sobrevivência intocada” de expressões culturais de um povo (BRANDÃO, 1994, p.37). Neste sentido, Cascudo (2001) ressalta que no folclore está embutida uma quarta dimensão sensível ao ambiente. Assim, “não apenas conserva, depende e mantém os padrões de entendimento e da ação, mas remodela, refaz ou abandona elementos que se esvaziaram de motivos ou finalidades indispensáveis a determinadas seqüências ou presença grupal” (CASCUDO, 2001, p.240). Da mesma forma, Brandão (1994) coloca que a reprodução do saber, da crença ou da arte em determinado grupo social ocorre enquanto estes se apresentam

vivos, dinâmicos e significativos para a vida e circulação de bens, de ritos ou de símbolos entre as pessoas. No mesmo momento que resistem ao desaparecimento, eles se modificam, mantendo os traços originais em uma estrutura básica.

Fernandes (1989) por sua vez, argumenta que, por ser uma expressão da experiência, o fato folclórico é sempre atual, e constantemente submetido a uma reutilização. Neste sentido afirma: “portanto, sua concepção como sobrevivência, como anacronismo ou vestígio de um passado mais ou menos remoto, reflete o etnocentrismo ou outro preconceito do observador estranho à coletividade, que o leva a reputar como mortos ou em via de desaparecimento os modos de sentir, pensar e agir desta” (FERNANDES, 1989, p.25).

As razões para as modificações e adaptações podem ser de ordem pessoal e estão relacionadas à capacidade de criar e recriar do ser humano. A um mesmo canto, dança ou artesanato podem ser agregados traços pessoais de seu criador ou intérprete. Há ainda razões de outra natureza, relacionadas à disponibilidade de materiais para a fabricação dos objetos ou às condições para a execução das manifestações folclóricas (BRANDÃO, 1994). Este mesmo autor demonstra, através de exemplos, como isto pode ocorrer. Assim, as mudanças podem resultar da redução do número de atores de um grupo de Bumba Meu Boi, obrigando-os a uma diminuição do número de personagens.

Da mesma forma, o desaparecimento de determinado material e o surgimento de outros determinam alterações na feitura do artesanato, da vestimenta e dos instrumentos utilizados. O próprio contexto social em que um ritual é praticado pode influenciar a forma de executá-lo. “Um ritual praticado em um contexto camponês pode ser modificado substancialmente quando os seus praticantes migram para a periferia da cidade e saem do trabalho com a terra para um trabalho operário” (BRANDÃO, p.40, 1994).

Arantes (1981) coloca que a cultura é um processo dinâmico e que transformações positivas ocorrem mesmo quando se procure preservar a tradição no intuito de impedir a deterioração. Neste sentido afirma: “é possível preservar os objetos, os gestos, as palavras, os movimentos, as características plásticas exteriores, mas não se consegue evitar a mudança de significado que ocorre no momento em que se altera o contexto em que os eventos culturais são produzidos” (ARANTES, 1981, p.21-22).

A renovação das manifestações conforme proposição destes autores, entretanto, não contempla aquelas que resultam das exigências do mercado, sobretudo do turismo, que, na busca por um padrão estético, possam influenciar a forma com que são produzidas. Definir

o limite entre as modificações resultantes das contingências na produção das manifestações folclóricas e aquelas impostas pelo mercado, pode ser de extrema importância na compreensão deste processo.

### **2.3 PRÁTICAS ORGANIZATIVAS: DAS BUROCRACIAS AOS MODELOS ALTERNATIVOS DE GESTÃO**

A crescente preocupação observada nas linhas teóricas emergentes da teoria organizacional demonstra um interesse particular em entender e questionar a incorporação, cada vez mais acentuada, dos valores econômicos pelas diversas esferas sociais. Mesmo que a preocupação com o novo papel do mercado como norteador da conduta do homem moderno pareça eminente, são poucos os pensadores que têm demonstrado real empenho em tentar redefinir os limites de sua ação. Neste sentido dois autores brasileiros, Prestes Motta e Guerreiro Ramos, dão grandes contribuições ao entendimento desse processo.

Um aspecto ressaltado por esses dois autores diz respeito à forma com que a ciências sociais de forma geral, e a teoria das organizações em especial, têm sido desenvolvidas. Pautada em pressupostos que conferem ao mercado papel central na ordenação da vida humana, a teoria organizacional reproduz a hegemonia da técnica em detrimento de outros aspectos que constituem a complexa e multifacetada condição da vida social. Ressalta-se que o desenvolvimento científico, refletido no sistema de ensino e por ele reproduzido, tem responsabilidade central na difusão da lógica instrumental característica do imperativo da técnica e, muitas vezes, conflitante com a realização do indivíduo.

Neste sentido, Motta (1986, p.17) coloca que “o fato de vivermos em uma época que celebra a técnica de todas as formas é particularmente evidente e nocivo nas ciências sociais em geral e na teoria das organizações[...]”. Para Ramos (1989) a teoria organizacional vigente focaliza os temas organizacionais sob a perspectiva de critérios inerentes a uma sociedade em que o mercado desempenha o papel central. Além disso, ela negligência a interligação e interdependência das coisas ao considerá-las “confinadas em seções mecânicas de espaço e de tempo” (RAMOS, 1989, p.198). Entretanto, o autor ressalta que esta sociedade centrada no mercado e o caráter social que produz constituem eventos históricos recentes resultantes da revolução industrial ocorrida em poucos países centrais no Ocidente.

O enfoque enganoso dado pela ciência social convencional, e particularmente pela teoria organizacional, está ligado, de acordo com Ramos (1989), ao conceito de racionalidade que o permeia. O autor destaca que a teoria da organização, tal como estabelecida, é ingênua por se basear em uma racionalidade predominantemente instrumental inerente à ciência social dominante no Ocidente.

Atualmente, os pressupostos desta racionalidade funcional confundem-se, inclusive, com o próprio conceito de razão. Neste sentido, Ramos (1989, p.2) aponta que até o século XVII “a razão era entendida como força ativa na psique humana que habilita o indivíduo a distinguir entre o bem e o mal, entre o conhecimento falso e verdadeiro e, assim, a ordenar sua vida pessoal e social”.

Na sociedade moderna, entretanto, a racionalidade se transformou em uma categoria sociomórfica ao ser interpretada como um atributo de processos históricos e sociais e não mais como uma força ativa da psique humana (RAMOS, 1989). Assim, nas sociedades industriais, “a lógica da racionalidade instrumental, que amplia o controle da natureza, ou seja, o desenvolvimento das forças produtoras, se tornou a lógica da vida humana em geral” (RAMOS, 1989, p.12). Neste contexto, até mesmo a subjetividade privada do indivíduo se torna prisioneira de uma razão instrumental.

Na atual configuração social a produção de bens e serviços é considerada um assunto puramente técnico em que a maximização de recursos é o principal objetivo. Ramos (1989, p.199) sugere, contudo, que a produção não deve ser considerada uma atividade apenas mecanomórfica, antes ela “é também um resultado da criativa satisfação que os homens encontram em si mesmos”. Como tal, não basta à produção garantir o fornecimento de bens em quantidade suficiente para suprir as necessidades humanas, cabe-lhe ainda a tarefa de prover ao homem “condições que lhe permitam atualizar sua natureza e apreciar o que faz para isso”.

O autor ressalta, ainda, que a produção não pode ser isolada de uma questão moral ao se considerar o seu impacto sobre a natureza como um todo. Por constituir um sistema vivo, a natureza só pode se manter na medida em que o seu processo de recuperação não seja interrompido em virtude dos meios de produção.

Ramos (1989) propõe uma teoria de delimitação dos sistemas sociais, a qual consiste em um modelo multidimensional para análise e o desenho de sistemas sociais, a partir do qual o mercado seria entendido como um enclave legítimo e necessário, porém

limitado e regulado. Essa abordagem sugere uma delimitação dos sistemas sociais que contraponha com a visão totalitária da influência do mercado na sociedade como um todo. Nesta concepção, a análise e planejamento dos sistemas sociais parte de um modelo multicêntrico e multifacetado para orientar a ordenação da vida pessoal e social.

A teoria de delimitação parece ser mais adequada e propicia uma análise mais ampla e abrangente dos diversos aspectos sociais que compõem o contexto em que as organizações modernas estão inseridas. Partir da premissa de que o ambiente, extremamente complexo, pode ser influenciado por aspectos alheios aos econômicos, amplia as possibilidades de análise e permite respostas que vão além da teoria econômica.

As evidências da incorporação da lógica utilitária das conseqüências nas diversas esferas sociais justificam a preocupação e a necessidade do surgimento de novos paradigmas que superem a visão reducionista do homem como um ser dotado de comportamento pautado primordialmente nos aspectos econômicos.

A preocupação demonstrada por Ramos (1989, p.195), entretanto, não pode ser confundida como uma negação ao mercado e suas funções: "... minha crítica da sociedade contemporânea centrada no mercado não deve ser interpretada como uma defesa da eliminação do mercado como um sistema social funcional". O autor deixa claro que, excluindo-se suas "injustificadas inclinações expansionistas" e os seus exageros políticos e sociais, o mercado tem um importante papel a desempenhar. Sugere, inclusive, que em sua análise do sistema de mercado há uma certa "tintura conservadora" ao considerá-lo como uma das formas mais viáveis e eficientes de possibilitar a produção em massa, a distribuição de bens e serviços e para organização de sistemas sociais de natureza econômica.

Motta (1986) destaca que a Administração, enquanto campo acadêmico, tem tido um progresso relativamente tímido. Isto porque "a organização burocrática não é estudada sistematicamente como produto de determinações históricas que refletem determinado estágio da economia e da técnica mas como um objeto natural, isto é, como a única forma existente e possível de organização" (MOTTA, 1986, p.13). As preocupações do autor com essa evidência tomam proporções ainda maiores já que defende o argumento de que a educação deve se comprometer com a construção de "um mundo melhor" para toda a sociedade, além da necessidade de haver um compromisso científico que oriente a academia. De acordo com o autor, as razões para essa omissão vão desde o autoritarismo que a sociedade brasileira experimentou por longo período, passando pelo tradicional compromisso do ensino e da pesquisa em Administração com o poder e as classes dominantes e os dogmatismos que

resultam desta relação. Destaca ainda que “não menos nocivos são certos dogmatismos que aparecem como ‘heresias’ e que, falando em nome da sociedade, também consagram e legitimam o poder” (MOTTA, 1986, p.13). Ele sugere que sua obra é uma tentativa de avançar na explicação das organizações existentes e suas alternativas, baseado num conhecimento comprometido com ideais de uma mudança social.

O autor coloca que o desenvolvimento da burocracia resulta em novo tipo de personalidade que se reflete em um padrão de comportamento cada vez mais generalizado. Neste sentido, o mundo em que vivem os burocratas, por ser fechado e altamente competitivo, leva a uma modificação dos seus valores e normas de conduta. Como resultado deste contexto os administradores e funcionários se tornam frios e impessoais. Motta (1986) aponta ainda que a organização burocrática implica a perda da consciência do próprio potencial e da experiência de vida por parte das pessoas. Essa perda leva a visão de que a organização é dotada de vida própria, acima de qualquer controle humano. Neste sentido, o comportamento do burocrata volta-se ao atendimento das exigências da “organização viva” (MOTTA, 1986). No intuito de justificar sua argumentação o autor retoma um estudo de Max Pagés no qual se observou que a grandeza da organização faz com que o indivíduo que nela trabalhe se sinta pequeno, desprotegido e dependente. Neste sentido a organização assume o papel de mãe poderosa e o temor pela perda do amor materno resulta na submissão do indivíduo à conformidade e rigidez. O autor destaca que por trás das críticas à burocracia há uma nítida imagem de roubo da vida, daquilo que pode ser mais valioso para o homem.

O início desse processo estaria na educação moderna convencional, confirmando a previsão de Weber de que os estudantes seriam as principais vítimas da burocratização. Isto porque a educação moderna raramente se preocupa com o desenvolvimento da pessoa. Ao contrário, opta, com a cumplicidade dos pais ansiosos por filhos bem sucedidos, pelo desenvolvimento funcional ou profissional. As instituições educacionais, em especial as universidades, nasceram como um espaço em que os discípulos se formavam de um relacionamento estreito com os mestres e a burocracia modificou estas relações tornando-as impessoais e funcionais. Nestes contextos, a vida escolar apresenta os mesmos traços das carreiras nas grandes burocracias. O autor demonstra, através do exemplo do que ocorre no ensino público na França, que a burocratização ocorre em três níveis: o do pessoal e de sua organização, o do trabalho e dos programas e o da inspeção e dos exames. Lá o concurso para o magistério é institucionalizado e mede a capacidade de adequação do candidato às normas da organização, ou seja, sua capacidade de adequação aos valores da instituição, aos



programas e aos métodos de trabalho dominantes. O docente, assim como o aluno, percorre vários níveis que vão da pré-escola à universidade. Sem a possibilidade de um acompanhamento personalizado (resultado de um sistema disfuncional), o papel dos exames e das notas é central no julgamento do desempenho. O processo seletivo que faz da educação formal uma pirâmide é também uma forma de administração da angústia onde o “bom aluno” é o merecedor do bom julgamento do professor. O professor, entretanto, não é culpado uma vez que só reproduz um sistema.

Motta (1986) destaca que para Etzioni<sup>2</sup> as organizações educacionais são organizações normativas, ou seja, caracterizadas pelo poder normativo como principal forma de controle sobre a maioria dos participantes dos níveis inferiores e pelo seu alto engajamento, mas não constituem um tipo puro de organizações normativas. Isto porque utilizam a coerção como fonte secundária de consentimento. São controles normativos nas instituições educacionais a manipulação de símbolos de prestígio (títulos, elogios e honrarias), a influência pessoal do professor, as chamadas à sala do diretor, as repreensões e o sarcasmo, as retratações e outros instrumentos que visam ao engajamento moral do aluno. Entretanto, a coerção faz-se presente em diversos destes mecanismos, especialmente quando sublinham a disciplina.

Motta (1986) afirma que a administração é poder à medida que poder se delega. Neste sentido, mesmo sendo intermediária ela age como sistema de poder. A função sócio-política fundamental cumprida pela administração diz respeito à reprodução das relações sociais típicas de determinado sistema econômico. Nos sistemas econômicos não caracterizados pela propriedade coletiva, o quadro administrativo legitima-se como necessidade pseudo-natural e não como resultado de determinações econômicas, sociais e políticas historicamente inteligíveis. A estrutura de dominação é vista conseqüentemente como necessária ao bom funcionamento das instituições, senão como a única estrutura possível. A dominação se refere à determinações históricas expressas no desenvolvimento das forças produtivas, isto é, na tecnologia e nas formas de cooperação das estruturas administrativas a elas associadas. O autor coloca que nas sociedades complexas encontramos formas de cooperação dominantes ao lado de formas de cooperação dominadas e que na sociedade como um todo, prevalece sempre uma função administrativa dominante que corresponde à articulação das relações entre os agentes da produção, entre estes e o processo produtivo e as forças produtivas.

---

<sup>2</sup> ETZIONI, Amitai. *A comparative analysis of complex organizations*. New York, Glencoe, Free Press, 1966.

Para Motta (1986) a burocracia capitalista valoriza o saber especializado relacionado à divisão do trabalho e a especialização da tarefa. A cooperação manufatureira caracteriza-se pela separação entre o trabalho manual e intelectual e pela divisão parcelar do trabalho que substitui o ofício. Há, ainda, uma separação entre os produtores e os detentores do meio de produção. Neste sentido, a divisão do trabalho, na sua forma capitalista, busca reproduzir mais-valia a custa do trabalhador, aumentando o rendimento do capital. De acordo com o autor, a acumulação do capital no período manufatureiro acelerou o desenvolvimento tecnológico. A manufatura dá lugar à fábrica e a subordinação do trabalho ao capital torna-se mais sutil e complexa. Trata-se de dupla subordinação, ou seja, de subordinação no aspecto técnico e de subordinação no aspecto organizacional. A primeira refere-se à transferência do trabalho para a máquina, fazendo com que o operário perca o controle das operações. Esta subordinação leva à outra, qual seja, a subordinação à autoridade no interior da fábrica, ao quadro administrativo. Trata-se de um processo que equivale à maior concentração de decisões na cúpula administrativa, à maior separação entre trabalho intelectual e trabalho manual e ao menor envolvimento dos trabalhadores com seu trabalho.

A submissão do trabalhador ao ritmo da máquina implica maior interdependência na cooperação e em normas rígidas de comportamento. Privado de seu saber-fazer, o trabalhador submete-se à regulamentação social da máquina, o que na realidade significa uma regulamentação social mais rígida imposta pelo aparato burocrático. Na realidade, a utilização das máquinas levou a uma direção ainda mais autoritária e ao desenvolvimento da regulamentação administrativa, ou seja, ao formalismo burocrático. Dessa forma, o controle transforma-se em repressão. Administrar passa a ser, em larga medida, vigiar e punir. A especialização crescente e as funções repressivas levam ao aumento considerável do quadro administrativo na empresa. Por sua vez, essas funções tornadas mais e mais repressivas irão articular-se com as funções repressivas do Estado e, portanto, com sua expansão.

Partindo dos pressupostos teóricos desenvolvidos acerca da racionalidade, diversos autores da área organizacional desenvolveram estudos que buscavam identificar a predominância da substantividade ou da instrumentalidade nos mais diversos tipos de organizações. Serva (1993), a partir de pesquisas empíricas, buscou determinar quais seriam as características das organizações substantivas:

1. São norteadas por princípios logicamente inter-relacionados: primazia da ação coletiva, respeito às diferenças individuais, busca de equilíbrio entre homem e organização, ação calcada em identidade de valores;

2. São organizações nas quais há relações interpessoais intensas e fortes;
3. Nessas organizações, é constante e intensa a reflexão coletiva sobre o cotidiano da organização;
4. As estruturas hierárquicas são ou extremamente flexíveis ou inexistentes;
5. Só se aceitam novos membros que se identifiquem com os valores e com a causa maior da organização;
6. Nessas organizações há livre circulação de informações, o que facilita o processo coletivo de tomar decisões;
7. São precários os mecanismos para avaliar sistematicamente a satisfação do usuário;
8. A organização sempre busca na sociedade o respaldo para suas ações.

Pode-se supor que muitos dos traços assinalados por Serva (1993) como característicos de uma organização fundamentada em uma racionalidade mais substantiva estão, em maior ou menor grau, presentes em organizações do tipo não lucrativas ou não empresariais, aquelas que, segundo Ramos (1989) não fazem parte do enclave do mercado.

Alguns autores, porém argumentam que existe também uma mudança no comportamento destas organizações. Diniz & Mattos (2002), por exemplo, verificaram em suas pesquisas que ONGs que originalmente adotavam processos de gestão de caráter mais social (fazendo uso de uma lógica solidária e comunitária) poderiam passar a adotar uma gestão de caráter eminentemente estratégico (pautada em uma lógica mercantil).

Lewis (1998, *apud* DINIZ; MATTOS, 2002) destaca que o interesse das ONGs pelo gerenciamento e a administração estratégica denota algumas preocupações. De acordo com este autor, estas organizações têm contato com o “mundo do gerenciamento” através dos gurus da administração sem que haja uma reflexão quanto à apropriação destes ensinamentos em seus contextos.

Thompson (1994) lembra que a capacidade de mobilização social, a luta ideológica e de reivindicação das ONGs podem ser deixadas de lado na medida em que exista uma forte pressão no sentido de uma crescente profissionalização destas organizações, tornando-as meras prestadoras de serviços.

Do mesmo modo, argumenta-se que a adoção de modelos empresariais por parte destas organizações pode resultar em uma perda dos valores de referência que as originaram. Esta constatação faz com que alguns autores contestem a incorporação de modelos de gestão tradicionais sem a devida reflexão das implicações que eles podem trazer às organizações não pertencentes ao campo empresarial. Neste sentido, Barros (2002) destaca que o problema maior está na opção pela auto-sustentação, ou seja, pela preponderância de uma sustentabilidade financeira. Esta necessidade levou estas organizações à produção de bens e

serviços cujos resultados possam ser mensuráveis, motivadas por uma lógica imposta pelos financiadores.

Monte (2003) ressalta que a busca por legitimidade junto às fontes financiadoras tem levado as ONGs a adotarem os modelos de gestão que se aproximam daqueles utilizados pelas empresas com as quais se relacionam. Argumenta-se que está lógica perpassa a relação entre ONGs e empresas na medida em que indicadores de desempenho de natureza eminentemente econômica, e por consequência, instrumentais, são exigidos por fontes financiadoras que se utilizam de critérios muitas vezes pautados no retorno financeiro que estas relações possam resultar.

De acordo com Diniz & Mattos (2002) boa parte das ONGs teve que se submeter a processos de reengenharia para garantir sua sobrevivência resultando em uma rigorosa gestão financeira e produção de resultados mensuráveis, demandados pelas parceiras financiadoras, em detrimento da militância.

Na outra vertente, Fernandes (1994) afirma que as ONGs variam quanto à forma de atuação na sociedade, sua relação como poder público, com o capital privado, quanto às ideologias, o que contribui para a falta de uma identidade para o setor. Argumenta também que este setor é mais rica a eficácia simbólica do que os resultados quantitativos, passíveis de mensuração e que embora arrecadem recursos estas não são geridas segundo a lógica empresarial (instrumental). Para Serva (1997) parece predominar nestas organizações a racionalidade substantiva, o que dá novos contornos ao modelo burocrático.

Neste mesmo sentido Marçon & Escrivão Filho (2001) afirmam que neste setor é possível encontrar a racionalidade substantiva, caracterizada por atividades não pautadas pelo lucro, mas sim pelos laços de solidariedade que permeiam o comportamento dos indivíduos na sociedade. Para estes autores, a razão substantiva tende a prevalecer uma vez que os valores empresariais se chocam com os seus valores de solidariedade, liberdade e autonomia. Elementos como horizonte temporal, o período contábil, o caráter simbólico da atividade, o tipo de resultado, são conflitantes entre a lógica empresarial e a lógica das organizações não lucrativas.

Alves (2002) propõe um olhar sobre o tema de uma outra perspectiva, na qual parte-se da premissa de que mais frequentemente encontram-se organizações motivadas por tipos híbridos de racionalidade, e só raramente a ação social é orientada por um tipo de motivação. Neste sentido propõe a existência de “zonas de ambigüidade”, ou seja, interseções

entre os tipos puros. Estes referenciais institucionais das ONGs são características relacionadas à sua concepção original e alguns desses possibilitam o estabelecimento de um ambiente propício ao desenvolvimento de uma ação comunicativa, o que é condição essencial para as organizações substantivas, segundo Serva (1997). Estas referências são apresentadas por Diniz & Mattos (2002), embora nem todas possam estar presentes numa mesma ONG:

- Orientações ideológicas que influenciam a sua ação;
- Orientação religiosa;
- Idéia de desenvolvimento;
- Voluntariado;
- Informalidade na ação;
- Independência em relação ao Estado e ao mercado;
- Igualdade e participação democrática na gestão dos processos administrativos;
- Caráter reivindicativo e denunciador;

Tais referências poderiam impedi-las de adotar uma postura calculista ou, por outra perspectiva, de seguir a lógica mercantil ou que esta lógica se tornasse dominante, estando fortemente atrelados à racionalidade substantiva. A perda destas referências ou a sua substituição pode levar à ações de curto prazo que não contribuam para o desenvolvimento efetivo, apenas para amenizar um problema, não solucioná-lo; à perda do poder de reivindicação; ao comprometimento com financiadores privados ou estatais, perdendo poder de reivindicação ou de lutar por certas causas; e se burocratizar, no sentido de criar uma estrutura que seja usada para o exercício do poder, evitando o estabelecimento de uma relação dialógica; ao comprometimento racional em vez de afetivo e à substituição da referenciação por valores como solidariedade, confiança mútua, amizade por valores econômicos, voltados para a competitividade.

Conforme argumenta Ramos (1989, p. 127), “as atividades de natureza econômica estão presas, essencialmente, as regras operacionais formais e, portanto, imitam o alcance desse tipo de intimidade nas transações humanas”. Assim, conforme o autor, pontos como o amor, a confiança, honestidade, a verdade e auto-atualização não deveriam estar incluídos no campo de ação da organização econômica, e que tais organizações deveriam ser distintas de outros tipos de sistemas sociais, a que os pontos referidos efetivamente pertencem.

Uma das conseqüências destes sistemas sociais consiste na estratificação social ou na distinção entre atividades ou ocupações superiores e inferiores. Atividades superiores são geralmente exercidas autonomamente de acordo com o desejo de atualização pessoal. As

atividades inferiores são determinadas externamente por necessidades objetivas e não pela livre deliberação pessoal. (RAMOS, 1989). Assim é que o autor distingue trabalho de ocupação: “o trabalho é a prática de um esforço subordinada às necessidades objetivas inerentes ao processo de produção em si. Ocupação é a prática de esforços livremente produzidos pelo indivíduo em busca de sua atualização pessoal (1989, p. 130). Para Ramos (1989), as organizações formais convencionais constituem o interesse principal da teoria organizacional contemporânea, o que tem inibido teóricos da organização a se dedicarem mais detidamente à variedade de sistemas sociais que constitui espaço macrossocial.

Hudson (1999), por exemplo, argumenta que existem algumas características que diferenciam organizações não lucrativas de outros tipos de organização. Segundo ele, nelas é fácil ter objetivos vagos: objetivos sociais, educacionais, de saúde, meio ambiente e espirituais são difíceis de ser especificados com precisão, o desempenho é muitas vezes difícil de monitorar; em virtude da dificuldade ao especificar objetivos precisos também é mais difícil medir e monitorar as realizações, afirma o autor. Assim, as realizações raramente são exatas, como atingir metas de vendas, financeira ou de qualidade serviços.

O voluntário é um integrante essencial neste tipo de organização. Muitas dependem de mão-de-obra voluntária e o comprometimento "voluntário" de funcionários que dão horas de trabalhos sem qualquer recompensa financeira. Em retorno a esse comprometimento voluntário, as pessoas muitas vezes esperam ter seus pontos de vista reconhecidos e desejam envolver-se ativamente na tomada de decisões. (HUDSON, 1999, p.19)

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A ciência, tida como uma “sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos” (LAKATOS e MARCONI, 1991, P.80), necessita de um método que determine a forma com a qual o conhecimento será estruturado. Lakatos e Marconi (1992), ao analisar diversos conceitos de método, ressaltam que ele possibilita maior segurança e economia na consecução do objetivo, serve de caminho para chegar à verdade nas ciências (mesmo que não garantam a sua obtenção), possibilita a repetição com aproximação de resultados e a detecção de erros.

Enfatiza-se, assim, a necessidade de determinação do método nesta pesquisa não só para garantir a qualidade do trabalho, mas para lhe conferir confiabilidade junto à comunidade científica. Determinam-se, neste capítulo, os métodos utilizados para a realização desta pesquisa, tendo-se como base o problema de pesquisa e os objetivos especificados, a metodologia adotada busca caracterizar o trabalho quanto à natureza do estudo realizado, universo de pesquisa, definição das categorias analíticas e a forma com que a coleta e a análise dos dados foram feitas.

#### **3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO**

A presente pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa em vista dos objetivos determinados. Neste sentido, Richardson (1999, p.90) afirma:

A pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

A abordagem qualitativa se justifica pela necessidade de compreensão do fenômeno de transformação de manifestações folclóricas em atrativos turísticos e suas implicações nos objetivos e práticas organizativas dos grupos folclóricos estudados. Neste sentido, ressalta-se a necessidade do entendimento detalhado do significado dos dados fornecidos pelos entrevistados como forma de compreender todo este processo. No método qualitativo, a familiaridade do pesquisador com os membros do grupo estudado e a escolha do lugar para a pesquisa são aspectos fundamentais (RICHARDSON, 1999).

De outro modo, na abordagem qualitativa não há uma preocupação com a medição ou enumeração dos eventos. Requer o contato direto do pesquisador com a situação estudada no intuito de obter uma descrição detalhada do fenômeno e dos elementos que o envolvem. Neste sentido, os depoimentos dos atores sociais envolvidos, os discursos e o contexto no qual o fenômeno estudado está inserido ganham importância (GODOY, 1995a e VIEIRA, 20003). “Procura-se compreender o fenômeno segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo” (GODOY, 1995a, p.58).

O estudo caracteriza-se, ainda, como descritivo-interpretativo. Triviños (1994) destaca que a pesquisa qualitativa é essencialmente descritiva e que a descrição de fenômenos é impregnada de significados extraídos do ambiente. Neste sentido, resulta de uma visão subjetiva que como tal, rejeita a expressão quantitativa e numérica. O autor ressalta que: “a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto” (TRIVIÑOS, 1994, p.128). A pesquisa descritiva possibilita o estudo dos fenômenos aos quais a população está exposta, sem a obrigação de explicar esses fenômenos, embora sirva de base para tal explicação (VERGARA, 1997).

Ao se considerar as especificidades da pesquisa em ciências sociais, é importante ressaltar as dificuldades de mensuração de aspectos do comportamento humano, muito mais complexo do que medir propriedades de corpos físicos, por exemplo (KERLINGER, 1980). Neste sentido, o autor ressalta que a compreensão de um fenômeno social é sempre incompleta, parcial e probabilística.

Destaca-se o fato de que a interpretação resulta de uma especulação que, de forma alguma, pode ser tomada como verdade única. No máximo, pode-se considerar que a análise empreendida é fruto da interpretação do pesquisador, o qual leva em conta suas referências conceituais e sociais. Soma-se a isto, a necessidade de entendimento do contexto no qual a realidade analisada está inserida como forma de compreender e justificar o comportamento observado. Por esses motivos, considera-se a abordagem qualitativa a mais indicada para a análise de fenômenos sociais como o estudado neste trabalho, principalmente porque o estudo qualitativo busca entender o processo e não somente os resultados (TRIVIÑOS, 1994).

O delineamento da pesquisa foi concretizado a partir de um estudo exploratório inicial que normalmente antecede a revisão sistemática da literatura no intuito de se identificar o que já havia sido pesquisado em torno da área específica na qual o tema se insere (TRIVIÑOS, 1994). Assim, através da busca por periódicos e trabalhos científicos que abordam a temática do turismo, da mercantilização da cultura e das práticas organizacionais,



delimitou-se o tema que se estudou neste trabalho. A identificação das pesquisas já realizadas serve, ainda, para garantir a originalidade do trabalho desenvolvido e evitar a replicação de estudos que diminuiria consideravelmente a contribuição que o trabalho pode trazer para o desenvolvimento do conhecimento na área. Por fim, a pesquisa se caracteriza como um estudo de caso. Para Fachin (2001, p.42):

Esse método é caracterizado por ser um estudo intensivo. É levada em consideração, principalmente, a compreensão, como um todo, do assunto investigado. Todos os aspectos do caso são investigados. Quando o estudo é intensivo podem até aparecer relações que de outra forma não seriam descobertas.

De acordo com Yin (apud Campomar, 1991, p.96) o estudo de caso é “uma forma de se fazer pesquisa social empírica ao investigar-se um fenômeno atual dentro de seu contexto de vida-real, onde as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e na situação em que múltiplas fontes de evidências são usadas”. O estudo de caso parece se configurar como o melhor método para análise em pesquisas qualitativas por proporcionar um aprofundamento na coleta de dados que possibilitará reflexões mais concretas sobre o contexto analisado.

### **3.2 PERGUNTAS DE PESQUISA**

A sistematização deste estudo foi feita a partir de perguntas originadas dos objetivos determinados originalmente, são elas:

- Quais são os grupos folclóricos atuantes na região de Florianópolis?
- Quais grupos estão inseridos na atividade turística da região?
- Quais as práticas organizativas dos grupos folclóricos analisados?
- Quais as repercussões da utilização das manifestações da cultura popular como atrativo turístico nas práticas organizativas observadas nos grupos estudados?

### 3.3 DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA E OPERACIONAL DA CATEGORIA DE ANÁLISE

Com base no problema de pesquisa, parte-se para a definição constitutiva (DC) e operacional (DO) da categoria práticas organizativas e a forma com que a interferência da atividade turística na sua determinação foi analisada.

**DC:** As práticas organizativas são entendidas neste trabalho como a **forma com que a organização concretiza as suas ações**. Nelas estão inclusas as ações da organização (o que faz), a razão de sua existência, os meios utilizados para concretizar suas ações (como faz) e as relações estabelecidas com o ambiente em que atua (com quem se relaciona).

As práticas organizativas foram operacionalizadas a partir das dimensões e dos indicadores apresentados na tabela 2:

**Tabela 2: Categoria de análise – Práticas organizativas**

DIMENSÕES	INDICADORES	DETALHAMENTO
<b>O que faz</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atividades desenvolvidas</li> <li>• Prioridades estabelecidas</li> </ul>	Busca identificar as ações concretizadas a partir da atuação do grupo através dos tipos de atividades, frequência com que são realizadas, locais em que atuam e pelos critérios utilizados na sua definição e qual a sua relação com a atividade turística.
<b>Razão da existência</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fatores que motivaram a formação</li> <li>• Significado do que fazem</li> <li>• Retorno com o que fazem</li> <li>• Resultados importantes</li> <li>• Divulgação das atividades</li> </ul>	Visa caracterizar quais foram os fatores motivadores da formação do grupo, que significados as atividades desenvolvidas têm para o grupo e para seus integrantes, qual o retorno esperado e de que forma ele acontece, quais os critérios para a determinação de resultados, de que forma divulgam o que fazem e para que público. Intenta-se, ainda, verificar em quais destes indicadores há relação com a atividade turística.
<b>Como faz</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Normas e procedimentos</li> <li>• Coordenação</li> <li>• Tomada de decisão</li> <li>• Distribuição das tarefas</li> <li>• Fontes de recursos e sua distribuição</li> </ul>	Objetiva verificar o estabelecimento de normas ou procedimentos e suas finalidades, a forma de controle adotada, a distribuição da autoridade, a forma de divisão de tarefas e a forma com que viabilizam os recursos necessários e sua dependência da atividade turística. A interferência do turismo será verificada a partir da identificação de traços do modelo burocrático-empresarial nestas dimensões.
<b>Com quem se relaciona</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Parcerias estabelecidas</li> <li>• Pessoas ou instituições consideradas importantes</li> </ul>	Busca definir de que pessoas ou instituições o grupo recebe ajuda, qual o propósito destas parcerias e sua relação com a atividade turística.

Fonte: Elaborado pelo autor.

### 3.4 SUJEITOS E UNIVERSO DE PESQUISA

O universo pesquisado se refere aos grupos folclóricos da Região Conurbada de Florianópolis adicionada do município de Santo Amaro da Imperatriz. A opção por esta delimitação geográfica visa possibilitar o fácil acesso do pesquisador aos grupos selecionados para o estudo. A Região Conurbada de Florianópolis foi oficializada pela lei número 162/98 do Estado de Santa Catarina abrangendo os municípios de Biguaçu, Palhoça, São José e Florianópolis. O município de Santo Amaro da Imperatriz foi agregado à pesquisa pela sua proximidade com a região e por ter sido parte do território das cidades de Palhoça e São José, conferindo-lhe traços culturais semelhantes (SILVA, 2006).

**Tabela 3: Grupos folclóricos em atividade na região pesquisada**

	<b>Nome</b>	<b>Cidade</b>
1	Grupo de Arte e Cultura Ilha Xucra	Florianópolis
2	Grupo Cultural da Sociedade Polônia de Florianópolis	Florianópolis
3	Grupo Folclórico Cidade de Florianópolis	Florianópolis
4	Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC	Florianópolis
5	Grupo Foliões do Espírito Santo	Florianópolis
6	Grupo Amigos do Sertão	Florianópolis
7	Terno de Reis Barra da Lagoa	Florianópolis
8	Grupo Serenata de Natal	Florianópolis
9	Terno de Reis Amor e União	Florianópolis
10	Terno de Reis Estrela da Alegria	Florianópolis
11	Terno de Reis do Pântano do Sul	Florianópolis
12	Grupo Folclórico Olaria do Sambaqui	Florianópolis
13	Terno de Reis Alegria	Florianópolis
14	Associação Cultural Arréda Boi	Florianópolis
15	Associação Folclórica Boi-de-Mamão de Canasvieiras	Florianópolis
16	Boi-de-Mamão Esperança	Florianópolis
17	Grupo Folclórico Boi-de-Mamão de Jurerê	Florianópolis
18	Grupo Folclórico Unidos do Pantanal	Florianópolis
19	Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi	Florianópolis
20	Sociedade Folclórica Boi-de-Mamão do Itacorubi	Florianópolis
21	Grupo Folclórico Boi-de-Mamão da Associação do Sambaqui	Florianópolis
22	Grupo Folclórico Boi-de-Mamão do Ribeirão	Florianópolis
23	Grupo Folclórico Vem Cá Meu Boi	Florianópolis
24	Grupo Folclórico Boi do Limão	Florianópolis
25	Grupo de Boi-de-Mamão da Escola da Armação	Florianópolis
26	Grupo de Boi-de-Mamão da Escola da Costa de Dentro	Florianópolis
27	Walter Santana Boi-de-Mamão	Santo Amaro da Imperatriz
28	Família Machado	Santo Amaro da Imperatriz
29	Grupo Arcos – Grupo Folclórico Danças e Cantares Açorianos	Biguaçu
30	Grupo Folclórico Filhos da Terra	Palhoça
31	Terno de Reis de Palhoça	Palhoça
32	Reisado Nossa Senhora do Rosário	São José

*Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa de Silva (2006).*

O levantamento realizado por Silva (2006) buscou identificar os principais grupos em atividade nesta região por meio de entrevistas aplicadas a representantes de instituições do campo da cultura (Fundação Catarinense de Cultura, Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, Núcleo de estudos Açorianos e Casa dos Açores da ilha de Santa Catarina), além das prefeituras das cidades pertencentes à região pesquisada e aos próprios grupos folclóricos. Foi identificada neste estudo a existência de trinta e dois grupos folclóricos em atividade no momento da pesquisa. A tabela 3 demonstra os grupos folclóricos identificados e as cidades em que se localizam.

Devido ao objetivo desta pesquisa, ou seja, refletir a respeito das repercussões da utilização de manifestações da cultura popular como atrativo turístico nas práticas organizativas dos grupos, optou-se pela seleção de grupos que declararam, a partir do levantamento realizado, que se apresentam ou já se apresentaram em locais cujo público fosse composto por turistas.

Levou-se em consideração ainda o tipo de manifestação cultural praticada pelos grupos que foram separados em quatro categorias principais: Boi-de-Mamão (quinze grupos), Ternos de Reis (onze grupos), danças folclóricas (oito grupos) e Cantoria do Divino (três grupos), conforme tabela 4, sendo que alguns grupos praticam mais de uma manifestação. Optou-se em selecionar grupos de duas categorias, Boi-de-mamão e danças folclóricas por se considerar que estas são, dentre as manifestações, as que podem despertar, devido as suas características, maior interesse dos turistas que visitam a ilha. Os grupos de Terno de reis e de Cantoria do Divino não foram pesquisados por se apresentarem, na maioria das vezes, em festas religiosas ou na própria comunidade e por um período muito curto de tempo. Os grupos selecionados, em número de quatro, foram o Grupo Arcos – Grupo Folclórico Danças e Cantares Açorianos e o Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC, como representantes da manifestação danças folclóricas, e a Associação Cultural Arréda Boi e o Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi, como os representantes da manifestação Boi-de-mamão, a tabela 5 demonstra algumas informações dos casos selecionados.

Tabela 4: Grupos folclóricos separados por tipo de manifestação cultural

Manifestação cultural	Grupo
<b>Boi-de-Mamão</b>	Associação Cultural Arréda Boi
	Associação Folclórica Boi-de-Mamão de Canasvieiras
	Boi-de-Mamão Esperança
	Grupo Folclórico Boi-de-Mamão de Jurerê
	Grupo Folclórico Unidos do Pantanal
	Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi
	Sociedade Folclórica Boi-de-Mamão do Itacorubi
	Grupo Folclórico Boi-de-Mamão da Associação do Sambaqui
	Grupo Folclórico Boi-de-Mamão do Ribeirão
	Grupo Folclórico Vem Cá Meu Boi
	Grupo Folclórico Boi do Limão
	Grupo de Boi-de-Mamão da Escola da Armação
	Grupo de Boi-de-Mamão da Escola da Costa de Dentro
	Grupo Folclórico Filhos da Terra
	Walter Santana Boi-de-Mamão
<b>Terno de Reis</b>	Família Machado
	Grupo Amigos do Sertão
	Terno de Reis Barra da Lagoa
	Grupo Serenata de Natal
	Terno de Reis Amor e União
	Terno de Reis Estrela da Alegria
	Terno de Reis do Pântano do Sul
	Terno de Reis de Palhoça
	Reisado Nossa Senhora do Rosário
	Grupo Folclórico Olaria do Sambaqui
	Terno de Reis Alegria
	Grupo Folclórico Filhos da Terra
<b>Danças Folclóricas</b>	Grupo de Arte e Cultura Ilha Xucra
	Grupo Cultural da Sociedade Polônia de Florianópolis
	Grupo Folclórico Cidade de Florianópolis
	Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC
	Grupo Arcos – Grupo Folclórico Danças e Cantares Açorianos
	Grupo Folclórico Olaria do Sambaqui
	Terno de Reis Alegria
	Associação Cultural Arréda Boi
<b>Cantoria do Divino</b>	Grupo Foliões do Espírito Santo
	Família Machado
	Grupo Folclórico Filhos da Terra

Fonte: Elaborado pelo autor a partir da pesquisa de Silva (2006).

**Tabela 5: Grupos folclóricos selecionados**

<b>Manifestação</b>	<b>Grupo</b>	<b>Cidade</b>	<b>Bairro</b>	<b>Fundação</b>	<b>membros</b>
<b>Danças Folclóricas</b>	Grupo Arcos – Grupo Folclórico Danças e Cantares Açorianos	Biguaçu	Centro	1.989	54
	Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC	Florianópolis	Trindade	1.989	38
<b>Boi-de-Mamão</b>	Associação Cultural Arréda Boi	Florianópolis	Barra da Lagoa	1.993	49
	Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi	Florianópolis	Ingleses	1.995	18

*Fonte: Elaborado pelo autor.*

Quanto aos sujeitos de pesquisa, foram realizadas dezenove entrevistas sendo que em algumas delas estavam presentes mais de uma pessoa (caso das crianças que foram entrevistadas na presença dos pais), totalizando vinte e cinco entrevistados. Os entrevistados eram todos integrantes dos grupos pesquisados, com a preocupação de que os membros fundadores fossem ouvidos. Utilizou-se a saturação como critério para definir o número de entrevistas, ou seja, foi considerado suficiente à medida que as respostas dos entrevistados comesçassem a se repetir, facilitando a melhor compreensão da realidade pesquisada.

### **3.5 COLETA E ANÁLISE DE DADOS**

Godoy (1995b) e Triviños (1994) concordam em apontar que a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento fundamental. Neste sentido, ressaltam estes autores, o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente em que a situação estudada ocorre é imprescindível. Desta necessidade resulta a importância do pesquisador como instrumento de observação, análise e interpretação dos dados (GODOY, 1995a).

Os dados primários desta pesquisa foram coletados diretamente no campo, ou seja, através de entrevistas semi-estruturadas aplicadas aos participantes dos grupos selecionados e da participação do pesquisador em reuniões e apresentações dos grupos. Para Triviños (1994, p.146), a entrevista semi-estruturada é “aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que,

em seguida, oferecem amplo campo de interrogativa, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas dos informantes”. O autor também destaca as vantagens deste método de coleta de dados: “[...] ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação” (TRIVIÑOS, 1994, p.146).

Além das entrevistas, a observação direta também foi utilizada como forma de possibilitar a obtenção de dados que contribuíssem para o enriquecimento das análises. Lakatos e Marconi (1991, p.186) enfatizam que a observação “utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar”. Neste sentido, a proximidade com os fatos auxilia na compreensão do ambiente pesquisado. Buscando esta proximidade, o pesquisador participou de reuniões e apresentações dos grupos folclóricos durante um período de dois meses como forma de obter informações que pudessem enriquecer a análise, conforme tabela 6.

Vale ressaltar que a observação como componente essencial da coleta de dados permite agregar à fala do entrevistados aspectos menos objetivos que podem contribuir para o entendimento de suas colocações. Assim, a expressão facial, entonação da voz e gesticulação podem fornecer um detalhamento que contribui para a interpretação resultante. Neste sentido, estes aspectos foram cuidadosamente observados e analisados no intuito de fornecer argumentos que justifiquem ou reforcem as análises empreendidas.

Buscou-se também, como fontes secundárias de dados, documentos que continham informações sobre os grupos folclóricos. Neste sentido, foram analisados estatutos, atas de reuniões, comunicados, dentre outros documentos que contivessem informações relevantes. Como técnica de análise, empregou-se a análise categorial, própria da análise de conteúdo. Bardin (apud TRIVIÑOS, 1994, p.160) conceitua análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens.

**Tabela 6: Eventos acompanhados pelo pesquisador**

<b>Grupo</b>	<b>Evento</b>
Grupo Arcos – Grupo Folclórico Danças e Cantares Açorianos	<ul style="list-style-type: none"> <li>Participação do grupo na XI BIGFEST em Maio de 2007 com a montagem de uma barraca para a venda de comidas e bebidas para arrecadação de recursos.</li> <li>Participação do grupo no Fórum Parlamentar Permanente da Cultura Açoriana em Junho de 2007 representado por sua presidente que assumia o cargo de secretária-executiva através da indicação do NEA.</li> </ul>
	<b>Ensaaios</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Três ensaios do Grupo Folclórico Danças e Cantares Açorianos durante o mês de Maio realizados em um espaço cedido por um dos conselheiros.</li> </ul>
	<b>Apresentações</b>
Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apresentação na Festa do Divino Espírito Santo na Praça dos Bombeiros no Centro de Florianópolis em Maio de 2007.</li> <li>Apresentação no VI Encontro Nacional da Mulher Contabilista realizado no Centro de Eventos em Florianópolis em Junho de 2007.</li> </ul>
	<b>Ensaaios</b>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>Dois ensaios durante o mês de Maio realizados no Centro de Saúde e Desportos na UFSC.</li> </ul>
	<b>Apresentações</b>
Associação Cultural Arréda Boi	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apresentação na XI SEPEX – Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão na UFSC em Maio de 2007.</li> <li>Apresentação em encontro sobre a saúde na terceira idade em Junho de 2007 na UFSC.</li> </ul>
	<b>Apresentações</b>
Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apresentação em encontro para exposição de projetos culturais desenvolvidos em escolas municipais em Florianópolis, em Junho de 2007.</li> </ul>
	<b>Apresentações</b>
Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apresentação realizada em uma Festa Junina numa comunidade em Florianópolis em Junho de 2007.</li> <li>Apresentação realizada em um hotel no norte da ilha, em Junho de 2007.</li> </ul>
	<b>Apresentações</b>

*Fonte: Elaborado pelo autor.*

Triviños (1994) enfatiza que esta abordagem constitui um meio através do qual é possível analisar o processo de comunicação entre as pessoas com ênfase no conteúdo das mensagens. Para Roesch (1999), esta é a técnica mais apropriada para a aplicação em pesquisas de caráter qualitativo. A partir da transcrição, os dados foram agrupados de acordo com as dimensões da categoria de análise ao qual estão relacionados conforme demonstrado no apêndice B. Posteriormente foram feitas leituras e interpretações das informações coletadas no intuito de estruturar a análise e compreender com maior profundidade a realidade



pesquisada. A análise documental também foi utilizada no tratamento dos dados obtidos em atas de reuniões, estatutos e demais documentos pertencentes às organizações estudadas.

## 4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS PRÁTICAS ORGANIZATIVAS NOS GRUPOS FOLCLÓRICOS PESQUISADOS

Neste capítulo são apresentados os dados referentes aos quatro grupos folclóricos pesquisados. Inicia-se com uma caracterização dos grupos e uma explanação dos dados separados de acordo com as dimensões das práticas organizativas identificadas. As práticas organizativas foram analisadas a partir das dimensões: **o que faz, razão da existência, como faz e de quem recebe ajuda.**

A dimensão o que faz buscou identificar as ações concretizadas a partir da atuação do grupo através dos tipos de atividades, frequência com que são realizadas, locais em que atuam e pelos critérios utilizados na sua definição e qual a sua relação com a atividade turística. A razão da existência visou caracterizar quais foram os fatores motivadores da formação do grupo, que significados as atividades desenvolvidas têm para o grupo e para seus integrantes, qual o retorno esperado e de que forma ele acontece, quais os critérios para a determinação de resultados, de que forma divulgam o que fazem e para que público. Intenta-se, ainda, verificar em quais destes indicadores há relação com a atividade turística.

Com a dimensão como faz se objetivou verificar o estabelecimento de normas ou procedimentos e suas finalidades, a forma de controle adotada, a distribuição da autoridade, a forma de divisão de tarefas e a forma com que viabilizam os recursos necessários e sua dependência da atividade turística. A interferência do turismo foi verificada a partir da identificação de traços do modelo burocrático-empresarial nestes indicadores. Por fim, a dimensão de quem recebe ajuda buscou definir de que pessoas ou instituições o grupo recebe ajuda, qual o propósito destas parcerias e sua relação com a atividade turística.

Os dados serão apresentados individualmente de acordo com o caso analisado seguindo nesta ordem: Grupo Arcos – Grupo Folclórico Danças e Cantares Açorianos, Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC, Associação Cultural Arréda Boi e Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi.

#### 4.1 GRUPO ARCOS – GRUPO FOLCLÓRICO DANÇAS E CANTARES AÇORIANOS

O Grupo Arcos - Pró-resgate da Memória Histórica, Artística e Cultural de Biguaçu - foi fundado em 1989 com o intuito de contribuir com a preservação do patrimônio cultural e paisagístico do município de Biguaçu em Santa Catarina. Em 1992 o grupo se torna uma sociedade civil de direito privado sem fins econômicos, políticos, raciais ou religiosos, constituído por número ilimitado de pessoas físicas, sem distinção de nacionalidade, religião, sexo, cor ou raça. Os associados estão distribuídos nas categorias: fundadores, honorários, contribuintes, benfeitores e beneméritos. O grupo utiliza uma casa cedida pela Prefeitura de Biguaçu para guardar o seu acervo e os ensaios do grupo de danças acontecem em uma oficina mecânica propriedade de um dos conselheiros. As atividades do Grupo Arcos estão divididas em três pilares fundamentais: a pesquisa histórica, a preservação e a divulgação de aspectos da cultura popular de base açoriana. Como forma de divulgação das suas atividades, o Arcos fundou em 1990 o Grupo de Danças e Cantares Açoriano que apresenta coreografias de danças típicas açorianas resultantes das pesquisas realizadas. No momento das entrevistas, Maio e Junho de 2007, o Arcos possuía cinquenta e quatro membros, dentre os quais trinta e cinco integravam o grupo de danças. As figuras a seguir ilustram as atividades do Grupo de Danças e Cantares Açoriano.



**Figura 1:** Grupo de Danças e Cantares Açoriano – Apresentações.  
**Fonte:** Autor da pesquisa.

#### 4.1.1 O QUE FAZ

As atividades desenvolvidas pelo Arcos estão diretamente ligadas aos seus objetivos principais, expressos em seu estatutos: preservar, valorizar e divulgar a cultura do município de Biguaçu que é predominantemente de base açoriana. Inerente ao desejo de preservar aspectos culturais está a necessidade de pesquisá-los e registrá-los. Sendo assim, o ponto de partida para as atividades deste grupo é a pesquisa de traços da cultura popular que estejam ligados à história dos imigrantes que povoaram a região, em sua maioria, açorianos. Estes traços podem ser materiais (edificações, utensílios domésticos, instrumentos musicais, vestimentas) ou imateriais (modos de fazer, músicas, culinária, danças, festas ou cerimônias). Por ser historiadora e ter um estreito vínculo com o campo da cultura no estado catarinense, boa parte da pesquisa realizada no grupo fica sob a incumbência da presidente do grupo. As informações são por ela coletadas e organizadas dando origem a um acervo composto por relatos de história oral, documentos, cantorias, coreografias, receitas culinárias, vestimentas, dentre outras formas de registro da cultura açoriana.

A divulgação das pesquisas realizadas pelo grupo pode ser feita de diversas formas: exposições fotográficas ou de objetos, oficinas, palestras, publicações, e, principalmente, através do Grupo de Danças e Cantares Açoriano. As exposições são muito utilizadas pelo grupo por constituírem uma opção de baixo custo e podem ser fotográficas ou de objetos da cultura popular, promovidas principalmente em escolas. Outra forma de divulgação são os livros e catálogos mas que, devido ao alto custo, é menos utilizada. De acordo com a presidente existe material suficiente para o lançamento de duas obras mas, em virtude da falta de recursos, não pode se efetivar ainda. Existe ainda a intenção de gravar um CD com as músicas utilizadas pelo grupo de danças mas o custo para elaborar um trabalho de qualidade ainda não possibilitou a sua realização. Como forma de divulgação e preservação, o grupo promove ainda oficinas sobre modos de fazer da cultura popular. A presidente do grupo tem uma atuação constante no campo da cultura popular e em todas as comunicações públicas se apresenta como presidente da organização, ajudando na sua divulgação.

A atuação do Arcos, na busca pela valorização da cultura local, resulta na participação constante de seus membros nas discussões sobre aspectos culturais na cidade. Em episódio relatado em ata e que gerou um pronunciamento por parte do grupo em um jornal local ilustra esta constatação. Por muito tempo, uma das maiores reivindicações do grupo foi o tombamento do Casarão Born, um antigo casarão localizado no centro do município nas

proximidades da praça central. Após a elaboração de um projeto que pedia o tombamento da edificação junto ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) o Casarão passou por uma reforma no telhado sem que o Arcos fosse chamado para auxiliar. O telhado foi totalmente retirado por apresentar risco de desabamento e isto provocou a divulgação de um protesto por parte do grupo em um jornal local questionando a forma com que a Prefeitura de Biguaçu havia dado procedimento a esta questão.

Os entrevistados colocaram, no entanto, que a principal forma de divulgar o Arcos é através das apresentações do Grupo de Danças e Cantares Açoriano: “o grupo folclórico não é uma instituição constituída à parte, ele é uma ponta de trabalho para divulgar as ações do grupo Arcos” (entrevistado 4). A atuação do grupo de danças é muito constante, sendo, inclusive, considerado como um dos mais importantes grupos de danças folclóricas do estado e o principal grupo de danças açorianas. Este grupo surgiu, inclusive, com a função de divulgar o que é pesquisado em termos de coreografias, vestimentas, músicas, utensílios, modos de vida e outros aspectos da cultura popular açoriana. Destaca-se ainda que a grande demanda por apresentações do grupo de danças se dá devido ao fato de que a dança é um grande atrativo para os eventos, para as festas populares ou para os turistas, como colocado por um dos entrevistados: “as danças folclóricas são mais exigidas por que todo mundo quer ver danças açorianas. Elas são sempre muito apresentadas nos congressos e nas atividades de hotéis porque as pessoas não têm o que mostrar, a cultura e um grupo folclórico bem organizado ele tem o que mostrar” (entrevistado 1).

O grupo de danças também é a atividade que mais demanda tempo e esforço para a manutenção. Isto porque são cerca de quarenta coreografias diferentes ensaiadas constantemente, independente da existência de apresentações. Além disto, é onde atua a maior parte de seus integrantes, trinta e cinco dos cinquenta e quatro membros do Arcos, entre músicos, cantadores e bailadores que mantêm uma rotina de ensaios semanais toda sexta-feira pela noite em um local cedido por um conselheiro do Arcos.

O grupo de danças já se apresentou em diversos lugares: festas populares (Festas do Divino, Festas Juninas, Festa das Nações, Festa da Cultura Açoriana), congressos (científicos, empresariais, culturais), escolas, hospitais, asilos, hotéis, recepção de autoridades ou comitivas, recepção de turistas no aeroporto, gravação de documentários e programas de televisão. Estas apresentações ocorrem principalmente no litoral catarinense mas seus integrantes já viajaram diversas vezes por outros estados brasileiros e inclusive para o exterior (foram a Europa uma vez, no Arquipélago dos Açores em Portugal). Não foi mencionado

nenhum critério específico que justifique o aceite de um convite, o que o determina é a disponibilidade dos membros.

Os meses em que a demanda por apresentações do grupo de danças é maior são em Março (mês do aniversário de Florianópolis e São José), em Junho e em Julho (meses em que ocorrem as Festas do Divino em todo o litoral) e em Agosto (mês de comemoração da semana do folclore). Apesar de o grupo demonstrar uma atuação constante em espaços destinados a turistas (boa parte dos locais mencionados), há uma suspensão das atividades justamente no período de maior fluxo turístico na região para que os integrantes descansem:

Não nos apresentamos em Janeiro nem Fevereiro, para que todos tirem férias. É difícil juntar todo mundo nesta época e para evitar a gente dá férias para todo mundo. Com exceção de algum evento grande...aí é agendado previamente. Assim facilita para todos, estão cansados de estudar ou pegou férias do trabalho (entrevistado 1).

Estes relatos podem indicar que o impacto do turismo não é determinante nas atividades desenvolvidas por este grupo já que no período de maior fluxo turístico na cidade há um recesso das atividades, embora o interesse dos turistas pareça ser usado como forma de legitimar a sua existência. O mesmo pode ser percebido no que diz respeito aos critérios para definir as atividades do grupo, voltados para o cuidado com a preservação e divulgação da cultura e definidos nos estatutos:

Na verdade, os critérios são estabelecidos estatutariamente. Nós temos uma responsabilidade definida estatutariamente: é cuidar, entre aspas, não o sentido de impor, mas olhar para a cultura, para sua pesquisa, sua revitalização e sua divulgação. Então os critérios já estão estabelecidos, estando dentro dos critérios, a gente faz (entrevistado 1).

Mesmo que seja o grupo de danças a atividade que demande maior esforço para a manutenção, as demais atividades como pesquisa e divulgação através de outros meios, não são desprezadas pelo Arcos que demonstra um empenho em concretizá-las. Nas apresentações, o grupo de danças refaz coreografias de danças folclóricas de origem açoriana praticadas no Arquipélago dos Açores ou no litoral catarinense. Elas se iniciam com a apresentação dos trajes utilizados e uma explicação de sua origem e características, ou seja, por quem eram utilizados, material fabricado, época história a que se referem, entre outras informações anunciadas pela presidente antes do início da dança. As figuras 2 e 3 ilustram este momento.



**Figura 2:** Caracterização dos trajes – Apresentação do Grupo de Danças e Cantares Açoriano na Festa do Divino, Maio de 2007.

**Fonte:** Autor da pesquisa.



**Figura 3:** Caracterização dos trajes – Apresentação do Grupo de Danças e Cantares Açoriano em evento empresarial, Junho de 2007.

**Fonte:** Autor da pesquisa.

Observou-se, nas apresentações acompanhadas pelo pesquisador, que existe uma intenção de explicar ao espectador os aspectos culturais representados, dando significado e fazendo distinções entre, por exemplo, a roupa de um trabalhador da cidade e de um camponês ou entre uma coreografia como se dançava lá nos Açores ou no litoral catarinense. Esta intenção de clarificar estas diferenças demonstra a forte relação entre o que se apresenta e as pesquisas realizadas mas, também, indicam uma preocupação em dar significado ao que está se apresentando já que muitas das pessoas que assistem não conhecem a cultura açoriana, entre elas, os turistas.

Ao entrar em cena, o grupo desfila em fila indiana, os trajes e adereços são apresentados e, finalmente, inicia-se a dança. Destaca-se que alguns integrantes como artesãos e crianças acompanham o grupo mesmo não participando da coreografia, como demonstrado na figura 4. Durante as danças eles ficam no palco representando o artesanato e as brincadeiras infantis. O tempo de apresentação não é fixo e as coreografias selecionadas podem variar. O número de casais depende da disponibilidade dos membros em participar. Destaca-se que os trajes e os adereços utilizados, em sua maioria, são originais, vindos dos Açores, comprados ou doados ao grupo. Observa-se uma preocupação com a questão estética da apresentação mas ela não suplanta a importância dada à originalidade. A figura 5 demonstra a variedade de trajes utilizados.



**Figura 4:** Criança representando brincadeiras infantis – Apresentação do Grupo de Danças e Cantares Açoriano na Festa do Divino, Maio de 2007.

**Fonte:** Autor da pesquisa.



**Figura 5:** Grupo em formação – Apresentação do Grupo de Danças e Cantares Açoriano em evento empresarial, Junho de 2007.

**Fonte:** Autor da pesquisa.

As músicas são tocadas por músicos que contribuem com o grupo e cantadas por duas das integrantes. Estes músicos também participam de alguns ensaios. Este grupo não possui equipamento de som que deve ser fornecido, se necessário, pelo contratante. O pesquisador acompanhou duas apresentações deste grupo: uma em Maio na Festa do Divino realizada em uma praça no centro de Florianópolis e outra em um congresso empresarial realizado no Centro de Eventos da cidade. Alguns fatos podem ser destacados como intervenções diretas do contratante nestas duas apresentações. No primeiro caso não houve assinatura de contrato, o convite foi feito pela Irmandade do Divino Espírito Santo através da Fundação Franklin Cascaes<sup>3</sup>. A existência de um contrato foi enfatizada pela presidente do grupo diversas vezes nos ensaios, inclusive com a sua leitura. Em ambas, o grupo iniciou a apresentação no palco e finalizou no meio do público.

Um fato curioso vale ser destacado: na apresentação realizada no congresso havia três grupos folclóricos, um italiano, um alemão e um açoriano. A ordem das apresentações inicialmente acordada determinava que o Grupo de Danças e Cantares Açoriano seria o primeiro, no entanto um atraso nas palestras que estavam sendo proferidas no congresso obrigou a uma mudança na ordem devido ao horário da viagem de um dos grupos. Durante a apresentação do grupo italiano, que começou com um coral de idosos cantando músicas italianas, o organizador do evento questionou a presidente do Arcos que tipo de música seria tocada. Havia ali um interesse do organizador de que a apresentação fosse dinamizada para que o público fosse atraído, já que ele havia percebido o desinteresse dos espectadores pela apresentação do coral. Neste sentido, o organizador solicitou que todas as músicas fossem dançadas no chão junto ao público ao invés do palco. A presidente, no entanto, negou a solicitação alegando que a apresentação do grupo acontecia parte no palco e parte no

<sup>3</sup> Fundação Cultural de Florianópolis ligada à Prefeitura da cidade.



solo, momento em que uma coreografia específica, em que a interação da platéia era necessária. Ouve ainda, uma insinuação de que seria conveniente uma diminuição do tempo de apresentação, possibilidade refutada pela presidente com o argumento de que será cumprido aquilo que foi acordado anteriormente. No caso da apresentação ocorrida na Festa do Divino, nenhuma intervenção por parte da organização foi percebida, deixando a critério do grupo a incumbência de determinar a forma com que ela seria feita.

Ao se observar as atividades desenvolvidas por este grupo, percebe-se que elas são variadas, balizadas por valores fortemente relacionados com a preservação cultural. O fato de o Arcos valorizar a pesquisa como forma de registro das manifestações culturais que pratica e embasar as apresentações do Grupo de Danças e Cantares Açoriano nestas pesquisas talvez proteja a forma com que elas são feitas de interferências externas que pudessem descaracterizá-las. É preciso considerar, no entanto, que a própria apresentação em si é uma criação e não uma reprodução fiel já que busca representar uma dança tradicional mas agrega a ela elementos como artesãos e crianças brincando. A relação do turismo com este grupo é parcial já que, mesmo se apresentando em locais destinados a turistas, no período de maior fluxo turístico na cidade os seus integrantes são dispensados das atividades, sendo convocados somente em casos especiais.

#### **4.1.2 RAZÃO DA EXISTÊNCIA**

A Presidente do Grupo Arcos destaca que fatores positivos e negativos contribuíram para a fundação do grupo. Os positivos estão relacionados ao fato de o município apresentar uma diversidade de traços culturais pulsantes que devem ser preservados. Estes traços constituem o patrimônio cultural material e imaterial destacados pela entrevistada:

Biguaçu é um celeiro cultural na área material. Nós temos engenhos, alambiques, nós temos uma paisagem extremamente bonita, nós temos um sítio histórico e arqueológico, que é o sítio de São Miguel que merece sempre cuidado apesar de ser tombado pelo patrimônio estadual e federal. Além de ela ser este celeiro imaterial, porque nós temos uma série de pessoas que tem um saber fazer muito aguçado na comunidade e que estão sendo esquecidas (entrevistada1).

O reconhecimento da importância de Biguaçu no contexto cultural estadual aparece na opinião de outro entrevistado: “em Biguaçu foi onde descaram os primeiros

açorianos, no Balneário de São Miguel, isto é um marco histórico da cidade e do estado” (entrevistado 4). Embora reconhecido por algumas pessoas, o patrimônio cultural local não era valorizado e poucas ações eram efetivamente concretizadas para sua preservação. Daí surgiu a “necessidade de se criar no município de Biguaçu uma instituição que tivesse a responsabilidade realmente de cuidar criticamente, ou através da pesquisa, em todos os sentidos, cuidar do seu patrimônio histórico paisagístico e imaterial. Porque parte deste material, deste patrimônio imaterial estava sendo destruída.” Neste sentido, alguns acontecimentos foram citados como exemplos da falta de atenção dada as questões culturais na cidade e que resultaram na destruição do patrimônio local como, por exemplo, a construção da BR-101 e de sua duplicação que não respeitou a comunidade e resultou na destruição de uma série de casas antigas localizadas ao longo do trajeto por onde a BR passou. Da mesma forma, o Teatro Municipal foi destruído e o traçado original da praça central foi alterado devido, na opinião de um entrevistado, por ignorância política: “por todas estas coisas negativas que foram ocorrendo na história do nosso município, é que a gente resolveu realmente criar uma instituição que olhasse para isso. Que as pessoas percebessem que isto é importante” (entrevistada1).

A existência de um grupo de pessoas no município que percebia a importância de valorizar estes aspectos culturais culminou na criação do Arcos, “algumas pessoas da sociedade de Biguaçu viam a necessidade de resgatar aspectos da cultura” (entrevistado 4). A iniciativa de fundar o grupo parece constituir um importante marco na forma com que o patrimônio cultura local passa a ser tratado: “antes do Arcos nunca tiveram pessoas com um projeto firme que resgatasse a cultura e repassasse isto aos outros. Não havia uma conscientização da importância da cultura da cidade” (entrevistado 3). Vale ressaltar que o papel da Presidente, historiadora e professora do ensino médio no município na época, foi fundamental para a junção de esforços de pessoas que, como ela, viam que a cultura local necessitava ser destacada através de ações concretas que possibilitassem sua preservação e divulgação: “a formação do grupo, pelo o que tenho conhecimento, foi idealizada pela Ana Lúcia, ela contacto com algumas pessoas da cidade com o intuito de preservar a cultura da cidade, o patrimônio material e imaterial da cidade. (Entrevistado 2).

O estatuto, instituído três anos após a fundação do grupo e alterado em 2005, explicita os fundamentos e princípios norteadores da organização: liberdade participativa, dignidade humana, melhoria da qualidade de vida, preservação do patrimônio cultural e entendimento comunitário que vise tornar o indivíduo um agente do seu próprio

desenvolvimento. No que se refere aos objetivos do grupo, um dos entrevistados coloca que “somos um grupo cultural cujo objetivo é preservar a cultura no sentido geral, tanto no âmbito material quanto no âmbito imaterial”. Esta parece ser a principal função do grupo que para ser concretizada necessita de uma série de ações descritas como objetivos no estatuto:

- I. Preservar, valorizar e divulgar a Memória Histórica, Artística e Cultural do município e todas as questões que afetam os bens materiais e imateriais do estado catarinense;
- II. Promover por todos os meios a valorização, o aperfeiçoamento e a divulgação dos trabalhos de preservação cultural, organizando encontros, ciclos de palestras e estudos, conferências, certames, exposições, cursos, seminários e mesas-redondas, intercâmbios, viagens culturais e de lazer;
- III. Aquisição, restauração e conservação de edifícios e acervos existentes no município, que demonstrem valor histórico-cultural;
- IV. Estimular o crescimento dos valores artísticos no campo da literatura, da dança, da música, do teatro, das artes cênicas, das plásticas e do folclore;
- V. Buscar a integração social através das manifestações culturais, com eixo fundamental do desenvolvimento da sociedade;
- VI. Promover o intercâmbio entre as comunidades, estimulando a produção cultural;
- VII. Participar de eventos relacionados com seus objetivos, de forma a promover a integração e a atualização;
- VIII. Prestar assistência técnica e serviços, quando solicitado, dentro de suas possibilidades, ao governo e a sociedade civil;
- IX. Obter junto a pessoas físicas e jurídicas donativos destinados a custear as atividades do Grupo Arcos;
- X. Firmar convênios, ajustes, contratos e outros atos congêneres, com pessoas jurídicas de direito público e/ou privado, para a consecução de seus objetivos;
- XI. Estimular a conscientização da sociedade através de encontros culturais e de lazer para a importância dos valores culturais;
- XII. Realizar oficinas que estimulem a valorização do indivíduo na sociedade;
- XIII. Assistir os integrantes carentes do grupo;
- XIV. Proporcionar aos seus integrantes, atividades sociais, culturais e de lazer;

- XV. Proteger judicialmente ou extrajudicialmente o patrimônio histórico, artístico, paisagístico e cultural;
- XVI. Estimular no educando o conhecimento de técnicas e procedimentos para o aprendizado através de visitas a oficinas, atelier e locais de trabalho;
- XVII. Cuidar tecnicamente do Grupo Folclórico Danças e Cantares Açoriano de Biguaçu;
- XVIII. Divulgar as manifestações da cultura popular em especial a do folclore de base açoriana;
- XIX. Incentivar, participar e realizar festivais folclóricos no âmbito nacional e internacional, com o objetivo de divulgar o mosaico cultural catarinense;
- XX. Realizar publicações, exposições e encontros que visem o aprimoramento da cultura popular catarinense;
- XXI. Promover e incentivar as atividades para pessoas da terceira idade, portadores de deficiência e povos indígenas.

No entanto, os comentários acerca da importância das atividades do grupo não se limitam à preservação da cultura ou sua divulgação e dão às atividades culturais do grupo um sentido mais amplo relacionado à cidadania e inclusão social:

Então eu vejo que todas as suas tarefas são de importância porque contribuem para a consciência coletiva e é isso que a gente quer. Embora eu tenha pessoas que estejam hoje saindo do grupo para tocar as suas vidas, o grupo contribuiu enormemente nesta transversalidade da educação para a sua formação. Então ao invés de nós termos um jovem nas drogas, ou perdido pela periferia, ele está lá, ele entra na universidade e já busca o seu emprego. É um grupo que procura dar esta visão mais elástica de convivência sócio-cultural (entrevistada 1).

Um dos entrevistados enfatiza que o grupo possibilita aos seus membros e a população local perceber sua importância enquanto cidadãos. Neste sentido, o sentimento de pertencimento a um grupo social que valoriza aquilo que é reconhecido como representação da sua cultura, possibilita uma coesão que permite potencializar a capacidade de mobilização social. Implícita a esta questão está uma visão de qual o futuro desejável enquanto cidade, conforme colocado por um entrevistado: “não vamos ter uma cidade para o futuro se nós não olharmos para nosso umbigo. Se nós não olharmos para as nossas questões culturais”.

Percebe-se uma ligação que se estende à maioria dos membros e assegura o compartilhamento do significado das atividades pelos integrantes. É ressaltada a participação contínua dos integrantes que permanecem vinculados ao grupo durante anos.

Tanto é que eles permanecem e dificilmente entra integrante no grupo que fique dois ou três meses, eles ficam anos. Tem meninos que começaram com oito anos de idade e já estão doze ou treze anos no grupo. Já fizeram primeiro grau, segundo grau, universidade e já estão no mercado trabalho e continuam lá (entrevistada 1).

Apesar disto, devido ao caráter voluntário da participação, alguns membros têm dificuldade de manter presença constante devido as suas atividades particulares. Este fato, de acordo com a presidente, tem dificultado a atuação do grupo ultimamente: “estamos vivenciando este momento apenas hoje. Mas eles também precisam ganhar dinheiro, eles precisam trabalhar e ali todos são voluntários”.

O grupo considera retorno das suas atividades o fato de perceber, junto aos seus membros e a comunidade, que a cultura local é valorizada. Neste sentido, a formação de cidadãos conscientes da importância da cultura popular açoriana foi citada como um importante objetivo alcançado. Observou-se ainda que a presidente enfatiza que o reconhecimento do Arcos como importante organização no campo da cultura popular trás grande satisfação, isto porque, segundo ela, “hoje ele é reconhecido no âmbito do município, da região metropolitana, do corredor cultural de base açoreana do litoral de Santa Catarina, no âmbito do sul do Brasil e também no âmbito internacional por ter um trabalho que tem um conceito cultural”. No âmbito individual, o convívio social proporcionado pelas atividades realizadas em grupo parece ser o principal motivador da participação dos membros. No entanto, a possibilidade de conhecer outras realidades e vivenciar outras culturas também foi destacada pela maioria dos entrevistados.

#### **4.1.3 COMO FAZ**

No que diz respeito à organização das tarefas dentro do grupo, o estatuto determina que ele será administrado por uma diretoria composta por seis membros: presidente, vice-presidente, tesoureiro, segundo tesoureiro, secretário e segundo secretário. Fica a cargo da diretoria, ainda, a criação de funções executivas quando necessário desde que

sejam homologadas e aprovadas em Assembléia Geral. Esta diretoria é instituída através de votação em Assembléia Geral e o mandato tem validade de dois anos, com possibilidade de reeleição. Na prática, a diretoria tem um funcionamento parecido com o que determina o estatuto. Vale ressaltar que a presidente colocou que tem adotado uma estratégia de convidar membros do grupo de dança para assumirem cargos na diretoria como forma de proporcionar maior envolvimento e comprometimento deles com as ações do Arcos.

O Conselho Fiscal é composto por cinco membros (três efetivos e dois suplentes) eleitos em Assembléia Geral e cuja responsabilidade é a de analisar e aprovar, através de parecer, a prestação de contas elaborada pela Diretoria. O mandato do Conselho Fiscal é de dois anos e também é possível a reeleição dos seus membros. Podem constituir o quadro de associados do grupo pessoas físicas e jurídicas divididas nas categorias: associados fundadores (os que compareceram a reunião onde se aprovou o primeiro estatuto), associados honorários (aqueles que participaram ou participam do Grupo Folclórico Danças e Cantares Açoriano de Biguaçu), associados contribuintes (aqueles que contribuem com anuidade de vinte por cento de um salário mínimo), associados benfeitores (aqueles que doarem, em espécie ou bens materiais, quantia igual ou superior a dez salários mínimos) e associados beneméritos (aqueles que doarem, em espécie ou bens materiais, quantia igual ou superior a cinquenta salários mínimos).

Aos associados é permitido participar das Assembléias Gerais, votar e serem votados para os cargos da Diretoria, sugerir medidas úteis aos interesses do grupo e convocar extraordinariamente a Assembléia Geral para resolução de assuntos de interesse geral. Constituem-se como obrigações dos associados: votar nas Assembléias Gerais para a eleição da Diretoria e do Conselho Fiscal, dedicar-se, quando eleito, na execução dos cargos e contribuir para a realização dos objetivos e finalidades da instituição.

O grupo é formalmente registrado, possui um CNPJ e se caracteriza como uma entidade cultural sem fins lucrativos, sendo declarada de utilidade pública. O grupo também tem uma missão formalmente definida, de acordo com um catálogo institucional “tornar o cidadão um indivíduo cada vez mais feliz, transformando-o em um guardião responsável pela preservação e divulgação do patrimônio histórico-cultural e paisagístico”. A definição formal da missão é explicada por um dos integrantes:

A gente falava, falava, e todo mundo perguntava: vocês falam de missão mas não está escrito. Isso foi feito quando nós fizemos a adequação do estatuto de acordo com a constituição, há uns dois anos agente teve que fazer

adequação dele por causa da questão da inclusão social, nós fazíamos a inclusão mas não estava escrito. Aí a gente não pode se beneficiar se a gente for pedir algumas coisas.

Segundo os relatos dos integrantes os documentos existentes são todos decorrência de exigências legais. No que diz respeito à organização das tarefas o grupo parece bastante informal, não apresentando normas escritas e poucos controles formais como pode ser observado neste comentário de um entrevistado: “é tão fácil [o controle]. Nós somos uma grande família. Não existe nenhum controle formal. Só controlamos a distribuição das roupas porque senão perde-se o controle. Mas não tem aquela coisa de tudo escrito, organizado”. As normas são sobretudo informais e vinculadas à participação nas apresentações e ensaios do grupo e no cuidado com os materiais.

Na verdade o estatuto não tem normas e procedimentos. É um estatuto dizendo como é o grupo. Com relação às normas nossas, é o seguinte: é livre, recebe qualquer pessoa. Até temos normas, mas nem estão escritas, por exemplo, se tu estas no grupo folclórico vais receber um traje, então tens que cuidar deste traje, ir a todas as apresentações do grupo folclórico e não faltar aos ensaios.

Destaca-se que muitas das determinações presentes no estatuto não são seguidas demonstrando pouco apego às normas formalmente estabelecidas. No que se refere à participação dos integrantes, por exemplo, o estatuto determina que está apto a participar da Assembléia Geral o associado que esteja quite com a sua anuidade. No entanto, na prática não há uma cobrança de anuidade como determina o estatuto. Observou-se que a troca de e-mail é um importante meio de registro do dia-a-dia do grupo, além de ser o meio de comunicação mais utilizado. A agenda das apresentações, por exemplo, é primeiramente anunciada por e-mail a todos os participantes e posteriormente discutida nos ensaios semanais.

A forma de controle mais evidente é a supervisão direta. Os ensaios funcionam como reuniões onde são discutidos os assuntos referentes ao dia-a-dia do grupo. Percebe-se que a presidente exerce um papel importante na coordenação e delegação de tarefas mas existe uma preocupação em ouvir os membros do grupo nas questões que os envolve. Pode-se afirmar que existe uma distinção clara do papel da diretoria e do conselho. Estes são convocados sempre que assuntos de maior importância precisam ser tratados. Existe ainda uma preocupação em envolver os membros de Grupo de Danças e Cantares nas questões referentes à organização como um todo já que a participação deles na diretoria foi citada

como uma estratégia de promover maior comprometimento. A presidente expôs a intenção de, por várias vezes, passar a tarefa de coordenar a algum membro. No entanto, os integrantes a consideram como a que possui a maior capacidade de assumir este papel devido a sua atuação no campo.

A forma de deliberação adotada na Assembléia segue o critério de votação simples com a presença de um terço dos associados em primeira convocação e de qualquer número de associados em uma segunda convocação. Observa-se, no entanto, que na prática as decisões são tomadas de maneira bastante centralizada. É a presidente quem estabelece as principais relações com as organizações do ambiente que demandam as atividades do grupo e ela decide em quais atividades o grupo se envolverá, passando esta informação aos demais. Ao que parece pelos relatos esta forma de tomada de decisão funcionou durante muito tempo sendo questionada apenas recentemente, mas segundo a presidente por questões práticas e não vinculadas explicitamente à concentração de poder:

Eu decido, aceito e passo para eles. Isto é o que hoje está dando um problema no grupo porque hoje, como eles estão todos adultos, principalmente os bailadores, às vezes eles já assumiram alguma atividade. Somente agora depois de dezessete anos é que nós estamos enfrentando este problema.

As divergências são tratadas nos ensaios e quando consideradas de maior importância são discutidas nas reuniões da diretoria e registradas em ata. As decisões sobre as apresentações do grupo de dança são importantes, uma vez que este constitui a principal forma de obtenção de recursos para o grupo e requerer o envolvimento de grande parte dos membros.

Observou-se que a distribuição das tarefas administrativas é feita, principalmente, pela presidente. Nas reuniões que ocorrem durante os ensaios é feita a distribuição de tarefas quando alguma providência necessita ser tomada. Nestes casos, o que determina a divisão é a disponibilidade do integrante em querer assumir alguma tarefa. Nas tarefas relacionadas à apresentação como quem dança, quem canta, quem toca, existe certa interferência das habilidades. Num dos ensaios presenciados um dos integrantes que tem a função de cantar demonstrava o interesse de dançar com os demais, sem no entanto possuir habilidade para isto a sua participação na coreografia era refutada pelos demais. Uma figura presente é a do marcador, indivíduo do sexo masculino que faz a marcação dos passos e precisa saber a



coreografia inteira para dar os comandos, esta função só pode ser exercida por dois dos membros devido às habilidades que requer.

O estatuto explicita que os recursos do grupo advêm das contribuições dos associados, donativos, subvenções, legados, parcerias, convênios, serviços prestados, apresentações folclóricas, auxílios, rendimentos do seu patrimônio social, aluguel de espaço, cobrança de utilização da “marca” Arcos e de atividades promocionais. Quando questionados sobre o grau de importância das fontes de recursos, os entrevistados colocaram que a principal são os cachês cobrados nas apresentações do grupo de danças. A importância das apresentações do grupo folclórico fica evidente no seguinte relato: “é o grupo folclórico na verdade que mantém hoje o grupo Arcos”. No entanto, nem todas as apresentações são remuneradas. Evidenciou-se uma preocupação em avaliar qual o objetivo da apresentação e para quem ela é realizada. No caso de eventos beneficentes ou instituições filantrópicas, como asilos, ou no caso de escolas públicas, o grupo se apresenta sem a cobrança de cachê, exigindo apenas, o transporte:

Nós cobramos cachês para fazer as apresentações mas não é todo mundo que pode pagar. Quem pode pagar, paga, quem não pode a gente vai do mesmo jeito. A gente não deixa de atender porque a pessoa não pode pagar. Quando vamos a um asilo, o asilo não pode pagar. Quando se vai uma festa de igreja, nem sempre ela pode pagar. Aí dá o transporte que a gente vai.

Outras fontes de recursos foram mencionadas como doações da comunidade, doações de instituições, venda de rifas, promoção de eventos (como a montagem de barracas para a venda de comida em uma festa no município). No entanto, percebeu-se que a busca por outras fontes se intensifica quando algum objetivo maior é planejado como uma viagem ou a publicação de um livro, por exemplo. Quando o recurso é solicitado junto a uma instituição para determinado fim (como para a elaboração dos catálogos institucionais do grupo), ele é direcionado para o que foi solicitado. Já quando não há um destino especificado para o recurso (como os cachês cobrados nas apresentações), ele é utilizado conforme a necessidade mais urgente.

A importância do cachê como principal fonte de recurso é muito evidente e é ele que viabiliza muitas atividades: “o cachê do grupo folclórico serve para fazer exposições, para ajudar na publicação de um livro, para manter o próprio grupo mesmo, comprar corda de viola, comprar corda de violão, comprar a meia que rasgou, fazer a roupa que não está boa”. Foi o grupo de danças, inclusive, que proporcionou a ida de diversos membros ao

Arquipélago dos Açores não só para apresentações como para que alguns membros participassem de oficinas de dança. Neste grupo a preocupação com recursos é evidente. Devido à amplitude das atividades a que se propõe, o grupo necessita de uma quantidade considerável de recurso financeiro para executá-las. Observou-se que quando uma viagem é programada, como no caso da que foi feita em 2001 para os Açores, os membros são constantemente estimulados a se empenhar na obtenção de recursos.

#### **4.1.4 COM QUEM SE RELACIONA**

O Arcos possui um estreito relacionamento com diversas instituições do campo da cultura popular. Boa parte deste relacionamento se dá devido à atuação da presidente como historiadora e membro do Núcleo de Estudos Açorianos (NEA), vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina. Além disso, por ter trabalhado por longo período em uma instituição pública estadual (CODESC) a presidente desfruta de certa influência política que por muitos momentos facilitou a arrecadação de recursos ou o apoio necessário à manutenção do grupo. Verificou-se que o envolvimento da presidente em instituições ligadas à cultura confere ao grupo uma visibilidade que por muitas vezes auxilia a obtenção de recursos, principalmente doações de empresas.

Embora não tenham sido mencionadas pelos entrevistados, a leitura de atas demonstrou que várias empresas já contribuíram com o grupo através de doações. Normalmente quando o grupo possui algum objetivo traçado, como uma viagem feita por todo o Grupo de Danças e Cantares Açoriano ao Arquipélago dos Açores, várias correspondências são enviadas a empresas e instituições públicas como Câmara de Vereadores e Prefeituras, solicitando recursos. É preciso salientar ainda que devido a forte atuação do Arcos nas questões locais referentes à cultura popular, sobretudo no município onde está localizado, o relacionamento com a sociedade local é estreito e as interferências do grupo neste assuntos é constante.

## 4.2 GRUPO DE DANÇA FOLCLÓRICA DA TERCEIRA IDADE DA UFSC

O Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC iniciou suas atividades em 1989 através de um projeto de extensão do Centro de Desportos e Saúde (CDS) na Universidade Federal de Santa Catarina. Entre 1993 e 2005 o grupo funcionou como Associação de Resgate à Cultura Açoriana (ARCA). Faziam parte deste grupo, no momento das entrevistas, trinta e oito membros. O grupo apresenta danças folclóricas de base açoriana características do litoral catarinense e também representações de aspectos da cultura açoriana. Uma parte dos membros é composta por músicos amadores que não participa dos ensaios semanais. O grupo se reúne no campus da UFSC e atua fundamentalmente em Santa Catarina, mas já se apresentou em outros estados e fora do país, como na Argentina e no Paraguai. A figura a seguir ilustra as atividades do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade:



**Figura 6:** O Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC – Apresentações.  
**Fonte:** Autor da pesquisa.

### 4.2.1 O QUE FAZ

As atividades do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade estão todas relacionadas às coreografias, ensaios e apresentações. Os integrantes têm dois encontros semanais de uma hora e meia cada nas manhãs de terças e quintas-feiras realizados no Centro de Desportos e Saúde na Universidade Federal de Santa Catarina. Nestes encontros são elaboradas e ensaiadas as coreografias utilizadas nas apresentações. Embora sejam utilizados como ensaios, os encontros parecem exercer uma função que vai além da simples necessidade de repetição de coreografias. Antes, são momentos para descontração, para o convívio social e para exercitar o corpo, como forma de obter qualidade de vida. Estes momentos funcionam também como reuniões, normalmente no início e no fim dos ensaios, para comunicações importantes. Durante o período em que estão reunidos, desenvolvem diversas atividades: elaboração e ensaio das coreografias, construção dos adereços utilizados nas apresentações, discussão dos assuntos relacionados ao grupo como agenda das apresentações, viagens, distribuição de atividades.

A maior preocupação no momento de definir as atividades é manter o grupo ativo através dos ensaios, ilustrados nas figuras 7 e 8. Os relatos mostram que as apresentações não são o foco do grupo, encontros semanais por si só justificam a manutenção do grupo porque o benefício maior é a integração social dos idosos e a qualidade de vida trazida pela atividade física neles praticada. Pode-se perceber com isto que o foco maior está nos integrantes do grupo e não no público que poderia usufruir das apresentações, entre os quais os turistas. Isto está certamente relacionado com os aspectos ligados à saúde dos idosos e com a preocupação em proporcionar-lhes atividades sociais.



**Figura 7:** Ensaio do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Coreografia.

**Fonte:** Autor da pesquisa.



**Figura 8:** Ensaio do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Comunicações.

**Fonte:** Autor da pesquisa.

As apresentações do grupo acontecem principalmente em festas da comunidade (Festas Juninas e Festas do Divino), congressos (científicos e empresariais), asilos e escolas e, em menor, grau em hotéis e festas turísticas. Em alguns meses como junho, julho e agosto o grupo é muito solicitado, devido a festas relacionadas ao folclore. Em Janeiro e Fevereiro o grupo entra em recesso, podendo, eventualmente, realizar alguma apresentação se solicitado. Assim como no Arcos, pode-se verificar que nos meses de maior afluxo turístico o grupo não se encontra em atividade o que indica que o turismo não exerce uma forte influência no funcionamento do grupo. O principal critério para determinar as apresentações do grupo é a disponibilidade dos integrantes, ressaltando-se que existe uma pré-disposição evidente em aceitar todos os convites. A entrevistada 4 coloca que “convidou, nós vamos, não tendo um outro [convite] naquele dia a gente vai”. A cobrança de cachê, no entanto, depende da origem da demanda. Segundo os entrevistados há casos em que o cachê não é cobrado.

Os ensaios seguem uma prioridade determinada pelas apresentações. Elas podem variar de acordo com o tempo disponível para a execução, o espaço disponibilizado, o número de integrantes presentes ou alguma indicação do solicitante (preferência por determinada coreografia). Existem coreografias que exigem um número mínimo de participantes, como o Pau-de-fitas, por exemplo, que necessita de dezessete pessoas para ser executado. “O Pau-de-fitas é a dança mais difícil, precisa dezesseis pessoas para dançar. Tem umas vinte e uma que dançam, aí tem umas cinco que podem revezar se alguém faltar por doença ou uma viagem” (entrevistada 2). Embora elas possam variar, observou-se que pouca influência é exercida pelo solicitante da apresentação e que as variações ocorrem mais em virtude do número de idosos presente no momento.



**Figura 9:** Apresentação do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Pau-de-fitas.

**Fonte:** Autor da pesquisa.



**Figura 10:** Apresentação do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Ratoeira.

**Fonte:** Autor da pesquisa.



As apresentações do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade são elaboradas a partir de coreografias pesquisadas pela coordenadora ou criadas com o auxílio dos idosos fazendo referências a traços culturais açorianos. As originadas das pesquisas se referem a danças típicas como a Ratoeira ou o Pau-de-fitas, ilustradas nas figuras 9 e 10. Já as coreografias criadas, demonstradas nas figuras 11 e 12, não são necessariamente baseadas em danças tradicionais, nelas o grupo utiliza elementos culturais como balaios, rendas ou tarrafas. O figurino e os adereços são feitos pelos próprios integrantes. As roupas utilizadas são representações de figuras importantes na cultura açoriana como o pescador e a rendeira. Existe uma preocupação com os detalhes, como a caracterização dos músicos (figuras 13 e 14), e tudo é muito colorido e bonito. A estética da apresentação é valorizada. No entanto, percebe-se que isto é visto como uma forma de demonstrar que o idoso é capaz de fazer algo de qualidade. Como tudo é construído dentro do grupo, dos adereços à confecção do vestuário, esta também é uma forma de ocupação para os integrantes. Os instrumentos musicais utilizados, violão, cavaquinho, acordeom e pandeiro, são de propriedade dos integrantes.



**Figura 11:** Apresentação do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Coreografia com peneiras e balaios.  
**Fonte:** Autor da pesquisa.



**Figura 12:** Apresentação do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Coreografia com renda-de-bilro.  
**Fonte:** Autor da pesquisa.



**Figura 13:** Apresentação do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Músicos (1).  
**Fonte:** Autor da pesquisa.



**Figura 14:** Apresentação do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade – Músicos (2).  
**Fonte:** Autor da pesquisa.

A priorização dos ensaios, ou encontros semanais, como a principal atividade deste grupo e o fato de entrar em recesso durante o período de verão, revelam que a dependência deste grupo com a atividade turística é insipiente. Não há, necessariamente, uma preocupação com originalidade. Embora se perceba que as manifestações representadas podem receber interferências, elas estão ligadas à valorização da participação dos idosos no processo de construção das coreografias.

#### **4.2.2 RAZÃO DA EXISTÊNCIA**

Em 1985 três professoras do Centro de Desportos da UFSC (CDS) realizaram uma pesquisa sobre coreografias de danças açorianas que resultou na publicação de um livro. A partir desta pesquisa, as autoras cogitaram a possibilidade de praticar estas coreografias no intuito de preservá-las e divulgá-las. Neste sentido, elaboraram um projeto de extensão que, num primeiro momento, era direcionado aos alunos de graduação. Em virtude da rotatividade dos alunos de graduação, em 1989 uma das professoras, que mais tarde se tornaria a coordenadora do grupo folclórico, convidou os integrantes do Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC para participarem deste grupo folclórico e dar continuidade ao projeto de extensão.

A fundação do grupo é explicada pela coordenadora devido à necessidade percebida de preservar as coreografias e os aspectos culturais que foram pesquisados e registrados no livro. Embora o livro tenha sido o ponto de partida, a participação dos idosos auxilia na manutenção da pesquisa já que eles, através de suas vivências, contribuem para a construção das coreografias que executam. De acordo com a coordenadora:

Nós tentamos resgatar a cultura aqui da ilha, como eu tenho um potencial muito grande que são os próprios idosos, deles eu consegui resgatar muita coisa. Eles contavam que no engenho se fazia assim... aí eu fiz uma coreografia com eles, por isso eu digo com eles e não para eles, através deles a gente consegue resgatar as vestimentas utilizadas no século passado, aí eles traziam fotos com a família, então a gente criou uma coreografia que se chama Recordando Nossa Gente.

Dois aspectos são perceptíveis e podem ser destacados como motivadores para a formação e manutenção do grupo: preservação cultural e melhoria da qualidade de vida dos

integrantes. O primeiro pode ser evidenciado na fala da coordenadora ao dizer que busca sempre enfatizar a “importância de a gente perpetuar as nossas raízes e eles como idosos têm muito a contribuir neste papel, da gente mostrar o que é nosso e é esta a proposta do nosso grupo: divulgar a cultura do litoral catarinense”. Ainda neste sentido, a entrevistada afirma que:

A nossa proposta é colocar estes aspectos da cultura de forma dançante porque as pessoas também dançavam aqui e com o passar do tempo deixaram de fazer este tipo de manifestação, então comecei a resgatar como se dançava a Ratoeira na época deles, por exemplo, em que contexto e o que isto representava, que significado tinha, então isto tudo que eu consegui com eles.

Entre os membros entrevistados, colocações como “eu vejo que serve para não esquecer, a passar em frente [a cultura popular], ensinar para as crianças Nós dançamos muito em colégios também para ensinar o folclore para as crianças” (entrevistada 4) denotam uma preocupação em manter vivos aspectos culturais considerados importantes.

Utilizar a cultura como forma de valorização da história destas pessoas e aguçar um sentimento de pertencimento a um grupo social parecem resultar no comprometimento evidenciado: “isto tudo que eu resgatei, danças que se dançavam, elas que se lembram de algumas coisas em cima disso a gente recria, a gente chama até de danças para-folclóricas. Em cima de um fato e de um contexto histórico vivido por eles, a gente cria uma dança folclórica. A gente faz uma representação evidenciando aqueles fatos históricos e culturais”. Pode-se observar a preocupação com a valorização da cultura e com a saúde e bem estar dos idosos, tanto no que diz respeito aos aspectos físicos, proporcionados pela dança, quanto ao resgate de memória e vivência deles, além do convívio social que a atividade do grupo proporciona. Isto pode ser evidenciado no comentário de um membro do grupo: “pra mim foi maravilhoso. Eu gosto muito, muito mesmo de dançar, sempre gostei de dançar, de passear, aí pra mim foi bom porque já que eu gostava e isto veio a calhar” (entrevistada 4).

Os entrevistados afirmam que os integrantes compartilham fortemente o sentimento de importância das atividades realizadas, o que pode ser observado, segundo eles pelo comprometimento dos integrantes refletido na assiduidade aos ensaios e apresentações. Há também uma preocupação com a qualidade da apresentação. A importância das atividades pode ser percebida ainda pela satisfação dos integrantes com o convívio social proporcionado pelo grupo e pela satisfação em contribuir com a preservação de aspectos culturais da região.



A preservação e transmissão da cultura aparecem associadas ao convívio social e aos benefícios para a saúde dos integrantes como os principais retornos esperados pelo grupo. Neste sentido, uma das entrevistadas destaca que “eu vejo esta como a grande riqueza, a gente fazer as pessoas terem vida e darem vida a quem está nos assistindo”. Uma outra colocação ajuda a enfatizar este ponto de vista: “têm pessoas que choram, ficam emocionadas que a mãe podia estar ali ou já morreu, coisas assim” (entrevistada 5). A satisfação em se apresentar para uma platéia eleva a auto-estima dos membros: “eles ficam de olho ali, alguns batem bastante palmas outros ficam bem atentos a tudo que a gente faz. É bacana, eu gosto muito” (entrevistada 3). Pode-se, mais uma vez, perceber que os benefícios dos integrantes são privilegiados no grupo, benefícios estes mais ligados às dificuldades enfrentadas uma vez que se sabe das dificuldades de dar continuidade ao convívio social e de manter atividades benéficas à saúde por pessoas da terceira idade: “para mim é saúde, é maravilhoso para a saúde” (entrevistada 4).

Não há uma preocupação explícita com resultados financeiros. Sendo que, quando necessário, os próprios integrantes contribuem com o grupo. Nesta colocação a entrevistada deixa claro um posicionamento que se reproduziu em todas as entrevistas:

Não existe nada disso, quanto mais dança para nós melhor não resta dúvida mas se não tiver também não tem importância. Vamos a mesma coisa, ensaiar tudo direitinho com ou sem a apresentação a gente vai. Só por doença ou se tem que ir num médico que não possa ser em um outro horário, aí sim, mas do contrário não, eu mesma sempre estou lá (entrevistada 4).

Ressalta-se que por priorizarem os ensaios o grupo não demonstra grandes preocupações com o número de apresentações. Vale lembrar que em função da estrutura proporcionada pela universidade, fornecendo espaço, material e até recursos financeiros, a necessidade de angariar fundos é minimizada.

Os ensaios e a correção das apresentações constituem as principais preocupações do grupo. Observou-se que existe uma primazia por uma apresentação sem erros que demonstre a capacidade dos idosos de realizar algo de qualidade. Destas preocupações deriva a forma de avaliação dos resultados. A única avaliação citada e observada se refere aos aspectos ligados às apresentações, seus erros, acertos, reações do público. Estas avaliações são realizadas após cada apresentação ou nos ensaios que as sucedem. Os integrantes têm liberdade para opinar e discutir melhorias no momento destas avaliações que são bastante informais e divulgadas através das conversas entre os integrantes.

A divulgação do grupo é feita através de CD e DVD (gravados em 2001 e 2005, respectivamente), de participação em programas de TV, do site do NEA (Núcleo de Estudos Açorianos) e dos relatórios do projeto de extensão que formaliza o grupo na UFSC. O CD e o DVD gravados pelo grupo foram citados como uma forma não só de divulgação mas também de registro das coreografias e das músicas utilizadas nas apresentações, constituindo-se como a única forma existente para a sua perpetuação. A coordenadora explicitou preocupação quanto à inexistência destes registros: “então pelo menos tem este acervo no CD e DVD porque eu não sei se outro profissional vai dar continuidade”.

#### 4.2.3 COMO FAZ

Em 1993 o grupo se tornou uma associação de caráter cultural, formado por número ilimitado de participantes, com personalidade jurídica própria, sem nenhuma distinção. A coordenadora informou que a decisão de tornar o grupo uma associação foi resultado de um reconhecimento por parte da Câmara de Vereadores de Florianópolis de que o grupo é de utilidade pública e a possibilidade de se tornar uma associação poderia trazer algum benefício futuro, que no entanto não se concretizou. Por conta disto, em 2005 esta associação foi finalizada porque não era considerada essencial para a continuidade das atividades, ao contrário, obrigava o cumprimento de uma série de exigências (necessidade de registros das atividades, manutenção de contador, advogados, pagamento de tributos) que extrapolava os objetivos do grupo e não resultava em benefício nenhum.

Antes nós formamos até uma associação, a ARCA, antes de mudar toda essa legislação que para ter uma associação precisa ter um advogado, um contador, aí ficou muito difícil de manter tendo em vista que o nosso grupo é sem fins lucrativos, então a gente cancelou. Na Câmara de Vereadores nós temos um documento em que ele foi registrado, reconhecido como de utilidade pública só que a associação já não existe há dois anos em função disso: de muitos atributos que tem que ter para que a coisa funcione (entrevistada 1).

Embora a transformação do grupo em associação tenha exigido a elaboração de um estatuto, evidenciou-se pouco apego às normas nele especificadas. Nenhum dos membros entrevistados (com exceção da coordenadora) afirmou conhecer o estatuto ou ter participado de sua elaboração: “ela lia lá pra gente [o estatuto], mas a gente não liga né muito pra isto”

(entrevistada 4). As normas observadas estão restritas ao comportamento, evidenciadas a partir do controle social exercido pelo próprio grupo, mas isto não é uma preocupação constante.

O grupo funciona de maneira bastante informal, tanto no que diz respeito a suas relações internas quanto externas, uma vez que dificilmente ocorre assinatura de contrato para as apresentações e os convites acontecem principalmente através de e-mail ou carta. Com exceção das solicitações feitas pela UFSC não há critérios de prioridade para o aceite de convites, depende, como já citado, da disponibilidade do grupo. São poucos os registros elaborados, eles estão restritos às emissões de notas fiscais que raramente são exigidas pelos contratantes (são do tipo avulsa, compradas diretamente na prefeitura e registradas em nome do grupo) e os relatórios relacionados ao projeto de extensão que estabelece o vínculo do grupo à UFSC (como controle de frequência e relatório de atividades realizadas). Poder-se-ia esperar um controle mais estruturado da movimentação financeira do grupo, no entanto, observou-se uma confiança irrestrita nos membros que assumem a função de tesouraria (duas das mais antigas participantes do grupo), dispensando maior preocupação com este aspecto. Os recursos oriundos do recebimento de cachês são direcionados para uma conta em nome do grupo gerenciada pelas tesoureiras.

Verificou-se que as atividades são coordenadas prioritariamente através de supervisão direta exercida pela coordenadora do grupo. No entanto, evidenciou-se grande preocupação da coordenadora quanto à possibilidade de continuidade das atividades caso ela se desligue do grupo futuramente: “sempre tem que ter alguém pra juntar, resolver os problemas, organizar, eu sou o pilar e isto é o meu receio porque quando eu não estiver mais aqui quem é que vai tocar isto?” Neste sentido ela expressa sua tentativa de repassar aos membros do grupo algumas atividades e a impossibilidade disto ser feito em outras: “eu tento ao máximo dar responsabilidade para o grupo, eu coloco que eles são responsáveis, mas tudo que tem que ser feito dentro da universidade só eu posso fazer”.

Devido à legitimidade conferida pelos membros à autoridade da coordenadora, boa parte das decisões é tomada por ela exercendo um papel fundamental no direcionamento das atividades. No entanto, a participação nas reuniões do grupo e as entrevistas realizadas permitem afirmar que existe uma preocupação em consultar os membros do grupo, sem que haja interferências consideráveis por parte deles. As consultas realizadas estão relacionadas basicamente com a definição de datas de apresentação, realização de passeios e elaboração de coreografias. Observa-se uma intenção de compartilhar e envolver os integrantes até como

forma de aumentar o comprometimento. As divergências são tratadas visando o entendimento e os entrevistados chegaram a declarar que, devido ao fato da maioria pertencer ao grupo há muito tempo, os laços de amizade estabelecidos possibilitam uma convivência harmoniosa: “tratamos ali mesmo. Como se diz a roupa suja se lava em casa. As pessoas falam, ela [a coordenadora] aceita” (entrevistada 5).

As tarefas relacionadas à administração do grupo são, em sua maioria, realizadas pela coordenadora e por duas integrantes que assumem a responsabilidade das cobranças e pagamentos no caso de compra de materiais. A divisão das tarefas é determinada pela disponibilidade e interesse dos integrantes, mas para algumas tarefas as habilidades detidas (saber tocar um instrumento, saber costurar) são determinantes. Os entrevistados não expressam preocupação com rotatividade e afirmam que as atividades não são repetitivas.

O Grupo de Danças Folclóricas da Terceira Idade da UFSC viabiliza a sua manutenção através da cobrança de cachê, do apoio da universidade através dos projetos de extensão, da venda dos CD's e DVD's, e da colaboração dos próprios membros. Todos os membros são voluntários com exceção da coordenadora que é professora do Departamento de Desportos, mas que mesmo assim dedica boa parte do seu tempo de forma voluntária já que as apresentações acontecem nos mais variados horários e lugares. Dentre estas fontes de recursos, as que mais contribuem para a manutenção do grupo são os cachês resultantes das apresentações e a estrutura disponibilizada pela UFSC. Poucos contratos formais são estabelecidos e o grupo nunca participou de nenhuma modalidade de edital para a obtenção de recursos. Ficou evidente que não há uma preocupação eminente pela arrecadação de recursos já que a UFSC disponibiliza o espaço e a estrutura para a principal atividade realizada: os ensaios semanais. Observou-se ainda que, em muitos momentos, havendo necessidade, os próprios integrantes arcam com despesas dos passeios e até de confecção de roupas. De acordo com uma das entrevistas, isto não é considerado um problema: “porque também se eu quero dançar eu tenho que me sacrificar um pouquinho no dinheiro” (entrevistada 4).

Os recursos arrecadados são destinados para a manutenção do grupo conforme a urgência que o gasto requer, são priorizadas as despesas com roupas, equipamentos e adereços utilizados nas apresentações. Eventualmente estes recursos podem ser utilizados para proporcionar momentos de lazer e descontração aos integrantes, como viagens ou festas comemorativas.

#### 4.2.4 COM QUEM SE RELACIONA

Conforme já mencionado, o principal parceiro do grupo é a UFSC, enfatizando que foram mencionados quatro setores da universidade que, direta ou indiretamente, auxiliam o Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC, são eles: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, Núcleo de Estudos Açorianos, Núcleo de Estudos da Terceira Idade e o Centro de Desportos.

O relacionamento com a universidade parece ser vantajoso para ambos os lados, já que nas apresentações do grupo sempre se anuncia o seu vínculo, conforme anunciado a seguir:

Nós levamos a universidade a todos os cantos com este grupo, não tem como desvincular o grupo da universidade, existe sempre este vínculo da universidade com o nosso trabalho que é uma forma da universidade chegar à comunidade através de um trabalho que surgiu daqui (entrevistada 1).

Este grupo parece se aproximar do que Ramos (1989) coloca como uma organização substantiva. O fato de os integrantes ressaltarem que o principal objetivo é o convívio social e o bem estar proporcionado pela atividade de dança sugere uma capacidade de auto-realização que normalmente o modelo burocrático, embora tente estimular, jamais seria capaz de concretizar. Nesta perspectiva, a visão reducionista do modelo burocrático que percebe o homem dotado de um comportamento ditado por imperativos econômicos não se aplica. Para Ramos (1989, p.125), “as finalidades da vida humana são diversas e só umas poucas, dentre elas, pertencem à esfera das organizações econômicas formais”. É interessante reparar que, na contra mão do que ocorre com muitas organizações, esta abriu mão de uma formalização e uma estrutura burocrática que emperravam um objetivo maior. Mesmo que os benefícios de se tornar uma associação pudessem seduzir os seus membros.

### 4.3 ASSOCIAÇÃO CULTURAL ARRÉDA BOI

A Associação Cultural Arréda Boi teve início com as atividades de um grupo de alunos da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) através de um projeto junto às escolas, transformando-se posteriormente em bloco de carnaval que desfila no carnaval de rua da localidade. Ele foi fundado em 1993 e se transformou em associação em 1997. O grupo é composto basicamente por um núcleo fixo de nove integrantes que compõe a sua diretoria e quarenta crianças da Escola Básica Municipal da Barra da Lagoa atendidas pelo projeto Boi na Escola. Neste núcleo estão alguns dos fundadores do grupo e antigos integrantes com mais de dez anos de atividades no Arréda. Pessoas residentes na localidade e que contribuem de alguma forma com o grupo ou pais das crianças atendidas pelos projetos também costumam participar das reuniões da diretoria. O grupo não possui sede, as reuniões são feitas na casa dos integrantes ou na escola e, eventualmente, utilizam espaços da comunidade como centros comunitários, salões paroquiais, etc. O Arréda Boi se dedica às atividades de representação da manifestação cultural Boi-de-mamão e a danças folclóricas açorianas, além de atividades de percussão. Suas apresentações acontecem sobretudo em Santa Catarina, mas já foram realizadas também em outros estados do Brasil. As figuras a seguir ilustram uma apresentação do grupo:



**Figura 15:** Associação Cultural Arréda Boi – Apresentações.  
**Fonte:** Autor da pesquisa.

### 4.3.1 O QUE FAZ

As entrevistas demonstraram que as principais atividades desenvolvidas pelo grupo consistem nas reuniões da diretoria, nos projetos executados junto às escolas, na atuação em assuntos relacionados à comunidade, nas apresentações do grupo e no desfile realizado durante o carnaval de rua da Barra da Lagoa. É a diretoria a principal responsável pela manutenção destas atividades. No momento das entrevistas, Julho de 2007, a diretoria havia adotado uma prática há três meses de restabelecer uma sistemática de reuniões semanais para discussão e elaboração de projetos. O estatuto determina uma periodicidade mensal para estes encontros, no entanto se observou que as reuniões são convocadas quando algum assunto necessita ser discutido. Estas reuniões também são utilizadas para uma reflexão constante acerca dos rumos desejados para o grupo. Antes deste período, o grupo se reunia esporadicamente sempre que algum assunto necessitasse atenção maior.

Uma das atividades consideradas primordiais são os projetos desenvolvidos pelo grupo. O primeiro deles foi um projeto de Percussão realizado com crianças da comunidade em 2004. No ano seguinte, em 2005, teve início o Projeto Boi na Escola desenvolvido até hoje junto à Escola Básica Municipal da Barra da Lagoa<sup>4</sup> considerado, inclusive, como uma ramificação do Arréda. Este projeto consiste em desenvolver junto aos alunos a vivência com a manifestação cultural Boi-de-mamão. Os cerca de quarenta alunos atualmente inscritos no projeto estão divididos em duas turmas que se reúnem duas vezes por semana. Nestes momentos, além de ensaiar a apresentação do folguedo, os alunos confeccionam os bonecos e os instrumentos utilizados. A separação em turmas gera, em alguns momentos, uma disputa entre estes grupos. No intuito de minimizá-la, o coordenador promove um encontro eventual, normalmente aos sábados, para promover uma interação entre eles. Observou-se que há uma preocupação em diminuir qualquer tipo de disputa entre os alunos e em evidenciar a importância da prática do Boi-de-mamão. O entrevistado informou que o projeto inicialmente só atraía atenção de crianças de 1ª a 4ª série, já que alunos de quinta a oitava não viam a prática do Boi-de-mamão como algo importante. Entretanto, em virtude do projeto estar, no momento das entrevistas, no seu terceiro ano de execução, as crianças que inicialmente estavam na quarta série hoje cursam a 7ª série e continuam participando do projeto denotando haver uma mudança na forma de ver e valorizar a prática desta expressão cultural por parte

---

<sup>4</sup> Escola Básica Municipal Acácio Garibaldi São Thiago, localizada na Rua Altamiro Barcelos Dutra, Barra da Lagoa.

destas crianças. Em muitas apresentações são os alunos vinculados ao projeto que representam o Arréda Boi. Os entrevistados colocaram que consideram estas crianças integrantes do grupo e buscam despertar nelas este sentimento.

As entrevistas possibilitaram perceber que outra atividade considerada importante para os integrantes é o engajamento nas questões que envolvem a comunidade local. Neste sentido, há uma preocupação de que o grupo sempre esteja representado nas reuniões do centro comunitário ou em qualquer momento em que a comunidade discuta seus problemas e reivindicações como no caso das reuniões em que se avaliou o Plano Diretor do bairro.

Durante o período do carnaval o Arréda Boi forma um bloco carnavalesco que desfila pelas ruas da comunidade e serve como importante momento de interação entre o grupo e os moradores. É, também, a oportunidade para as crianças que durante o ano estiveram envolvidas no projeto Boi na Escola demonstrem o folguedo na forma que ele originalmente era praticado, ou seja, durante o carnaval. De acordo com o entrevistado 7 “na ilha antes se dançava com o Boi-de-mamão neste período. O Boi-de-mamão não era dançado em Festa Junina, era de Dezembro a Março. Depois com a vinda do samba ele começou a ficar de lado e passou a ser dançado nas Festas Juninas”. Foi, inclusive, a partir da iniciativa do Arréda boi em desfilar durante este período que houve uma revitalização do carnaval de rua da Barra da Lagoa, como afirma o entrevistado 8: “na Barra há muito tempo já não se tinha carnaval de rua e em 1994 o grupo passou a desfilar como bloco e outros blocos foram se formando e revitalizando o carnaval local”.

As apresentações deste grupo ocorrem em diversos espaços, foram citados pelos entrevistados: Festas (Juninas, Festa da Tainha, Festa do Mar), Encontros (Encontro Nacional de Teatro, Encontro Internacional de Percussão, Encontro Nacional de Artes), hotéis (pouca frequência), asilos, creches, escolas, praças nas comunidades e carnaval de rua da Barra da Lagoa. O grupo pode se apresentar com os adultos, integrantes da diretoria, ou com as crianças, participantes dos projetos. A opção pelas crianças só é descartada quando o horário da apresentação impossibilita levá-las ou quando há a necessidade de uma viagem de longa distância que exija a autorização dos pais junto ao juizado de menores.

Estas apresentações ocorrem em função da disponibilidade dos integrantes e a cobrança de cachê depende da origem do convite, conforme afirmou o entrevistado 6: “em uma lógica que em alguns locais a gente não cobra e em outros a gente cobra”. Os critérios que definem a posição do grupo quanto à cobrança de cachê parecem claros, como podem ser evidenciados no comentário a seguir:



Quando é escola pública, a gente não cobra nada. A gente pede o ônibus e o lanche. Quando tem um congresso em que as crianças vão poder fazer oficina, a gente também não cobra nada porque tá gerando conhecimento para a rapaziada. Agora quando é um evento que a gente vê que tem muito dinheiro, aí a agente cobra um cachê (entrevistado 8).

Este posicionamento é compartilhado pelos membros da diretoria e até bastante discutido, constituindo, inclusive, uma posição política do grupo: “quando a gente vai numa festa gratuita a gente não cobra, se for comercial a gente cobra, porque não tem como fazer uma apresentação gratuita em um espaço comercial, *aí é uma política nossa*. Se tiver relação com o capital a gente quer ser valorizado também” (entrevistado 6). Algumas das apresentações são feitas com a intenção de proporcionar aos integrantes (sejam as crianças ou os adultos) uma reflexão sobre questões sociais, como afirmou o entrevistado 6: “em alguns (locais) nós até nos oferecemos como uma prática política para mostrar em que nível a criança vem sendo tratada na comunidade (comunidades em que se apresentam)”. Da mesma forma, “ao levar um grupo de velhos, de crianças e de adolescentes para se apresentar no Lar Recanto do Carinho<sup>5</sup> não é só se apresentar, é para ver que sociedade é esta que a gente está vivendo, que existem crianças abandonadas, enfim. A partir desta apresentação surge um debate interno político dentro do grupo” (entrevistado 6). A análise das atas de reuniões do grupo demonstrou que existe uma preocupação em discutir os aspectos relacionados ao local em que se apresentam, considerando que o foco do grupo é trabalhar a arte e a educação conjuntamente. Neste sentido, vender a apresentação por si só como forma de obter recursos financeiros parece não ser uma prática neste grupo como coloca o entrevistado 7: “a nossa preocupação nunca é tentar vender a apresentação em sim apresentar algo que as pessoas possam gostar e a gente goste de fazer”. Este mesmo entrevistado afirma que algumas apresentações podem até ser recusadas caso o grupo avalie que elas não atendam aos seus objetivos:

Às vezes a gente nega porque não podemos ir. As pessoas sempre procuram Boi-de-mamão para apresentação neste período de Festas Juninas, às vezes a gente não vai por achar que não vamos dar conta da apresentação. Ir por ir não importa, a gente quer levar para as pessoas não só um grupo mas algo que nos dê prazer (entrevistado 7).

---

<sup>5</sup> O Lar Recanto do Carinho é uma instituição que cuida de crianças órfãs portadoras do vírus HIV localizada no bairro Agronômica, em Florianópolis.

O pesquisador acompanhou uma apresentação do grupo realizada durante um evento promovido pela Secretaria Municipal de Educação em que os diversos projetos culturais desenvolvidos nas escolas municipais estavam sendo apresentados. Observou-se que no Arréda Boi existe pouca preocupação com os aspectos estéticos da apresentação. Os bonecos utilizados são fabricados pelas próprias crianças, os materiais utilizados são simples e normalmente estão relacionados a aspectos culturais da localidade como redes de pesca, bóias de pesca ou cordas, como podem ser vistos nas figuras 16 e 17:



**Figura 16:** Boneco do Arréda Boi - Boi-de-mamão em tecido.

**Fonte:** Autor da pesquisa.



**Figura 17:** Boneco do Arréda Boi - Boi-de-mamão transparente com rede de pesca.

**Fonte:** Autor da pesquisa.

Mesmo que o resultado da construção dos bonecos não atenda a critérios estéticos, é dada grande importância à participação das crianças na construção destes adereços como forma de estimular a criatividade e para que elas vejam significado naquilo que fazem dentro do grupo. Um dos entrevistados afirma que a proposta do grupo é enfatizar o caráter educacional e que por isto a criança é constantemente estimulada a interferir naquilo que está fazendo, mesmo que isto signifique mudar a forma de se fazer o Boi-de-mamão:

Porque desde o primeiro momento que nós começamos a trabalhar com o Boi sempre foi dentro de um contexto educacional. E isto implicou muitas demandas, a idéia de uma brincadeira da cultura popular dentro da escola, nesta perspectiva de trabalhar a educação, ela tem que ir se moldando a este universo da criatividade das crianças, destas tradições modernas. Então a gente trabalha muito pisando em ovos, o que é que pode mudar o que é que não pode. O grupo é reconhecido como um grupo ético (entrevistado 6).

Um entrevistado destaca que por ser uma construção coletiva, o Boi não é fechado e imutável. No entanto, as modificações incorporadas nem sempre são bem vistas pela comunidade ou por pessoas que contratam o grupo e que conhecem como se dança o Boi,

mesmo que o propósito delas esteja relacionado com fatores educacionais. A incorporação de tambores nas apresentações, por exemplo, ocorreu porque em um dos primeiros projetos desenvolvidos pelo grupo havia a necessidade de se construir instrumentos musicais que pudessem ser feitos pelas próprias crianças, o fato de ser de fácil construção e o baixo custo dos materiais necessários fez com que se optasse por eles. Posteriormente estes instrumentos foram incorporados nas apresentações, mesmo que inicialmente não se utilizasse tambores para brincar o Boi-de-mamão. O entrevistado 8 explicita esta questão nos depoimentos a seguir:

Lógico que são muitos tambores e até internamente no grupo isto é questionado, mas como não havia dinheiro para comprar sanfona, cavaquinho e violão a gente começou a pesquisar como fazer instrumento e aquilo se tornou uma alternativa porque é fácil de fazer e nós mesmos fazemos. Nós não compramos quinze tambores e colocamos nos Boi, nós construímos com as crianças os tambores. É um Boi que é feito para elas mas que também é delas (entrevistado 8).

Vão ter pessoas que não concordam com isso. Tem gente que fala que nós estamos acabando com Boi-de-mamão porque a gente está botando muita coisa. Aqueles tambores todos que a gente utiliza na apresentação, tem gente que acha que isso está acabando como o Boi. Eu entendo, e concordo com eles que isso está modificando o Boi mas só que a nossa visão é a de educador. Quando eu olho para aqueles tambores tocando estou vendo quinze crianças, não são os tambores (entrevistado 8).

Outro fato ilustra como o grupo vê a questão das modificações na manifestação cultural: um dos bonecos que representam o Boi foi confeccionado em material plástico transparente, portanto mais leve, para que pudesse ser utilizado pelas crianças durante o carnaval. Esteticamente o personagem provoca certo impacto por possibilitar a visualização de quem está carregando o boneco (figura 17), diferentemente dos convencionais feitos normalmente em tecido que impossibilita enxergar quem o carrega. Em alguns momentos, esta opção é questionada por se diferenciar muito do que é entendido originalmente como um Boi-de-mamão. Entretanto, as entrevistas demonstram que existe um posicionamento do Arréda Boi favorável a estas modificações, desde que existam critérios para que elas aconteçam, conforme se pode observar no depoimento a seguir:

Eu discordo muito dos intelectuais ou das pessoas que praticam o boi, que ele não possa ter coisa nova, que tenha que ser aquilo de quarenta anos atrás e não pode ser assim. Naquela época não havia prédio, por isso o boi tem que se adaptar. É claro que isso tem limite, não vamos sair por aí colocando a Maricota dançando a música "na boquinha da garrafa", mas tentar uma

maneira de trazer esta nova geração porque são eles que irão tocar o trabalho no futuro (entrevistado 8).

Não há uma preocupação em fazer alterações para se adequar ao interesse de quem contrata. As modificações ressaltadas acima são de outra ordem e estão relacionadas aos valores do grupo e a forma com que entendem a manifestação que praticam. Mesmo que por vezes possam ser criticados, o grupo parece demonstrar que o objetivo maior é a formação das crianças através de um processo de construção coletiva, em que a interferência é privilegiada, como afirma o entrevistado: “o que muda muitas vezes é que as pessoas que contratam a gente não conhecem muito bem o que é um Boi-de-mamão, que ele é uma construção coletiva” (entrevistado 8). A concepção do Boi como uma construção parece não ser entendida, muitas vezes, por quem contrata. Mesmo assim, este grupo demonstra pouca disposição a interferências que sejam externas e alheias ao contexto do trabalho a que se propõe. A afirmação a seguir ilustra esta constatação:

Aí você vai aprendendo com isso porque é chato você ficar explicando em uma apresentação, a gente fica meio constrangido. Aí quando a pessoa liga para casa eu já falou tudo: é um grupo de crianças, de percussão, às vezes vai um sanfoneiro outras não, quem canta sou eu, tem um Boi que é transparente, às vezes vai uma Bernunça só de bambu. Aí as pessoas ficam meio assustadas, mas eu digo que é isso aí, se quiser a gente manda umas fotos por e-mail (entrevistado 8).

O Arréda Boi, embora localizado em uma praia com grande fluxo turístico e desfilando no carnaval de rua local, demonstra uma inserção parcial na atividade turística da cidade. As atividades deste grupo não se limitam às apresentações, e os projetos desenvolvidos vão além da prática da manifestação cultural, sendo visto como uma forma de educar. As modificações observadas na forma com que o Boi-de-mamão é feito por este grupo, como nos materiais utilizados ou a incorporação dos tambores, são motivadas por questões alheias à interferência de quem contrata e não buscam adequação a padrões estéticos que pudessem representar um maior interesse do público e, conseqüentemente, um maior número de contratações.

### 4.3.2 RAZÃO DA EXISTÊNCIA

A idéia de formação do grupo surgiu a partir de um projeto de uma professora e de graduandos do Curso de Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) que convidaram alunos e pais de um colégio na Barra da Lagoa para praticar o folguedo de Boi-de-mamão. O primeiro núcleo surgiu neste momento que posteriormente se transformou em um grupo maior, dando origem, por iniciativa de alguns graduandos e moradores do bairro, ao Arréda Boi. Posteriormente, a Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis contratou alunos da mesma universidade para a execução de um projeto denominado Alevanta Boi Brincar que consistia na formação de cantadores, tocadores e dançadores de Boi-de-mamão na rede municipal de ensino. No primeiro ano o projeto foi executado em dois núcleos: Barra da Lagoa e Rationes. A maioria dos que trabalhavam com o projeto era integrante do Arréda (somente três não eram). No segundo ano o projeto foi ampliado para mais dois núcleos: Canto da Lagoa e Costa da Lagoa. Com a mudança na administração municipal, os projetos foram cancelados em virtude da falta de recursos e somente o que era executado na Barra da Lagoa foi mantido, só que agora pela Associação Cultural Arréda Boi. Um dos participantes deste projeto já desenvolvia um trabalho junto ao grupo de idosos do local e a prática do Boi-de-mamão proporcionou a junção das crianças, dos jovens e dos idosos em uma única atividade e uma reflexão sobre a sua importância social:

O desdobramento disto foi uma ligação entre as gerações, idosos e crianças, um conhecendo o outro, uma revalorização da cultura popular, a discussão de valores na comunidade, ou seja, o velho não é mais o velho, o velho é um baú de história, a criança não é aquela criança bagunceira, é uma companheira nas nossas brincadeiras. Tudo aquilo que fica cristalizado em relação a um ou ao outro, o velho e a criança, vai se quebrando e ai vai se construindo uma nova história (entrevistado 6).

Uma das razões apontadas pelos entrevistados para a formação do grupo consiste na preocupação com a valorização da cultura e a manutenção de uma manifestação cultural que faz parte da história da comunidade, como coloca um dos entrevistados: “foi a idéia de remontar brincadeiras populares na comunidade referendadas pela cultura local” (entrevistado 6). O estatuto da Associação Cultural Arréda Boi reforça esta idéia ao determinar que a sua finalidade é a de resgatar , preservar e divulgar as manifestações culturais do Município de

Florianópolis. Não há no estatuto, no entanto, uma determinação explícita de qual manifestação cultural da cidade deve ser priorizada, embora as ações do grupo estejam mais relacionadas ao folguedo do Boi-de-mamão. A opção pela formação de um grupo especificamente de Boi-de-mamão está relacionado, de acordo com os entrevistados, ao fato de ser esta uma manifestação cultural que era praticada por seus pais e também por não haver na localidade nenhuma outra iniciativa semelhante: “como a gente nasceu na Barra da Lagoa, nós tivemos muito contato (com o boi-de-mamão) quando era criança” (entrevistado 8).

A manifestação cultural é vista como uma forma de unir os moradores em volta de algo que esteja relacionado com a história da localidade, mesmo que boa parte da população que hoje lá reside não necessariamente tenha participado desta história: “o mais legal do Boi é a sua heterogeneidade, une crianças de sete anos com idosos de oitenta anos, negros, gaúchos, paulistas, nativos, argentinos, uruguaios e isto é que é a riqueza do trabalho, esta mistura” (entrevistado 8). Da mesma forma, outro entrevistado afirmou que o que trás satisfação “é ver a união da comunidade com o grupo, de estar unindo num mesmo evento às vezes crianças, idosos, pais, filhos e avós” (entrevistado 9). Não só a interação entre os membros da comunidade mas a própria integração da comunidade com o grupo demonstra ser importante aspecto considerado pelos seus membros:

Talvez eu falar isso não tenha muito sentido mas quem presencia isso no rosto das pessoas é muito gratificante. Mas principalmente a participação das pessoas no próprio fazer do Boi, ter as pessoas que estão assistindo não como espectadores e sim como participantes daquele ato que nós estamos fazendo ali. Quando elas estão participando e se sentem à vontade há uma união e a gente não percebe quem é do grupo e quem é de fora porque há este diálogo entre quem é do grupo e quem é de fora (entrevistado 9).

Destaca-se que os laços de amizade e parentesco entre os fundadores também constituem fator relevante na mobilização que deu origem ao grupo, conforme afirma um entrevistado: “primeiro foi o laço de amizade entre a gente, isto foi importante. Por meio do Boi a gente construiu um laço de amizade que dura até agora. Geralmente há grupos que se formam e na primeira briguinha já separam e lá a amizade é muito forte” (entrevistado 8).

É interessante observar que a prática de uma manifestação cultural, para este grupo, não constitui o objetivo final em si. Fica evidente no discurso dos entrevistados que o Boi-de-mamão é, na verdade, uma forma de se tratar questões políticas cujo resultado maior é a formação de cidadãos conscientes do seu papel na sociedade e “fazer Boi-de-mamão é só

um motivo” (entrevistado 6). Existe uma intenção explícita de possibilitar às crianças envolvidas nos projetos uma visão que lhes assegure uma capacidade de criticar e reconhecer a realidade que vivenciam:

É sair e conhecer outras realidades. Tocar na Serrinha, no Morro do Horácio<sup>6</sup> ou se apresentar num colégio particular e para que eles tenham essa visão de que o Boi pode proporcionar a eles conhecer diversas realidades, melhores ou piores do que as deles, de eles terem noção de que eles moram no lugar que é possível cuidar, preservar (entrevistado 8).

A visão crítica também fica explícita na opinião do entrevistado 7 quando afirma que o grupo lhe proporciona “a possibilidade de participar de algo que está na contramão daquilo tudo que é colocado pelo poder ou pela sociedade”. Neste sentido expõe que o Arréda é “um grupo que me possibilitou a ver de uma outra forma o mundo, de buscar a minha educação e poder contribuir no desenvolvimento das crianças, dos adultos e da própria escola e que a educação não seja aquela, padrão, que o Boi-de-mamão pode educar”. Da mesma forma, outros entrevistados colocam que o grupo constitui importante referência na sua formação:

Para mim foi um grupo que deu referências para minha vida. O fato de viver em uma comunidade pesqueira com familiares com pouca instrução, então ele me deu perspectivas de vida, referenciais para eu poder visualizar um curso universitário, novas experiências, conhecer aspectos culturais da própria ilha (entrevistado 9).

Mesmo que se observe um importante compartilhamento de valores entre os membros que resulte em comprometimento, o Arréda, a exemplo de outras organizações com fins não-lucrativos, demonstra dificuldades para conciliar suas atividades com os interesses particulares de seus membros. Um dos entrevistados afirma que:

É muito presente (comprometimento). Só que tem a idéia de que cada um tem uma demanda porque esta sociedade capitalista que a gente está o Boi ele não está sozinho. Você brinca de Boi mas você é pescador, esta complexidade de ações de cada um para a gente brincar o Boi para a gente se encontrar para discutir o Boi, nem sempre a gente consegue reunir todo mundo. E isto não acontecia quando a rapaziada era mais adolescente. O mundo do trabalho não tinha pego eles com tanta força. Mas eu tenho depoimentos muito bonitos de pessoas dizendo façam uma reunião em uma noite que eu não trabalhe, assim eu posso participar (entrevistado 6).

---

<sup>6</sup> Comunidades carentes em Florianópolis.

As atas das reuniões da diretoria mostram que, em diversos momentos, a falta de tempo dos integrantes em participar das atividades do grupo se constitui uma preocupação eminente. Em algumas oportunidades, inclusive, convites para apresentações foram recusados devido à indisponibilidade dos integrantes. O estatuto prevê a destituição do cargo aos membros da diretoria que não comparecerem às reuniões sem que seja dada uma justificativa antecipadamente. Não se observou, no entanto, nenhum momento em que esta regra tenha sido de fato aplicada.

Ressalta-se que boa parte dos integrantes possui formação na área de educação, o que pode refletir na forma com que o grupo se posiciona frente às questões sociais: “eu sou educador e um dos cerne do trabalho educativo é a formação de grupos, eu gosto desta coisa de discutir de fazer política e constituir grupo é fazer política. Eu acho que estes trabalhos que ligam pessoas, eles vão se desdobrando em outros trabalhos” (entrevistado 6). A vivência com o grupo é colocada, inclusive, como responsável por parte da formação que se iniciou nos bancos acadêmicos e que se complementou na comunidade: “muito da minha prática enquanto professor eu aprendi no grupo. Para mim foi e está sendo uma universidade” (entrevistado 8). Esta posição é reforçada pela afirmação de outro entrevistado:

Para mim é a constituição de um trabalho, eu vejo que tenho uma história que posso contar. Tenho muitos elementos que me formam e continuam me formando, quando eu vou dar aulas na universidade, toda a experiência que eu tive me ajudou bastante. Talvez tenha até me formatado no educador que eu sou hoje, trabalhando dentro da cultura popular, dentro da educação popular, a questão do diálogo, que não é a tua lógica que impera e sim a do grupo (entrevistado 6).

As entrevistas demonstram que o fato de haver uma diversidade de áreas na formação dos membros da diretoria do grupo (Pedagogia, Educação, Ciência Política), as discussões são sempre enriquecedoras e resultam numa reflexão constante a respeito da atuação do grupo.

O retorno esperado pelos integrantes está principalmente vinculado à preservação e transmissão da cultura, ao reconhecimento do trabalho do grupo e a possibilidade de que seus integrantes possam se manter a partir de projetos que envolvam a manifestação cultural. O fato de o Boi-de-mamão ser visto atualmente na comunidade como uma manifestação



cultural importante e que precisa ser preservada como forma de reforçar a identidade da comunidade foi apontado como um retorno para as atividades do grupo:

Tanto é que hoje, depois deste tempo todo, na Barra da Lagoa, falar de Boi-de-mamão é falar de uma coisa muito bonita, muito legal, muito importante. Um tempo atrás, dez ou doze anos atrás, falar de Boi-de-mamão era falar de coisa velha, de coisa antiga, então tem um outro dado que se junta a isto tudo que é a idéia de auto-estima da comunidade, acho que a cultura está muito ligada a isto (entrevistado 6).

Existe uma calara satisfação dos entrevistados em perceber que contribuem para que a população local atente para a importância em manter uma tradição que faz parte da história de suas famílias: “é tu poder ver uma criança sorrir, ver que ela está feliz de estar participando de uma atividade que os pais e avós dela dançaram” (entrevistado 7). Junta-se a isto, a reconhecimento por parte da comunidade do trabalho realizado pelo Arréda Boi, como informaram os entrevistados:

O grande retorno para o grupo é ter o reconhecimento da comunidade. Que a comunidade conseguia ver aquilo ali como um projeto que pode educar não só as crianças mas outras pessoas que vejam aquilo. Que quando um bloco de Boi-de-mamão passe na rua que elas vejam que fazem parte desta história e que se reconheçam como do grupo (entrevistado 7).

O retorno é o reconhecimento por parte da comunidade de um trabalho sério. O fato do Boi hoje estar dentro do colégio, de estar dentro da comunidade já é um reconhecimento (entrevistado 6)

Nos últimos quatorze anos o grupo vem crescendo e vem se firmando como uma entidade da comunidade, tanto que em uma pesquisa do jornal local o grupo apareceu como sendo um representante da comunidade. Os próprios pais começam a se identificar e a perguntar como podem contribuir para o grupo (entrevistado 7).

De uma maneira geral não há a preocupação explícita com resultados financeiros, o que parece primordial é desenvolver nas crianças a visão de que o Boi-de-mamão é parte de suas vidas e identificar aspectos no Boi relacionados com a vida da criança. Além disso o grupo entende que ser visto como parte da história da comunidade é um resultado importante.

Resultado, esta palavra é difícil... eu particularmente penso que resultado seria a criança começar a ver o boi de mamão como algo que faz muito parte da vida dela, que ele possa proporcionar uma escolha profissional e educacional, que ela consiga ver o mundo de outra forma, que não gire só em torno do capital mas que ela socialize a informação que ela tem, que ela veja que o tambor é feito com couro de boi com um nó que o avô usava para pescar, que comece a se reconhecer nos instrumentos ou nos bonecos do grupo (entrevistado 7).

Outro ponto destacado nas entrevistas é a possibilidade de tornar o trabalho desenvolvido pelo Arréda Boi como referência na cidade no que se refere à forma de se fazer a prática do Boi-de-mamão: “eu acho que é ver o nosso trabalho como um jeito de se fazer Boi-de-mamão na cidade” (entrevistado 8). Outro entrevistado demonstra qual é a principal forma de reconhecimento buscada pelo grupo:

O prioritário é nós transformamos o grupo numa citação de referência de trabalho ligado a uma política educacional, digamos na cultura popular. Hoje a gente vem tentando construir esta identidade. Nós entendemos que à medida que o Arréda for visto assim, as pessoas que trabalham ao redor dele irão receber os louros. A gente pensa em expandir esta prática de pesquisa, de como é que se faz Boi-de-mamão, como é que se constroem trabalhos de Boi-de-mamão. Não que a gente tenha uma receita, mas talvez um modelo de trabalho (entrevistado 6).

Percebeu-se, ainda, uma intenção por parte de alguns integrantes em fazer da sua atuação no grupo uma atividade profissional. Não que a Associação remunerasse seus integrantes, mas que o método de trabalho utilizado ali pudesse dar origem a projetos educacionais que se tornariam opções de renda para estas pessoas, como afirma um entrevistado: “futuramente eu trabalhar só com isso também, que eu possa viver só do Boi-de-mamão profissionalmente, trabalhando nas escolas como professor ou reunindo estes grupos por aí para fazer apresentações” (entrevistado 7).

Como a atuação do grupo é constantemente debatida, qualquer atividade desenvolvida sempre resulta em uma avaliação que pode ocorrer após a sua execução ou em uma reunião subsequente. Estas avaliações parecem buscar não só uma reflexão sobre os erros e acertos de uma apresentação, por exemplo, mas também visam discutir aspectos mais amplos relacionados ao local, ao propósito da apresentação, aos aspectos influenciados por ela ou quais as repercussões possíveis. A afirmação a seguir demonstra alguns destes aspectos: “sempre ao final das apresentações elas são debatidas. A apresentação em si, a parte estética,

o que melhorou, o que foi legal, ou o que não foi legal, mas também a gente discute o local onde fomos nos apresentar, aí tem todo um debate que é importante” (entrevistado 6). Não há uma forma estruturada e pré-estabelecida de como a avaliação deve ser feita, ao contrário, ela é feita livremente a partir de pontos considerados relevantes pelos membros do grupo presentes no momento em que ela ocorre. As atas analisadas demonstram que algo comum entre as avaliações que ali estavam registradas era a amplitude dos aspectos considerados. Ao que parece, estas avaliações realizadas durante as reuniões da diretoria envolvem somente os coordenadores, enquanto que as realizadas após as apresentações acabam, mesmo que sejam mais breves, dando espaço para a participação das crianças e dos idosos que cantam e tocam instrumentos no grupo. Algumas destas avaliações são registradas nas atas das reuniões e contribuem para a divulgação interna, através de e-mail, do que é discutido pelo grupo. As conversas informais, pessoalmente ou por telefone, também constituem uma forma de levar ao conhecimento de todos os integrantes os assuntos discutidos nas reuniões, dentre eles, as avaliações das atividades realizadas. Estas formas de trocar informações (e-mail, conversas informais, contato telefônico) constituem o principal recurso para comunicação interna.

Externamente, de acordo com as entrevistas, o principal momento de divulgação das atividades do grupo, tanto para a comunidade quanto para os turistas, é o carnaval de rua realizado na Barra da Lagoa. Durante este desfile os integrantes utilizam uma camiseta com o nome do grupo e carregam faixas e cartazes enquanto dançam o folgado pelas ruas do bairro. É neste momento em que ocorre um maior contato e interação com a comunidade. O entrevistado informou que a divulgação, embora incipiente por se concentrar em um único evento no ano, atende a uma necessidade de fazer com que o trabalho do grupo seja conhecido, além de proporcionar aos interessados informações de como contratar o grupo, como participar dele, como ajudá-lo. No entanto, observou-se que a divulgação pretendida visa sobretudo dar visibilidade ao trabalho realizado pelo grupo. Não há uma intenção explícita de fazer com que a exposição proporcionada pelo carnaval se reverta em contratações. As crianças participantes dos projetos mantidos pelo grupo também contribuem para divulgar o trabalho do grupo na medida em que informam aos pais as ações do Arréda. O Arréda Boi também já participou da gravação de programas de televisão e documentários mas estas iniciativas são menos frequentes e acontecem por convites que acontecem geralmente por indicação da Universidade Federal de Santa Catarina onde um dos coordenadores é professor do Departamento de Educação. Existe uma intenção de construção de um site na internet mas a falta de recursos ainda não possibilitou a sua concretização.

### 4.3.3 COMO FAZ

O grupo é registrado como uma associação sem fins econômicos sob a denominação de Associação Cultural Arréda Boi, iniciou as suas atividades em 1993 mas somente em 1997 se transformou em associação exigindo a criação de um estatuto. Nele estão descritos os tipos de sócios que constituem a associação (fundadores, honorários e contribuintes), as suas atribuições, a constituição e funcionamento dos órgãos deliberativos e administrativos (Assembléia Geral e Diretoria Executiva), a constituição do patrimônio e as fontes de recursos, dentre outras determinações. As normas estabelecidas no estatuto estão, de forma geral, relacionadas ao funcionamento do grupo como descrição dos cargos da Diretoria e atribuições de cada tipo de associado e os membros entrevistados demonstraram ter conhecimento do seu conteúdo. Existe, ainda, um detalhamento dos direitos e deveres de cada membro e de cada cargo e as punições para os desvios de conduta (perda de mandato e inclusive expulsão).

Observou-se, através das entrevistas, que a determinação de regras busca estabelecer condições mínimas para o funcionamento do grupo. Em uma ata, inclusive, há o registro do posicionamento de um dos integrantes que afirma que não existe liberdade sem regras. Salienta-se, no entanto, que as determinações encontradas são restritas e enfatizam o estabelecimento de condições para a organização do grupo. Não se encontraram procedimentos que determinem a forma com que o trabalho deve ser realizado, dando liberdade ao ocupante do cargo na execução das suas atividades.

O Arréda Boi não demonstra um apego às normas, mesmo que restritas, estabelecidas no estatuto. Considera-se que o fato de o grupo expressar uma preocupação constante em adequar o estatuto as suas necessidades do dia-a-dia não impede que ações sejam tomadas mesmo que não estejam em consonância com o que foi determinado inicialmente. Desde sua criação, o estatuto já foi alterado cerca de seis vezes e, segundo os entrevistados, essas alterações buscam não só atender às exigências legais, mas sobretudo fazer com que ele seja um reflexo da realidade vivida, ou seja, o estatuto deve refletir aquilo que efetivamente acontece na prática organizacional do grupo. A afirmação do entrevistado 7 ilustra a forma com que o grupo percebe a necessidade de revisar o estatuto: “teve um período em que o estatuto era muito burocrático por isso a gente achou melhor fazer alterações para adequá-lo a nossa maneira trabalhar. Ele amarrava muito o grupo. As pessoas estavam ali por estar no papel e não por que elas sentiam bem naquilo”. No momento das entrevistas o grupo

estava alterando os cargos, excluindo uns e criando outros, de forma que algumas necessidades fossem atendidas, isto porque, “a diretoria na verdade estava no papel mas efetivamente ela não estava atuando da forma com que estava no papel, na organização do grupo” (entrevistado 7). O estatuto prevê que para a sua alteração são necessários os votos de dois terços dos membros presentes em assembléia convocada especificamente para este fim.

Verificou-se que a maioria dos convites para apresentações é feita de maneira informal e dificilmente ocorre assinatura de contratos. As únicas formas de registro percebidas são cartas ou e-mail. As entrevistas demonstram que, em alguns casos, existe um registro da prestação do serviço por parte do grupo através da emissão de uma nota fiscal ou recibo. No entanto, isto se faz mais por exigências legais ou por uma necessidade do contratante do que por uma opção do grupo. Percebeu-se inclusive, que o fato de não registrar é visto como algo positivo por tornar a relação entre o grupo e o contratante uma relação menos formal e mais descontraída, como afirmou o entrevistado 7: “na verdade, só acontece uma comunicação verbal e eu acho muito interessante porque deixa de ter essa coisa muito burocrática do contrato, é uma coisa assim não oficial. Mas tem muitos casos que a gente tem que apresentar recibo para as pessoas”. Os projetos que possuíam financiamento de empresas foram todos formalizados e exigiam uma prestação de contas mais estruturada. Um balanço financeiro anual também é elaborado para fins contábeis e passa pela avaliação de todos.

As atas das reuniões, embora pouco estruturadas, com erros que comprometem inclusive a sua compreensão, constituem a forma de registro de atividades mais usual encontrada no grupo. Entretanto, de acordo com o entrevistado, nem sempre os encontros são registrados: “às vezes a gente faz ata das reuniões, depende do processo. Às vezes a gente fica conversando e acaba se tornando uma conversa entre amigos” (entrevistado 7). O registro nem sempre é feito pelo fato de haver amizade entre os membros e a obrigatoriedade de registrar tudo parece ser dispensada, mesmo que seja visto como forma de tornar oficial aquilo que se discute: “a gente está tentando eliminar isso, que sejamos amigos mas que também seja uma coisa oficial” (entrevistado 7).

O Arréda é coordenado por uma Diretoria Executiva que, de acordo com o estatuto, deve ser eleita em Assembléia Geral, com mandato de um ano, composta pelos seguintes cargos: Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro, Vice-Tesoureiro, Secretário e Diretores de Patrimônio (as Diretorias de Patrimônio estavam sendo reformuladas no momento das entrevistas). Destaca-se que por considerar inadequada a idéia da existência de

diretores, o grupo optou em alterar o estatuto e substituir as diretorias por coordenadorias, enfatizando que o papel de quem comanda as atividades devem ser visto mais como o de uma coordenação. Pode-se afirmar que no caso deste grupo, a coletividade é priorizada de forma que a autoridade se distribua quase homogeneamente por todos os membros da Diretoria. Um dos entrevistados afirma que : “na verdade a gente não gosta dessas coisas de Presidente, Vice-presidente, Tesoureiro, a gente é um grupo de pessoas que coordena e que toma as decisões sempre juntos” (entrevistado 7).

Como mencionado anteriormente, neste grupo não se verificou a existência de procedimentos pré-estabelecidos para a execução das atividades que são controladas através das reuniões. Considera-se, no entanto, que a reflexão sobre o papel de cada membro, constantemente discutida nas reuniões e observada nos registros feitos em atas, resulta em um autocontrole que dispensa o estabelecimento de regras detalhadas. É preciso salientar ainda que a existência de uma consonância entre os valores dos membros proporciona uma coesão que por si só se expressa em uma conduta muito semelhante, minimizando a necessidade de regras. O próprio estatuto prevê um compartilhamento de valores ao especificar as condições para que um novo membro seja aceito na associação: concordar com o estatuto, expressar através da sua atuação na organização e fora dela os princípios ali definidos, ter idoneidade moral e reputação ilibada. As atas demonstram, entretanto, que em alguns momentos falta uma clareza sobre as atribuições dos membros, fazendo com que atividades deixem de ser realizadas. Um membro chega a afirmar que é preciso estabelecer uma rotina de tarefas para que as ações se concretizem, outro afirma haver a necessidade de se estipular objetivos específicos de trabalho. Ao que parece, a falta de determinações limita a atuação do grupo por depender muito da iniciativa individual que, nem sempre, tem se mostrado suficiente. Talvez esta seja a origem de alguns posicionamentos como o do entrevistado 6: “o que eu vejo é que quem coordena o grupo, que eu acredito nesta idéia de ter um coordenador, pelo menos por enquanto ainda, com o passar do tempo quando o grupo for ganhando experiência muitos coordenadores podem aparecer” (entrevistado 6).

As decisões no grupo são tomadas, basicamente, no momento das reuniões. O estatuto determina que elas devem ser definidas a partir de votação. Os entrevistados, no entanto, afirmaram que são tomadas coletivamente através de consenso e declararam não gostar de votação. A afirmação a seguir demonstra a posição de um entrevistado em relação ao tema: “as decisões são por consenso e argumentação, não é por votação. Nunca gostei disto: quem é a favor ou quem é contra levanta a mão. Se é a favor, por quê? Se é contra,

porque que é contra? Ai na argumentação a gente vai resolvendo a questão” (entrevistado 8). Outro integrante aponta o caráter coletivo e os critérios que envolvem as decisões: “coletivamente, sempre com muita discussão e com alguns critérios: sempre buscando qual a importância que isso tem para o grupo, quais as consequências dessa decisão para o grupo, até que ponto isso vai ser bom ou não” (entrevistado 9).

Observou-se que há uma preocupação maior de promover a discussão, considerando sempre o processo mais importante que o resultado em si. Nas atas analisadas, expressões como “após horas de conversas” e “em comum acordo após várias discussões” são comuns e denotam haver uma priorização por ouvir os diversos pontos de vistas, mesmo que isto comprometa a rapidez das ações implementadas. Os entrevistados colocaram que, por várias vezes, as reuniões se alongam sem que necessariamente decisões sejam tomadas, mas isto não é visto como prejudicial já que para os membros o mais importante é a possibilidade de que todos possam refletir sobre as questões ali tratadas. Ressalta-se que muita importância é dada ao processo de construção de um grupo crítico mesmo que isto sacrifique o alcance de algum resultado mais imediato. Neste sentido, um dos entrevistados afirma: “tem os que falam mais outros que falam menos, a gente às vezes fica três ou quatro reuniões conversando sobre o mesmo assunto por que algumas pessoas não querem ou não concordam com aquela forma que está sendo feito” (entrevistado 7). Outro depoimento confirma esta colocação: “às vezes uma discussão rende duas ou mais reuniões” (entrevistado 9).

Os entrevistados demonstram uma intenção de compartilhamento da decisão e o máximo de participação dos seus membros. No entanto, ressalta-se que esta descentralização está restrita aos membros que participam das reuniões da Diretoria mesmo que não sejam detentores de cargos executivos. As crianças participantes dos projetos e os seus pais parecem não estar envolvidos neste processo devido à baixa atuação nestes encontros. As decisões mais importantes são registradas e divulgadas através das atas das reuniões ou por uma lista de e-mails utilizada pelos membros da Diretoria.

No que se refere à forma com que os conflitos são tratados, percebeu-se que os integrantes não hesitam em expor seus posicionamentos e que a discussão é vista como algo sadio ao desenvolvimento do grupo. Um entrevistado afirma que:

Os conflitos ficam muito seguros em nós. Podemos até bater de frente com alguém, mas em alguns momentos a gente acaba deixando assim. Nos últimos anos a gente vem discutindo mais por causa da formação do grupo

[entenda-se aquisição de conhecimento na educação formal]. As pessoas vão ganhando conhecimento e acabam opinando mais (entrevistado 7).

Algumas atas analisadas corroboram para conclusão de que os conflitos de opiniões são tratados abertamente. Diversos exemplos de colocações expressam críticas abertas entre os integrantes, sem que a ocupação de um cargo resulte em maior concordância com posicionamentos tomados.

A definição de tarefas dentro do grupo está relacionada com as especificidades dos cargos determinados pelo estatuto. Nele estão descritas algumas atribuições (orientações gerais e algumas responsabilidades) dos cargos de Presidente, Tesoureiro e Secretário. Com exceção destas, as demais funções desempenhadas dentro do grupo não são especificadas no estatuto. A divisão das tarefas busca atender à disponibilidade e o interesse dos integrantes, ou seja, existe uma preocupação de que cada um exerça um papel que esteja de acordo com seus interesses. Pode-se dizer, então, que há um cuidado para que todos se sintam bem no que desenvolvem, como afirma o entrevistado 7: “é uma opção [assumir alguma tarefa] e que também ela esteja disposta a fazer aquilo, não é uma coisa imposta”. O mesmo entrevistado conclui: “por ser um grupo pequeno de apenas dez pessoas a gente achou melhor a pessoa também colocar o que ela quer fazer”. Durante um período, no entanto, alguns cargos foram preenchidos para atender uma necessidade de agilizar o processo de formalização da associação, sem uma maior reflexão ou estabelecimento de critérios, conforme expresso a seguir: “a gente teve um período em que tivemos que fazer isso a toque de caixa para regularizar, tornar oficial, levar para cartório e algumas pessoas não se sentiram bem por que ficaram em alguns cargos que não era uma escolha delas” (entrevistado 7). No entanto, em alguns momentos, como nas apresentações, as habilidades determinam a divisão como no caso de quem canta, toca o instrumento ou dança determinado personagem do Boi-de-mamão. Havendo, entretanto, a necessidade de intercambiar o que cada um deve fazer, todos parecem dispostos a colaborar para que apresentação não seja prejudicada.

Os entrevistados demonstraram que há uma intenção explícita de promover um intercâmbio entre as tarefas e atribuições de cada membro da diretoria, argumentou-se que isto possibilita uma renovação na forma de se fazer as coisas. Na prática, em alguns anos, observou-se que no momento da eleição da Diretoria os mesmos membros foram mantidos por não haver interesse de outros em assumir os cargos colocados à disposição.



O Arréda Boi viabiliza as suas atividades em função da dedicação voluntária dos seus integrantes nas atividades desenvolvidas. Somente o coordenador do projeto executado na escola local é remunerado pela Secretaria de Educação do município, integrando o seu corpo docente. Este professor é formado em Educação Física e foi um dos participantes do projeto Alevanta Boi Brincar feito por alunos da UDESC em quatro escolas municipais, inclusive a Escola Básica Municipal da Barra da Lagoa, com a descontinuidade em virtude da troca na administração municipal, a Direção da escola solicitou a contratação deste professor para manter o projeto neste colégio. O Arréda participa deste projeto através do fornecimento de equipamentos de som e recursos provenientes de financiamentos adquiridos junto às empresas ou instituições da cidade que servem para o pagamento dos educadores, compra de material, alimentação e transporte das crianças para as apresentações. Não há um vínculo formal entre o grupo e a Prefeitura Municipal, como explica um dos entrevistados:

Hoje o Ronei é vinculado a Prefeitura mas não tem um vínculo formal entre a Associação Arréda Boi e a Prefeitura. O trabalho do Ronei foi reconhecido enquanto um trabalho interessante, importante, sério e ele foi contratado pela Prefeitura para desenvolver o Boi-de-mamão na escola e o Arréda Boi entra como apoio. Mas dentro da Escola ninguém fala é o Boi-de-mamão da escola, é o Arréda, então informalmente nós temos um vínculo que não foi formalizado via Prefeitura (entrevistado 6).

Além deste professor, os idosos que acompanham o grupo, cantando ou tocando instrumentos, recebem uma colaboração quando há a cobrança de cachê. Embora o estatuto determine que o exercício de qualquer função não será remunerado, sendo expressamente vedada à distribuição de dinheiro, vantagens ou bonificações, os entrevistados afirmaram que valor dado aos idosos se deve às baixas condições financeiras deles e esta seria uma forma de colaboração do grupo. A dedicação voluntária dos seus membros, mesmo constituindo um dos principais recursos do grupo, parece não ser vista como um “trabalho voluntário”, algo dispendioso que exija esforço, como afirma o entrevistado 9: “é importante destacar que quase ninguém vê como um trabalho voluntário em si. Estou lá há doze anos mas nunca me vi como um voluntário, eu me vejo como parte integrante do próprio grupo”.

Constituem o patrimônio deste grupo os bonecos, os tambores e o equipamento de som utilizado nas apresentações. Existem ainda os bonecos confeccionados pelas crianças nos projetos e que são por elas utilizados quando se apresentam. Alguns dos instrumentos

musicais que fazem parte das apresentações como cavaquinho, violão e sanfona são de propriedade dos tocadores, integrantes do grupo de idosos que colaboram com o Arréda. O grupo não possui sede e as reuniões ocorrem na casa dos integrantes e os ensaios com as crianças no próprio colégio onde há um local para guardar os equipamentos e os bonecos do Boi.

O estatuto especifica quais fontes de recursos financeiros podem ser utilizadas pelo grupo: projetos desenvolvidos pela associação, realização de eventos e contribuição dos associados, espontâneas ou através de mensalidade. Na prática, observou-se que os recursos financeiros são oriundos das doações de pessoas da comunidade (principalmente os comerciantes locais que colaboram para a realização do carnaval de rua), dos cachês cobrados pelas apresentações e dos projetos financiados por empresas ou instituições. Não há cobrança de mensalidade dos membros, a colaboração deles se dá através de seu próprio trabalho em prol dos objetivos da Associação. Os recursos provenientes de patrocínio são sempre feitos através de projetos apresentados às empresas ou instituições. Historicamente, de acordo com as entrevistas, o grupo já recebeu apoio da Fundação Maurício Sirotsk Sobrinho<sup>7</sup>, da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis e da Eletrosul Centrais Elétricas S.A.<sup>8</sup>. As apresentações, em sua maioria, são realizadas sem a formalização de contratos. Quando questionado sobre a importância destas fontes de recurso, os entrevistados afirmaram que o patrocínio e as doações constituem as principais formas de manter o grupo financeiramente:

Hoje são os vínculos com alguma organização não-governamental ou algum órgão. Historicamente nós fomos financiados pela Fundação Maurício Sirotsk Sobrinho. Num primeiro momento trabalhamos com a Prefeitura no projeto Boi Brincar, depois Eletrosul e agora com a Prefeitura de novo. A gente foi se construindo assim, vão financiando os nossos projetos e eles vão acontecendo. Eu acho que o patrocínio é fundamental (entrevistado 6).

Os cachês pagos pelas apresentações foram apontados como importantes dependendo do período: “têm períodos em que tem grande importância, em outros não. Agora, por exemplo, eles não estão tendo tanto peso mas acredito que de Agosto em diante eles serão importante porque como a gente ainda não conseguiu um apoio este ano eles irão ter um peso maior” (entrevistado 7). A exemplo de outros grupos de cultura popular, o Arréda Boi possui dificuldade em obter recurso conforme expõe o entrevistado 6:

---

<sup>7</sup> Fundação ligada ao Grupo Rede Brasil Sul de Comunicação, afiliada da Rede Globo nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

<sup>8</sup> Empresa de transmissão de energia para a região sul do país.

A gente sabe que é complicado trabalhar com cultura, ainda mais cultura popular, tão estigmatizada. Parece que a cultura popular nunca precisa de muito dinheiro, mas eu acho que é o contrário, a cultura popular tem uma demanda muito grande. Cada grupo de cultura popular tem aí no mínimo trinta pessoas. Aí questão de alimentação, vestuário, figurino, viagens, é tudo muito complexo. E a gente vê todos estes editais e eu fico muito perplexo, em áreas como as artes plásticas, o teatro, o montante destinado e para a cultura popular ainda é um montante muito pequeno (entrevistado 6).

Todos os entrevistados colocaram que esta é uma preocupação constante e o grupo vem discutindo atualmente alternativas que viabilizem a sua manutenção, como afirma o entrevistado 7: “a gente pensa em um dia poder viver disto e aprender a mexer com isso financeiramente, como buscar este recurso, como trabalhar com ele, como prestar conta disso. A gente está começando a criar essa preocupação, como manter o grupo financeiramente”. No momento das entrevistas, uma série de reuniões para a discussão e elaboração de projetos estava sendo realizada. Destaca-se que este grupo parece priorizar as formas de captação de recursos provenientes de projetos e investe menos na promoção do grupo como uma alternativa de espetáculo que possa ser contratado. Os projetos desenvolvidos têm sempre um caráter educativo ressaltado e a questão da preservação de uma manifestação cultural aparece como apoio e um meio de proporcionar a formação de cidadãos. Estas questões parecem influenciar na forma com que o grupo busca se manter, fazendo com que a cobrança de cachês represente a menos importante dentre as três citadas pelos entrevistados.

A decisão para a destinação dos recursos segue a urgência da necessidade. As entrevistas apontaram que a prioridade é a manutenção do grupo (aquisição de roupas, confecção de bonecos e adereços). Os recursos financeiros captados através dos projetos são, de forma geral, destinados às atividades relacionadas ao próprio projeto. As despesas estão relacionadas com compra de material para confecção dos tambores de dos bonecos, alimentação para as crianças e transporte do grupo para as apresentações realizadas nos colégios da rede municipal. O dinheiro arrecadado com os cachês é destinado a uma conta que, no final de cada ano, discuti-se a sua destinação, se para financiar o carnaval de rua no bairro (camisetas com o nome do grupo, cartazes, equipamento de som) ou para custear passeios aos alunos do projeto.

A preocupação evidente neste grupo com o processo demonstra uma proximidade com as isonomias propostas por Ramos (1989). A tolerância à ambigüidade demonstra uma disposição à interação simbólica característica de formas organizacionais isonômicas. Da mesma forma, a preocupação com auto-realização dos membros evidencia tal constatação.

#### 4.3.4 COM QUEM SE RELACIONA

O Arréda Boi demonstra valorizar a interação com a comunidade em que está localizado e suas diversas representações. Não existe, ao contrário do que possa imaginar, uma priorização das relações que resultem em apoio financeiro ao grupo. Muita ênfase é dada pelos integrantes entrevistados ao relacionamento existente entre o Arréda e o Grupo de Idosos da comunidade e os pais e familiares das crianças participantes dos projetos desenvolvidos. As entrevistas demonstram que a participação dos idosos, mesmo que recebendo alguma contribuição, como colocado anteriormente, é considerada primordial para o processo educacional visado pelo grupo. A convivência entre gerações contribui para desmistificar a relação entre o antigo e o moderno, a tradição e a inovação, o idoso e o jovem. Da mesma forma, muita importância é dada ao apoio dos pais e familiares das crianças por considerarem que não há educação sem o engajamento da família neste processo. Outras organizações sociais como a Igreja e o Centro Comunitário também foram citados como colaboradores e apoiadores das atividades deste grupo.

As parcerias estabelecidas com empresas ou instituições têm o propósito de financiar o grupo e foram, conforme citado anteriormente, firmadas com a Secretaria de Educação de Florianópolis, a Fundação Maurício Sirotsk Sobrinho e a Eletrosul, sendo esta última a que perdurou por maior tempo, num total de quatro anos. A Escola Básica Municipal da Barra da Lagoa também é considerada um importante parceiro por ser onde os projetos estão sendo realizados nos últimos três anos. A relação do Arréda Boi com a Eletrosul teve início em 2003 a partir de uma solicitação de recursos feita à organização por um dos coordenadores do grupo para a realização do II Encontro de Bois-de-mamão que ocorreu durante o carnaval de rua na Barra da Lagoa. No ano seguinte, a organização patrocinou o terceiro encontro e na sequência financiou um projeto de percussão executados com as crianças da comunidade. Em 2005 e 2006 a Eletrosul forneceu recursos para a execução de dois projetos do Arréda Boi junto à escola municipal local. No momento das entrevistas, um projeto havia sido enviado a esta empresa e o grupo aguardava uma avaliação. Nele o grupo propõe apresentações em colégios da rede pública municipal que possuam grupos de Boi-de-mamão no intuito de promover um intercâmbio e dinamizar as apresentações dos alunos envolvidos. Os recursos solicitados serão utilizados no transporte dos alunos da Barra da Lagoa aos colégios selecionados, na alimentação e na aquisição de equipamento de som. Como contrapartida, o Arréda oferece a

divulgação da empresa como mantenedora do projeto através de banners, exposição da marca e logotipo.

Os entrevistados afirmaram que não há a possibilidade de estabelecer qualquer tipo de vínculo com empresas ou instituições que sejam consideradas de conduta duvidosa. Neste sentido, o entrevistado 6 expõe que: “nós temos uma preocupação de dialogar com instituições muito éticas. Então tem coisas que a gente não bate muito. Tem algumas empresas que a gente sabe que não queremos receber apoio”. Como exemplo, um entrevistado citou uma empresa que aterrou o único mangue existente na Barra da Lagoa e afirmou que com ela o Arréda jamais poderia se relacionar. Observou-se, ainda, que embora trate de questões culturais, o grupo não mantém muito contato com a Fundação Franklin Cascaes<sup>9</sup> e, de acordo com as entrevistas, isto se deve à posições políticas da Fundação consideradas contraditórias pelos membros da diretoria.

---

<sup>9</sup> Fundação Cultural de Florianópolis ligada à Prefeitura da cidade.

#### 4.4 GRUPO FOLCLÓRICO ALEVANTA MEU BOI

O Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi se originou em virtude da atuação profissional de seus dois coordenadores como recreacionistas em hotéis localizados no norte de Florianópolis, nas Praias de Ingleses e Santinho. A disponibilidade, em um dos hotéis, de bonecos dos personagens do folgado Boi-de-mamão fez com que seus coordenadores dessem início à prática desta manifestação cultural com os hóspedes, primeiramente, e depois com um grupo de crianças. O grupo foi fundado em 2001 e a partir de 2007 atua como uma Associação. No momento da pesquisa o grupo possuía dezoito membros, sendo três adultos (os dois coordenadores e sócios da empresa de recreação e uma mãe) e quinze crianças entre oito e quinze anos. O Alevanta Meu Boi se apresenta principalmente nos meses de Dezembro a Março nos hotéis de Florianópolis e em outras regiões do estado. A organização não possui uma sede, mas todo o material utilizado fica guardado na casa dos coordenadores. As figuras a seguir ilustram apresentações deste grupo:



**Figura 18:** Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi – Apresentações.  
**Fonte:** Autor da pesquisa.

#### 4.4.1 O QUE FAZ

O Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi iniciou as suas atividades dentro dos hotéis do Norte da ilha como uma alternativa de recreação para os turistas durante a temporada de veraneio, entre os meses de Dezembro e Março, principalmente. Por iniciativa dos seus coordenadores, o grupo passa a se apresentar, semanalmente, aos domingos pela tarde, em espaço aberto na Praia dos Ingleses onde o comércio local se concentra, tornando-se um atrativo cultural aos turistas e moradores que freqüentam esta praia. A visibilidade proporcionada por estas apresentações originou convites ao grupo que passou a se apresentar em festas particulares, como casamentos ou recepções, festas em outras comunidades (Festas Juninas ou religiosas), festas empresariais de confraternização, congressos, escolas particulares ou públicas e hotéis em outras localidades.

Embora o grupo atue durante todo o ano, existe uma demanda maior por apresentações nos meses de Dezembro à Março tendo em vista a estreita relação do Alevanta Boi com os hotéis de praia localizados em Florianópolis. Durante a temporada, o grupo chega a se apresentar três vezes por dia. São os coordenadores que negociam as apresentações e colocaram como condições para aceitar um convite a disponibilidade de alimentação de qualidade para as crianças e a liberação de áreas de lazer para uso das crianças, no caso de hotéis. De acordo com um entrevistado, “isto fica a critério da coordenação [o aceite de convites], mas eles têm uma preocupação porque trabalham com crianças, então tem que ter um cuidado até porque a responsabilidade é deles. Pega um carro, põe um reboque atrás e mais um monte de criança, tem que ter responsabilidade” (entrevistado 17).

Ao se observar os locais em que este grupo se apresenta e o período em que possui maior demanda por elas, percebe-se que, dentre os pesquisados, ele é o que demonstra maior dependência da atividade turística. O fato de ter se originado em hotéis como uma opção de recreação e o vínculo dos coordenadores, que fazem desta a sua atividade profissional, denotam uma dedicação quase que exclusiva aos hotéis durante a temporada de veraneio, inclusive com o estabelecimento de contratos que chegam a durar três meses (de Dezembro a Março). Diferentemente dos outros grupos analisados, o Alevanta Meu Boi dificilmente se apresenta sem que haja o pagamento de cachê ou alguma contrapartida de quem solicita a apresentação. Nem sempre o pagamento é em dinheiro, como no caso das apresentações feitas na área comercial do bairro quando os donos de restaurante se revezam fornecendo uma refeição aos integrantes ou nas apresentações feitas em um parque aquático

em que a utilização das instalações e a alimentação para as crianças constituem o pagamento. Quando questionados a respeito de convites por parte de escolas ou comunidades que não podem pagar pela apresentação os coordenadores informaram que indicam ao interessado a possibilidade de solicitar a Fundação Franklin Cascaes uma apresentação do grupo. Neste caso a Fundação contrata e remunera o grupo para que se apresente na comunidade.

O Alevanta Meu Boi faz uma recriação do folguedo Boi-de-mamão em que várias modificações foram acrescentadas. A apresentação é comandada por um dos coordenadores que interpreta o personagem principal, denominado Mateus, cuja esposa, Moreninha, grávida, tem desejo de comer o Boi-de-mamão, a figura 19 ilustra estes personagens. A encenação se inicia com a entrada do Mateus que interage com a platéia e utiliza a forma de falar característica do morador de Florianópolis conhecido como Manézinho da Ilha, descendente açoriano e primeiros colonizadores da região. Toda a apresentação é permeada por um tom humorístico em que as características dos moradores são ressaltadas, como a forma de falar, as expressões verbais, as vestimentas e os costumes. A interação com o público é o ponto alto da apresentação. O coordenador que assume personagem principal busca informações junto à recepção do hotel sobre os hóspedes como nome, local de origem, nome da esposa, ou qualquer outro dado que sugira que o personagem conheça esta pessoa e que possa ser satirizada durante a encenação. Um momento destes é retratado na figura 20 em que um dos espectadores é convidado ao palco para participar da brincadeira. Após esta interação inicial, Mateus começa a contar a história do Boi-de-mamão e chama os demais personagens ao palco (ou roda quando não há palco no local) e explica o que cada um representa, dando significado aos símbolos utilizados ou o porquê do nome “Boi-de-mamão”. Os personagens entram em cena, interagem com o público e saem. Somente o Mateus permanece todo o tempo no palco comandando a entrada dos demais. Isto dispensa a necessidade de ensaio, já que o improviso das crianças é suficiente para o “desfile” dos personagens.





**Figura 19:** Apresentação do Alevanta Meu Boi – personagens centrais.

**Fonte:** Autor da pesquisa.



**Figura 20:** Apresentação do Alevanta Meu Boi – interação com o público.

**Fonte:** Autor da pesquisa.

Ressalta-se que no folgado tradicionalmente festejado nas ruas de Florianópolis não há a figura de um personagem que comande a entrada dos bonecos. Este papel é desempenhado pelo cantador que através da letra da música chama os bonecos para a interação com o público e com os demais personagens. Nesta forma de se apresentar o Boi é o personagem principal e permanece quase todo o tempo em cena interagindo com os demais. Na versão criada pelo Alevanta Meu Boi, o Mateus assume este papel central como se fosse um contador da estória do Boi. Este grupo utiliza ainda diversas músicas ao longo da apresentação com uma variação grande de ritmos e letras. Se antes cada trecho da letra era dedicado a um personagem, mas dentro da mesma música, este grupo trás um novo elemento ao diferenciar as melodias para cada personagem e interrompê-las com intervenções, hora para interagir com o público, hora para contar parte da estória e dar significado a ela. Como o grupo possui um CD gravado com toda a estória contada e a seqüência das músicas utilizadas, durante a apresentação é este CD que toca, seguido por integrantes tocando instrumentos como violão, pandeiro e tambor. Em virtude de a gravação ter sido feita em estúdio, com músicos profissionais e uma diversidade de instrumentos (acordeom, percussão, violão de seis e doze cordas), a música é de boa qualidade e, acompanhada de um equipamento de som profissional, resulta em um grande efeito. A maior parte das músicas utilizadas na apresentação deste grupo foi transmitida oralmente através das gerações sem autoria definida. A música do Boi-de-mamão de cada localidade tem a função, inclusive, de identificar a origem do grupo já que normalmente várias referências locais nela estão inseridas, como o nome do bairro. Na utilizada por este grupo existem referências ao bairro de Ingleses.

Observa-se uma preocupação muito grande com a questão estética. Os bonecos foram confeccionados pelos coordenadores e são fabricados em fibra-de-vidro para que sejam leves e ocupem menos espaço no transporte, já que se encaixam um dentro do outro. O material que cobre os bonecos é muito colorido e há um apego aos detalhes durante a caracterização dos personagens, como pode ser observado na figura 21 e 22. Por um período os coordenadores fabricaram bonecos semelhantes a pedido de um outro grupo mas abandonaram esta prática por considerarem que os bonecos que possuem os diferenciam dos demais grupos e não seria vantajoso torná-los semelhantes.



**Figura 21:** Boneco do Alevanta Meu Boi - Boi-de-mamão.

**Fonte:** Autor da pesquisa.



**Figura 22:** Boneco do Alevanta Meu Boi – Cavalinho.

**Fonte:** Autor da pesquisa.

As diferenças existentes entre o Alevanta Meu Boi e os demais grupo de Boi-de-mamão foram ressaltadas por um dos pais entrevistados:

A apresentação deles é diferenciada dos outros grupos de Boi-de-mamão que têm por aí. Eles são mais interativos com o público. Não é só simplesmente o Boi dançando lá e alguém cantando e tocando. Acaba envolvendo o próprio público presente. Até o próprio Boi é diferente, ele é mais colorido, geralmente o que tem por aí são uma cor só ou uma cor muito escura, que não é uma cor agradável (entrevistado 17).

O pesquisador acompanhou duas apresentações do Alevanta Meu Boi, uma em um hotel e outra em uma Festa Junina em uma comunidade. Observou-se que algumas diferenças ocorrem quando há uma mudança de público ou de local. O primeiro ponto que merece ser destacado diz respeito ao espaço disponível para a apresentação do grupo. Nos hotéis a apresentação pode ocorrer em área aberta ou dentro dos restaurantes. Na apresentação

observada, o grupo utilizou um pequeno espaço dentro do restaurante após o jantar servido aos hóspedes. O local era pequeno e não permitia muita mobilidade dos personagens, principalmente os maiores como Bernunça e Maricota. Em meio a cadeiras e mesas as crianças se deslocavam tentando interagir com o público como pode ser visto nas figuras 23 e 25. Na apresentação durante a Festa na comunidade, o grupo utilizou a rua, espaço em que normalmente o folgado é praticado. Neste caso, a área utilizada permitia maior mobilidade dos personagens e todos podiam ficar em cena ao mesmo tempo, fato dificultado na apresentação no hotel devido ao local. As figuras 24 e 26 ilustram a apresentação que ocorreu na rua.



**Figura 23:** Apresentação do Alevanta Meu Boi – espaço no hotel.

**Fonte:** Autor da pesquisa.



**Figura 24:** Apresentação do Alevanta Meu Boi – espaço na rua.

**Fonte:** Autor da pesquisa.

Os entrevistados afirmaram preferir quando a apresentação ocorre em locais como praças ou festas na comunidade porque se divertem mais e a interação com o público é maior: “eu acho bem mais divertido se apresentar em pracinha porque é um pessoal mais simples e que interage mais com os personagens e em um hotel o povo é mais chique” (entrevistado 22). A descontração da rua parece refletir na satisfação que os integrantes demonstram ao se apresentarem, contrapondo com a formalidade existente no hotel. Nas apresentações acompanhadas, observou-se que a quantidade de pessoas que assiste interfere na empolgação dos integrantes do grupo. No hotel o número de pessoas era pequeno como pode ser visto na figura 25, enquanto que na Festa Junina, demonstrada na figura 26, havia um número bem maior de pessoas.



**Figura 25:** Apresentação Alevanta Meu Boi – público no hotel.

**Fonte:** Autor da pesquisa.



**Figura 26:** Apresentação Alevanta Meu Boi – público na rua.

**Fonte:** Autor da pesquisa.

O Alevanta Meu Boi demonstra ter uma forte ligação com a atividade turística tendo em vista a sua atuação nos hotéis durante o verão. Neste grupo, diferentemente do Arréda Boi, parece existir uma preocupação em adequar a manifestação cultural de forma que se torne atrativa ao público. As modificações introduzidas na forma de se brincar o Boi parecem derivar de uma intenção de obter uma atração que desperte o interesse e a atenção de quem a assiste. Vale ressaltar que as diferenças percebidas nas duas apresentações são mínimas, principalmente o espaço disponível e o tamanho do público mas que parecem interferir no significado que elas podem ter para os integrantes. Mesmo que a encenação tenha sido originada dentro dos hotéis como uma opção de atividade de recreação e demonstre muitas diferenças quando comparada com a forma com que o folguedo era brincado em outros tempos, quando ela acontece na rua, em seu espaço natural, alguns traços parecem reaparecer como ressaltado pelos entrevistados.

#### 4.4.2 RAZÃO DA EXISTÊNCIA

Desde 1995 os dois coordenadores do grupo são sócios de uma empresa denominada Ação e Lazer que presta serviço de recreação para hotéis no norte de Florianópolis nas praias de Ingleses e Santinho. Em um dos hotéis cliente desta empresa havia um restaurante que utilizava em sua decoração os bonecos personagens do Boi-de-mamão. Os recreacionistas começaram a utilizar estes bonecos nas atividades desenvolvidas junto aos hóspedes. O interesse dos turistas pela brincadeira despertou nos sócios a idéia de tornar o



Boi-de-mamão uma atividade permanente dentre as opções de recreação. Inicialmente os recreacionistas faziam a encenação, denominado por eles como uma apresentação teatral do Boi-de-mamão, com os próprios hóspedes dos hotéis. Posteriormente uma amiga dos coordenadores perguntou se era possível a participação de seus filhos no Boi-de-mamão. A participação destas crianças despertou o interesse de outras da comunidade que passaram a fazer parte, a partir de 2001, da encenação do folguedo dando início ao grupo ao Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi. O depoimento a seguir ilustra de que forma o grupo se formou:

Como um é professor de Educação Física e o outro é recreacionista, eles trabalhavam com recreação nos hotéis. Um dos hotéis já tinha alguns personagens, eles reformaram todos os personagens e começaram a fazer a brincadeira do Boi com os hóspedes e depois surgiu a idéia de pegar crianças da comunidade para fazer só com crianças (entrevistado 22).

A partir do início de 2007 o Grupo Folclórico se tornou uma Associação cuja finalidade, de acordo com os coordenadores, é a de desenvolver oficinas e projetos relacionados à manifestação do Boi-de-mamão e a de captar recursos que possibilitem a apresentação gratuita do Alevanta Meu Boi em locais como comunidades carentes e escolas públicas. Atualmente coexistem a empresa Ação e Lazer, cuja denominação é utilizada para formalizar os contratos estabelecidos com os hotéis, e a Associação, ainda pouco atuante.

Quando questionados sobre os fatores que motivaram a formação do grupo, os coordenadores colocam que esta é uma forma de manter a tradição do Boi-de-mamão: “a intenção é não deixar morrer esta tradição”. Um dos pais das crianças entrevistadas também afirma existir uma intenção de preservar uma manifestação cultural ameaçada pelo esquecimento: “sim, a gente conversou no início sobre a importância do resgate da cultura, e a visão dos coordenadores de resgatar isso junto aos jovens que aí a tendência é não morrer mesmo” (entrevistado 17). No entanto, pode-se supor que a motivação mais evidente foi a percepção de que esta era uma importante oportunidade de diversificação das atividades da Ação e Lazer já que a utilização de aspectos da cultura popular local havia despertado o interesse dos turistas. No site da empresa consta a seguinte declaração:

Somos uma Empresa empenhada na iniciativa e garantia que o folclore se mantenha e a tradição se perpetue, além de proporcionar mais uma alternativa para o turismo cultural. Participe desta manifestação e miscigenação das raças, do embalo de esperanças animadoras e iluminadas, que são nossas tradições e costumes e que refletem a riqueza da imaginação de nosso povo.

Percebe-se que embora a manutenção da tradição popular seja mencionada, ela é apenas secundária e funciona mais como oportunidade de diversificação da atividade de recreação que anteriormente era realizada nos hotéis. Entretanto, as entrevistas com os pais demonstram que por parte deles há uma percepção de que esta seria uma forma de seus filhos desenvolverem uma atividade que esteja ligada a uma tradição local.

Os significados para as atividades do grupo podem ser agrupados em dois: constitui uma forma de ocupação e aprendizagem para as crianças e proporciona convívio social e lazer aos integrantes. O depoimento de um dos pais ilustra o porquê da participação de seu filho neste grupo: "eu conhecendo o trabalho deles [os coordenadores], eu sei que ele está bem. Ao invés de ficar em casa ou na rua, eu sei que ele está aprendendo alguma coisa. É como se fosse um grupo teatral e como ele gosta deste tipo de coisa, ele já vai aprendendo" (entrevistado 21). Para outro pai esta seria uma forma de educar, já que o grupo desperta o interesse para questões tão relevantes como cultura e arte. Os coordenadores consideram que para as crianças é importante participar do grupo porque assim "eles não estão na rua, é uma atividade a mais". Além de ser uma diversão e um aprendizado para os integrantes: "se você perguntar para eles sobre folclore eles vão saber te responder, quando surgiu, como surgiu" (entrevistado 15).

Além destes fatores, talvez o que mais se destaca seja o convívio social entre as crianças proporcionado pelas atividades deste grupo, como enfatiza o entrevistado 17: "hoje as crianças não têm mais turma. Antigamente a gente tinha turma por que não existia o computador. Hoje as crianças são individualistas, não tem amigos. Automaticamente ela vai para o Boi e tá brincando". Para as crianças e pais entrevistados, o Boi é uma alternativa de lazer que os proporciona sair e interagir com outras crianças: "a gente vai lá e se diverte e não fica em casa parado, lá a gente fica com os amigos" (entrevistado 16), ou como afirma uma das mães: "não deixa de ser uma forma de eles se divertirem e ter o lazer deles. Ao invés de estarem na rua soltando pipa que é uma coisa que tem risco, eu acho este projeto fantástico" (entrevistada 22). Da mesma forma, outro entrevistado destaca que participa porque gosta: "até para não ficar em casa na frente do computador. Eu gosto por que estou lá entrosado com meus amigos" (entrevistado 20). Os laços de amizade desenvolvidos a partir das relações estabelecidas entre as crianças dentro do grupo contribuem para a o empenho nas suas atividades. Os relatos demonstram que as crianças percebem sua participação como uma diversão e o esforço para estar presente em todas as apresentações pode ser colocado como

reflexo desta constatação, como afirma um dos entrevistados: "eles envolvem o jovem, gira muita emoção, eu percebo pelo nosso filho. Ele larga tudo o que tem para fazer quando tem apresentação do Boi, isto é um compromisso, têm um vínculo muito forte com os coordenadores e com os próprios colegas" (entrevistado 18).

Um retorno considerado importante pelos pais é a satisfação das crianças em participar do grupo, um deles afirma que: "ele se sentem felizes porque se não se sentissem não estariam ali, porque a gente não obriga a freqüentar" (entrevistado 22). Para as crianças, estar entre os colegas e sempre brincando, como já mencionado, constituem uma das principais motivações. O fato de elas poderem utilizar as instalações dos hotéis em que se apresentam, muitas vezes condição estabelecida pelos coordenadores para aceitar um convite, é considerado pelos pais como uma forma de retribuição por parte do grupo aos seus membros, como afirma o entrevistado 22: "existe uma preocupação de que eles tenham liberdade no hotel, de usar a piscina, salas de jogos, é uma troca. Embora eles não ganhem nada, eles têm um lazer que às vezes os pais não têm condições de proporcionar para eles". Além da utilização das instalações, os hotéis que contratam o grupo fornecem a alimentação para as crianças através de almoços ou jantares, dependendo do horário em que as apresentações acontecem. Isto também é visto pelos pais como algo positivo já que de outra forma muitas crianças não teriam a possibilidade de ter acesso ao que consideram "mordomias". Os relatos demonstram que também há uma valorização do reconhecimento do público pelo trabalho do grupo. Neste sentido, um dos pais afirma que: "no final da apresentação e eles voltam e são apresentados como cidadãos, jovens e crianças e têm o reconhecimento das pessoas, os aplausos, a felicidade das pessoas, muitos se emocionam e eu acho isso muito legal" (entrevistado 18). Para as crianças observar a alegria das pessoas ao assisti-los causa-lhes satisfação, conforme o depoimento a seguir: "é a gente ver as pessoas se divertindo, olhando a gente e gostando" (entrevistado 20). Um dos pais demonstra um olhar mais abrangente ao afirmar que o grupo proporciona aos seus integrantes uma possibilidade de "conviver com outras pessoas, outras culturas também quando a gente vai em algum lugar e tem coisas que a gente nunca viu, coisas novas, é um aprendizado" (entrevistado 22), e conclui: "eles aprendem a lidar com que as pessoas. A falar até melhor, a linguagem é diferente. Quem souber aproveitar vai tirar um bom proveito".

Neste grupo, no entanto, observou-se que resultados mais funcionais, ligados ao aumento da visibilidade do grupo como forma de proporcionar maior número de contratações ou preocupações com a diversificação de produtos com o nome do Alevanta Meu Boi para

serem vendidos nas apresentações, têm sido perseguidos. Um dos pais entrevistados justifica a necessidade de venda de produtos como forma de manter a empresa (e o grupo por consequência): "tem a venda dos CD's. Até porque senão o grupo não sobrevive. O Boi-de-mamão é um grupo de rua. Tem que cobrar e tem que vender. O grupo tem camisetas pra vender, a Bernuncinha<sup>10</sup> pra botar caneta. Até porque tem todo um investimento que eles [os coordenadores] fazem e tem que ganhar" (entrevistado 17). Quando questionados sobre os resultados mais importantes, os coordenadores identificaram o número de CD's e de camisetas vendidas ou a quantidade de pessoas que assistem suas apresentações: "se tu vendes uma camiseta hoje, você consegue atrair mais dez pessoas. Hoje a gente vai se apresentar e vê crianças com a nossa camiseta. Nós temos na rua cerca de duzentas camisetas vendidas" (entrevistado 15). O fato de o número de pessoas que conhece o Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi crescer também é citado: "a gente vai conseguindo fãs a mais, isto que é legal para nós". O reconhecimento do público pode ser aqui visto não só pela importância enquanto valorização de uma manifestação artístico-cultural mas, sobretudo, pela potencialização dos ganhos financeiros que ele possa proporcionar. O fato de o público demonstrar interesse pelas apresentações deste grupo muito provavelmente influencie na decisão de um hotel em contratá-lo.

As formas de divulgação do grupo, seja através das camisetas ou do automóvel utilizado no transporte e que estampa o nome Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi, dos CD's com as músicas utilizadas nas apresentações, do site ou dos banner que anunciam as apresentações, buscam antes de tudo dar visibilidade ao grupo. Para um dos pais entrevistados, "a divulgação é essencial. Hoje se você não fizer divulgação está fora do mercado" (entrevistado 17). Com relação à utilização de uniformes, um dos coordenadores expõe que: "quando a gente chega nos lugares as pessoas já sabem que aquele pessoal lá é do Boi-de-mamão" (entrevistado 15).

A avaliação dos resultados financeiros é feita pelos coordenadores e os pais declararam desconhecer qualquer informação a eles relacionada, inclusive o valor dos cachês. A única avaliação em que há participação das crianças são aquelas feitas informalmente após as apresentações durante o recolhimento dos materiais. Nestes momentos são discutidos aspectos como reação do público, erros ou acertos durante a encenação ou problemas de comportamento das crianças. O entrevistado 18 destaca como ela ocorre: "é muito

---

<sup>10</sup> A Bernunça ou Bernúncia é um personagem do Boi-de-mamão, inspirado no dragão chinês e que representa a figura do bicho-papão e na brincadeira engole crianças assustadas.



descontraído. Todas as crianças têm oportunidade de falar. Não tem brigas, não tem ofensa, nem os coordenadores nem entre eles (crianças). É um bate-papo". Esta avaliação não é registrada e nem divulgada aos pais, somente os presentes têm conhecimento do que foi discutido. Somente em problemas mais críticos de comportamento por parte das crianças é que os pais são comunicados.

#### **4.4.3 COMO FAZ**

Como já explicitado, o grupo se tornou uma Associação no início de 2007 com o intuito de angariar recursos através de leis de incentivo à cultura. Na prática, no entanto, a atuação da Associação ainda é incipiente e o estabelecimento dos contratos, até o momento das entrevistas, era feito através da empresa Ação e Lazer, de propriedade dos coordenadores. A fundação da Associação exigiu a elaboração de um estatuto que não foi analisado pelo pesquisador por não ter sido disponibilizado. Os pais entrevistados demonstraram desconhecer as informações contidas no estatuto e afirmaram não terem participado da sua elaboração e aprovação.

Este grupo não demonstra uma preocupação com o estabelecimento de normas e procedimentos. Justifica-se, no entanto, que o fato de grande parte das funções administrativas estarem concentradas nos dois coordenadores não há necessidade de determinações na forma com que o trabalho deve ser realizado. Algumas exigências são feitas para que as crianças permaneçam no grupo. A primeira é que a permanência está condicionada ao desempenho escolar, como afirma um entrevistado: "tem que estar na escola, tem que estar bem, tem que exigir isso para que eles tenham um compromisso também. Tem que ter a sua vida escolar em dia" (entrevistado 18). Uma das crianças destacou que o desempenho escolar dos integrantes do grupo é controlado no final do ano através do boletim de notas. Crianças que são reprovadas deixam de participar por um ano das atividades. Como os seus integrantes, em sua maioria, são crianças, existe um cuidado com regras de comportamento principalmente quando as apresentações ocorrem em hotéis. Um dos pais expõe o porquê da necessidade do estabelecimento destas regras:

Quem está no hotel de repente não gosta. Então tem que ter o cuidado das crianças não ficarem perturbando, até porque são crianças. De repente ficam correndo no meio do hotel, então tem que ter este cuidado. Regra é regra. Eu que sou adulto tenho regra, então tem que ter regras para eles também. No hotel as pessoas estão pagando para ter um conforto dentro do hotel (entrevistado 17).

O mau comportamento pode ser, inclusive, motivo para a expulsão do grupo ou outras formas de punição como uma suspensão: “não pode desrespeitar as pessoas, se fizer isso pode sair do grupo ou pegar uma punição, como não ir em duas apresentações” (entrevistado 20). Uma das crianças afirmou que o fato de um dos integrantes ter sido expulso por problemas de comportamento faz com que os demais vejam isto como exemplo e se comportem. De acordo com as entrevistas, os pais concordam com esta conduta por considerarem a disciplina algo importante e necessário ao grupo. Excluindo-se os registros contábeis, poucas atividades são registradas. O único registro identificado foi a autorização que os pais assinam permitindo a participação de seus filhos no grupo.

No Alevanta Meu Boi o controle das atividades é feito principalmente pelos proprietários da empresa Ação e Lazer e por uma das mães que acompanha a maior parte das apresentações. O papel desta mãe é o de auxiliar os coordenadores a supervisionar as crianças nos locais onde o grupo se apresenta. Nos momentos em que o grupo se encontra, basicamente nas apresentações já que não há ensaios, tão pouco reuniões para discussão de qualquer tema, a supervisão é direta. Durante o ano os pais são convidados para participar de festas de confraternização juntamente com as crianças, normalmente Festas Juninas e de fim de ano, em que as crianças brincam o folguedo de forma mais livre e os coordenadores aproveitam entes momento para fazer comunicações a respeito das atividades desenvolvidas pelas crianças. Observou-se, através das entrevistas, que estas reuniões visam mais um entrosamento entre os pais sem que assuntos em relação ao funcionamento do grupo sejam tratados.

Neste grupo há uma grande centralização da tomada de decisão já que quase tudo é decidido entre os coordenadores. Um argumento utilizado para a centralização é o fato de os integrantes serem crianças e não terem autonomia para decidir. Este argumento parece fraco na medida em que nem mesmo os pais são consultados em muitas decisões. O fato de existir uma empresa por trás do grupo, cuja propriedade está bem evidente, já que em alguns momentos os pais se referem aos coordenadores como “donos do Boi”, não se percebe uma

preocupação dos pais em participar e se envolver no direcionamento das ações do Alevanta Meu Boi. Não parece haver uma reflexão a respeito do que significa designar a organização como “grupo folclórico” já que o seu funcionamento pode ser caracterizado, em muitos aspectos, como o de uma empresa. Um coordenador coloca que “o problema é que muita gente decidindo não vai dar certo. No final do ano tem uma festa e a gente pergunta o que eles querem ganhar, é a única coisa que a gente pergunta, daí eles dão opinião”. No caso de agendamento das apresentações os pais são informados das datas antecipadamente. Alguns pais afirmaram que o fato de as apresentações acontecerem fora do horário de aulas das crianças não haveria a necessidade de uma consulta prévia para o seu agendamento. Como há uma flexibilidade grande na forma de apresentar os personagens, a falta de algum membro não interfere no andamento da apresentação.

Todas as atividades referentes à organização do grupo ficam a cargo dos coordenadores e são eles que designam a divisão das tarefas também durante as apresentações. A confecção dos personagens e adereços utilizados é feita por um dos coordenadores. Destaca-se que a qualidade dos bonecos é superior a maioria dos grupos de Boi-de-mamão da região. As camisetas e moletons utilizados pelos integrantes e comercializados são estampados pelos coordenadores e eles ainda fabricam um artesanato que é vendido durante as apresentações juntamente com os CD's. No que se refere as tarefas administrativas, não ficou evidente uma separação muito clara de quais são as atribuições de cada uma dos coordenadores. Ao que parece eles realizam as tarefas conforme a urgência e disponibilidade de cada um. Nas apresentações cada criança assume um ou dois personagens que nem sempre são fixos. Alguns personagens, no entanto, são sempre interpretados pelas mesmas pessoas como o Mateus e a Moreninha (representados pelos coordenadores) e o Boi (representado por um adolescente de dezesseis anos). Nestes casos dificilmente existe a possibilidade de intercambiar as funções porque estes personagens interagem simultaneamente durante a apresentação e nenhuma das crianças poderia assumi-los. Nos demais personagens não há a necessidade de habilidades específicas porque a sua performance é mais livre, basta que entrem em cena no momento em que o Mateus os chamar e desfilem perante o público. No entanto, um pai relatou que ocorre, às vezes, rodízio de personagens entre as crianças para que se faltar alguém teria como “repor as peças”. Observou-se que alguns personagens despertam o interesse das crianças por denotar maior status e isto pode gerar uma disputa para apresentá-los. Nestes casos as crianças acabam revezando entre si para que todos tenham a oportunidade de “brincar” todos os personagens.

Com relação às outras tarefas durante a apresentação, observou-se que existe uma divisão mais ou menos específica que busca agilizar a preparação para iniciá-la e para efetuar o recolhimento do material, como afirma o entrevistado 16: “na desmontagem durante o verão gente faz rodízio. Tem o grupo que cuida do som, tem o grupo que cuida da montagem e desmontagem dos personagens. Os que arrumam as camisetas. A gente divide para ser mais rápido”.

As atividades deste grupo são possibilitadas pela dedicação voluntária das crianças e de alguns pais que contribuem em algumas atividades. Os coordenadores, no entanto, são remunerados por ser esta a sua atividade profissional. Embora as crianças não sejam remuneradas, os pais parecem concordar com a troca estabelecida já que elas recebem alimentação, passeiam, têm possibilidade de utilizar as instalações dos hotéis (piscinas, salas de jogos, etc), são presenteados pelos coordenadores em épocas festivas, ganham material escolar e até roupas e calçados. Um dos pais, ao se referir aos benefícios dados às crianças, afirmou que: “porque sem as crianças eles não vão longe. Então já que não são remunerados, alguma coisa tem que ser feita” (entrevistado 22). Não se observou, em nenhum momento, estranheza por parte dos pais entrevistados o fato de existir uma empresa por trás da organização deste grupo. Nem mesmo o nome da empresa foi citado nas entrevistas, sendo que os pais se referem ao grupo como Alevanta Meu Boi. Embora eles tenham consciência das relações comerciais estabelecidas entre a empresa Ação e Lazer e os hotéis, isto não é questionado. Mesmo havendo explicitamente a contratação da empresa de recreação, no momento das apresentações o grupo é anunciado como Grupo Folclórico.

Os coordenadores possuem um automóvel utilitário para o transporte das crianças e um reboque onde são levados os equipamentos utilizados nas apresentações, demonstrados nas figuras 27 e 28. Constituem ainda o patrimônio do grupo os bonecos e o figurino, fabricados pelos coordenadores, e um equipamento completo de som. Os coordenadores se orgulham em ser o único Boi-de-mamão em Florianópolis que possui automóvel próprio para o transporte. Este automóvel também é utilizado como forma de divulgar o grupo já que possui estampado na carroceria o nome (Grupo Folclórico Alevanta Meu Boi) e formas de contato (com a empresa Ação e Lazer). Este grupo não possui sede e todo o material fica armazenado na casa dos coordenadores. A prefeitura do município concedeu um terreno no bairro para a construção da sede da Associação na qual os coordenadores pretendem executar projetos culturais como oficinas de artes.



**Figura 27:** Automóvel utilizado pelo Alevanta Meu Boi.  
**Fonte:** Autor da pesquisa.



**Figura 28:** Reboque onde são transportados os bonecos.  
**Fonte:** Autor da pesquisa

As fontes de recursos deste grupo são os contratos estabelecidos com os hotéis durante a temporada de verão, os cachês cobrados pelas apresentações e as doações de empresas e de pessoas que assistem as apresentações em locais públicos. O grupo ainda vende CD's, camisetas e artesanatos durante a apresentação. Destas a que representa maior montante de recursos são os contratos estabelecidos para as apresentações em hotéis, principalmente nas praias do norte da ilha, e os cachês pagos individualmente por outros contratantes. O pesquisador não foi informado do número de hotéis que contratam o grupo entre os meses de Março e Dezembro, mas durante este período o grupo chega a se apresentar três vezes ao dia. Nestes meses, todos os domingos o grupo se apresenta aos domingos na área comercial do bairro com o apoio dos comerciantes locais. A apresentação é trocada por jantares ou almoços nos restaurantes, combustíveis, e outras formas de troca. O CD gravado pelo grupo foi patrocinado pela Eletrosul e por um supermercado local. Uma prática recente no grupo é a solicitação de doações aos espectadores que observam as apresentações em praças ou locais públicos. O dinheiro ali arrecadado é utilizado para a compra de alimentos consumidos durante o deslocamento do grupo entre uma apresentação e outra.

A iniciativa de fundar a Associação, de acordo com as entrevista, visa conseguir recursos para estender as atividades do grupo. A partir dela será possível a elaboração de projetos para que o grupo se apresente em locais como escolas públicas que não podem pagar. O entrevistado 22 expõe os motivos para a criação da Associação: “a gente transformou nesta associação até para conseguir mais patrocínio, tentar através do governo porque não é fácil conseguir. Se não tiveres uns projetos já pronto, uma associação registrada direitinho você não consegue”. De acordo com os coordenadores, com a sua fundação, haverá uma separação

entre as atividades da empresa e da Associação. No entanto, percebeu-se que a atividade profissional dos proprietários está restrita às apresentações do Alevanta Meu Boi e não ficou claro como seria possível esta separação já que no momento das entrevistas a Associação já havia sido instituída há cerca de quatro meses e mesmo assim o grupo continuava vinculado à empresa de recreação.

A qualidade dos bonecos, dos adereços e do figurino sugere qual é a prioridade deste grupo na destinação dos recursos. Ressalta-se ainda que o grupo possui uma aparelhagem de som profissional, motivo de orgulho para seus coordenadores. Muita ênfase é dada na questão estética da apresentação o que faz com que a manutenção dos bonecos e adereços seja constante. Ultimamente, de acordo com as entrevistas, a maior parte dos recursos tem sido destinada à manutenção do veículo utilizado pelo grupo. Outra preocupação evidente é com a alimentação das crianças, no entanto ela, quase sempre, faz parte do pagamento pela apresentação, ficando a cargo do contratante. Os pais demonstraram desconhecer informações financeiras e os critérios para a distribuição dos recursos, nem mesmo o valor dos cachês. São os coordenadores que decidem onde empregar os recursos.

#### **4.4.4 COM QUEM SE RELACIONA**

O Alevanta Meu Boi possui um relacionamento estreito com os hotéis e o comércio da Praia dos Ingleses, é através do estabelecimento destas parcerias que o grupo se mantém. Em virtude de os coordenadores atuarem a muito tempo com a atividade de recreação nos hotéis da região, boa parte dos contatos para a contratação do grupo é feito diretamente aos coordenadores. Pode-se considerar que o principal motivo para estas parcerias é o interesse comercial na venda das apresentações do grupo. No entanto, o fato de haver uma prática de apresentações na área comercial do bairro, sem que necessariamente seja pago um cachê, demonstra um interesse em divulgar o trabalho do grupo enquanto transmissor e propulsor de uma manifestação cultural representativa daquela comunidade.

Além de se apresentar nos hotéis, o Alevanta Meu Boi tem uma atuação constante em outras comunidades, principalmente em Festas Juninas e religiosas. Nestes casos, a contratação do grupo acontece por intermédio da Fundação Franklin Cascaes que, atendendo a solicitação da comunidade, indica este grupo como uma opção de atração. Em festas como

estas, normalmente a comunidade entra em contato com a Fundação solicitando o envio de alguma atração artístico-cultural ou especificamente um grupo de Boi-de-mamão. Embora existam outros grupos cadastrados, observou-se que em muitos casos a Fundação tem contratado este grupo para atender a estas solicitações. O fato de o Alevanta Meu Boi ser registrado (através da Ação e Lazer) e poder emitir uma nota fiscal, além de dispor de um meio de transporte, eliminando a necessidade de a Fundação ter que providenciá-lo, podem ajudar a explicar a priorização a este grupo como observado. Vale ressaltar que as características da sua apresentação, como o teor humorístico e a exuberância dos elementos utilizados, também têm contribuído para que as comunidades façam uma solicitação específica por uma apresentação do Alevanta Meu Boi. Outras parcerias foram estabelecidas com a Eletrosul e um supermercado local para a gravação do CD.

Ressalta-se ainda que por depender das crianças para efetivar as apresentações, os coordenadores buscam um contato constante com suas famílias. Neste sentido, observou-se que festas de confraternização entre os pais e o grupo são realizadas, pelo menos, duas vezes ao ano (em Junho e Dezembro). Os coordenadores explicitaram ainda que a escola da comunidade é por vezes brindada com apresentações não só para difundir a prática desta manifestação cultural como também para divulgar e despertar o interesse de outras crianças pelo grupo. Outro ponto a ser destacado é a intenção dos coordenadores em elaborar projetos futuramente no intuito de angariar recursos para a Associação, valendo-se das leis de incentivo à cultura.

## 5 CONCLUSÕES

A pesquisa aqui descrita tinha como objetivo principal **analisar as repercussões da utilização de manifestações da cultura popular como atrativo turístico nas práticas organizativas de quatro grupos folclóricos da região de Florianópolis**. No intuito de concretizá-lo, buscou-se primeiramente identificar os grupos folclóricos atuantes na Região Conurbada de Florianópolis. O levantamento realizado em 2006 identificou a existência de trinta e dois grupos que foram separados em quatro tipos de manifestações folclóricas na região: o Boi-de-mamão, o Terno de Reis, as danças folclóricas e a Cantoria do Divino (SILVA, 2006).

Após a seleção dos casos, partiu-se para a caracterização das práticas organizativas dos quatro grupos folclóricos pesquisados, buscando identificar quais são as atividades desenvolvidas por estes grupos, qual a sua razão de existência, de que forma fazem o que se propõem e com que pessoas ou instituições se relacionam. No que se refere à primeira dimensão da categoria **o que fazem** estes grupos, percebe-se que o Grupo Arcos - Pró-resgate da Memória Histórica, Artística e Cultural de Biguaçu desenvolve atividades de pesquisa, registro e divulgação de manifestações culturais de base açoriana.

A pesquisa e o registro destas manifestações constituem o ponto de partida para as demais atividades desenvolvidas por este grupo. Neste processo existe uma preocupação evidente em manter um compromisso com a originalidade das manifestações pesquisadas que se deve, principalmente, à presidente do Arcos pelo fato de ter formação acadêmica como historiadora. Diversas expressões da cultura açoriana fazem parte dos registros mantidos por este grupo, dentre elas: modos de fazer, músicas, culinária, danças, festas ou cerimônias, costumes, utensílios domésticos, instrumentos musicais e vestimentas. O resultado destas pesquisas é divulgado de diversas formas, podendo ser através de exposições fotográficas, instalações, publicações, oficinas, palestras e, principalmente, pelo Grupo de Danças e Cantares Açoriano. Contribuem ainda para a preservação das manifestações culturais açorianas as ações do Arcos junto à sociedade do município de Biguaçu visando o tombamento de edificações históricas como o Casarão Born. O grupo de danças se reúne semanalmente para ensaios, independente do agendamento de apresentações.

No caso do Arréda Boi, observou-se que suas atividades se dividem, principalmente, nas reuniões em que debatem constantemente a atuação do grupo, nos projetos desenvolvidos junto às escolas, na atuação em assuntos da comunidade da Barra da Lagoa, nas apresentações e no desfile realizado durante o carnaval de rua na localidade. Pode-



se dizer que há uma ênfase na formação dos cidadãos que participam das atividades e por isto qualquer ação deste grupo é sempre refletida e discutida. A prática do Boi-de-mamão é vista como uma forma de educar, dentre várias possíveis.

O Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC realiza ensaios semanais duas vezes por semana, apresentações quando convidados e viagens como forma de integração social. Este grupo prioriza os ensaios semanais e as apresentações são vistas como importantes, mas não essenciais, para a manutenção do grupo. Se no Arréda Boi a prática da manifestação cultural é utilizada como um meio de promover a formação das crianças, neste grupo a dança é encarada como uma forma de proporcionar qualidade de vida aos idosos que freqüentam os ensaios. O que lhes importa é a possibilidade de se reunir duas vezes por semana e interagir nestes momentos na busca pela saúde física e mental.

Já o Alevanta Meu Boi, dos grupos pesquisados, é o que apresenta atividades mais restritas por se reunir basicamente para se apresentar. Não havendo compromissos agendados, tirando os momentos de confraternização, o Alevanta Meu Boi pouco se reúne e não há uma prática de ensaios. No entanto, este é o grupo em que as apresentações são mais freqüentes, principalmente por estabelecer contratos de três meses durante a temporada de verão com hotéis na região norte da ilha. Talvez por estarem localizados em praias da cidade, o Alevanta Meu Boi e o Arréda Boi são os que possuem uma intensificação de suas atividades durante o verão, período de maior fluxo turístico em Florianópolis, o primeiro em virtude das atividades nos hotéis e as apresentações na região comercial da Praia dos Ingleses e o segundo devido aos desfiles no carnaval de rua da Barra da Lagoa. O Arcos e Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC declararam manter recesso durante as férias e só convocarem seus membros para alguma apresentação somente em casos especiais.

Especificamente no que se refere à forma com que estes grupos se apresentam, ressalta-se que o Arréda Boi demonstra pouco apego às questões estéticas. Os bonecos utilizados nas apresentações são confeccionados em materiais simples, muitas vezes encontram referências na história da comunidade, como redes de pesca. Boa parte deles é fabricada pelas crianças, mesmo que a qualidade seja prejudicada, esta é uma forma de dar significado ao que fazem dentro do grupo. Até mesmo a opção em levar o grupo de crianças ao invés dos adultos para representar o Arréda em uma apresentação demonstra valores que sobrepõem a preocupação estética.

No Arcos existe um intenção de buscar representações referendadas na tradição. Assim, o Grupo de Danças e Cantares Açoriano leva para as apresentações o resultado das

pesquisas em termos de coreografia, músicas, instrumentos utilizados, vestuário e utensílios. Muitos dos elementos utilizados são originais e oriundos dos Açores. O resultado é uma apresentação esteticamente bonita sem deixar a preocupação com a originalidade. Já o Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC demonstra buscar uma apresentação visualmente bonita, colorida, homogênea, com certa referência a tradição mas sem muito apego à originalidade já que as roupas e adereços são fabricados por seus integrantes e as coreografias não necessariamente resultam de pesquisas.

Por fim, no Alevanta Meu Boi existe uma constante preocupação em fazer uma apresentação atrativa esteticamente. Os bonecos utilizados são muito coloridos, de fácil manuseio devido ao peso, todos os integrantes são caracterizados, inclusive com maquiagem. Além disto o uso de equipamento de som profissional e por ter as músicas gravadas em estúdio também contribuem para a qualidade da apresentação. A necessidade de torná-la um espetáculo vendável fez com que este grupo incorporasse diversas modificações na forma de se fazer Boi-de-mamão, fazendo com que a apresentação se aproxime de uma encenação, com um teor humorístico muito grande.

As modificações nas manifestações culturais podem ser originadas por muitos fatores. Para alguns autores, inclusive, é impossível que elas sejam mantidas inalteradas já que a própria reprodução imputa-lhes o caráter original, dadas as distinções existentes entre o contexto inicial e o de reprodução. Arantes (1981), por exemplo, afirma que devido ao caráter dinâmico da cultura, ao se buscar a preservação de seus traços, interferências inevitáveis acontecem devido à mudança de significado decorrente da alteração de contexto. Assim, as danças reproduzidas pelo Arcos, mesmo que busquem uma ligação com a originalidade e a tradição, estariam limitadas a um contexto de reprodução, diferente da região rural de uma ilha do Arquipélago dos Açores, por exemplo. É preciso considerar que estas interferências podem ter distintas motivações. Brandão (1994) afirma que elas seriam de ordem pessoal, relacionadas à capacidade de criação do ser humano, ou contextual como no caso da modificação do local onde determinada manifestação se concretiza, como no caso das danças originalmente executadas nos Açores.

No Arréda Boi e no Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade se observa que há grande interferência dos membros destes grupos na forma de se executar as manifestações culturais praticadas por eles. No Arréda Boi, por exemplo, a opção pela construção dos bonecos pelas próprias crianças e a incorporação dos tambores na apresentação do Boi-de-mamão estão relacionadas às interferências pessoais e as de contexto, respectivamente. Há,

inclusive, uma intenção explícita em estimular estas interferências como forma de promover uma maior interação entre a criança e a prática do Boi. O mesmo ocorre com o Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade ao criar coreografias com a ajuda dos idosos que façam referência às brincadeiras infantis que eles praticavam. Nestes casos não há, necessariamente, uma preocupação com o caráter tradicional da manifestação.

É preciso considerar, no entanto, que interferências desta ordem parecem ser mais aceitas na literatura do que aquelas impostas por agentes externos, como no caso das modificações promovidas pela apropriação destas manifestações pelo turismo. Para autores como Figueiredo (apud OURIQUES, 2005), o turismo proporciona uma transformação de manifestações como o Carimbó paraense em espetáculo ao deslocá-lo para dentro dos hotéis, alterando o seu ritmo para que seja mais atrativo ao turista. Nos casos estudados, algo semelhante acontece com o Boi-de-mamão praticado pelo Alevanta Meu Boi em que a questão estética é priorizada, e grandes interferência são incorporadas como a mudança do foco da encenação que antes era a atuação do Boi e passa para os personagens Mateus e Moreninha. Este seria um exemplo de como o turismo pode induzir à produção de atrações inventadas a partir da cultura local, como propõe Luchiari (2000).

Quando se observam as **razões para a formação** destes grupos, pode-se destacar que o Arcos se originou principalmente com intuito de preservação de aspectos culturais açorianos e busca com suas ações a valorização destes traços culturais como forma de aumentar a coesão social local. O reconhecimento do grupo enquanto referência no campo da cultura também parece ser importante. No caso específico do Grupo de Danças e Cantares Açoriano, a sua origem está relacionada à necessidade de divulgação das pesquisas realizadas pelo Arcos e por constituir uma alternativa para a arrecadação de recursos através de suas apresentações. Para seus membros, a participação em um grupo como este possibilita convívio social e crescimento pessoal. A origem do Arréda Boi está relacionada com o fato de muitos de seus fundadores terem formação em educação e perceberem a cultura popular como algo importante na constituição do cidadão. Assim como o Arcos, este grupo busca a valorização dos traços culturais locais como forma de promover uma consciência crítica capaz de potencializar mudanças sociais. O Arréda vê, a partir de sua atuação, uma possibilidade de desenvolver uma forma mais abrangente de se fazer Boi-de-mamão e de se tornar referência em projetos semelhantes. Seus membros demonstram buscar uma formação abrangente enquanto cidadãos capazes de promover mudanças na sua realidade social.

O Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC foi fundado, inicialmente, para pôr em prática as coreografias de danças folclóricas pesquisadas por professoras da universidade. Soma-se a isto a possibilidade de utilizar a dança como alternativa de atividade física aos idosos e opção de lazer. O grupo procura demonstrar, através das apresentações, a capacidade do idoso de realizar algo de qualidade e de se integrar socialmente. No Alevanta Meu Boi, por sua vez, as razões mais evidentes para a formação estão na possibilidade de diversificação das atividades de recreação oferecidas aos hóspedes dos hotéis atendidos pela empresa que deu origem ao grupo. Secundariamente a esta questão, aparece a intenção de praticar uma manifestação cultural ligada à comunidade. Observa-se que as crianças que compõem o grupo fazem de sua participação uma forma de diversão e convivência com os colegas, enquanto que os coordenadores vivem profissionalmente desta atividade.

Para Ramos (1989) as isonomias são espaços em que, diferentemente das organizações econômicas, propiciam a auto-atualização de seus membros. De acordo com ele diversas são as finalidades da vida humana e só umas poucas pertencem à esfera das organizações econômicas formais. Isto porque as regras operacionais características nestas organizações não se ajustam a todo espectro da vida humana. Em organizações em que a participação é voluntária, como nos casos estudados, espera-se que aspectos como os ressaltados por Ramos (1989) sejam motivadores para a atuação de seus membros. Os integrantes dos grupos Arcos, Arréda Boi e Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade demonstram buscar a partir da sua atuação, a realização de anseios relacionados a questões amplas como crescimento pessoal, convívio social e satisfação em participar das atividades. Nestes grupos a participação é voluntária e os integrantes possuem outras ocupações profissionais. No Alevanta Meu Boi, no entanto, o estabelecimento de uma relação de trabalho entre o grupo e seus coordenadores pode limitar esta realização.

Características de organizações substantivas como a primazia da ação coletiva e ação calcada em valores são bastante evidentes no Arcos, no Arréda Boi e no Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade (SERVA, 1993). A importância da coletividade não aparece tão claramente definida no Alevanta Meu Boi, já que muitos dos objetivos desta organização atendem a um interesse particular de seus coordenadores.

No que diz respeito à **forma com que os grupos realizam suas atividades**, destacam-se distintas formas de organização. O Arcos é o grupo cuja diversidade de

atividades requer uma estrutura maior. Ele é registrado com Associação sem fins econômicos e é o grupo que apresentou o maior nível de formalização, com controles contábeis estruturados, atas de reuniões detalhadas e um estatuto elaborado. O registro destas atividades muitas vezes é utilizado como forma de evidenciar questões ou acontecimentos importantes para o grupo. Observou-se um maior apego às normas principalmente por parte da Diretoria, os outros membros, no entanto, declararam desconhecer as informações contidas no estatuto. No Arréda, também constituído como Associação, as normas são vistas como necessárias porém elas devem refletir a realidade vivenciada pelo grupo. Neste sentido, o estatuto é constantemente revisto para que aquilo que está determinado nele não limite a forma de fazer as coisas dentro do grupo. Poucos registros foram encontrados, principalmente atas de reuniões e controles contábeis.

Para o Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC a transformação em Associação foi vista como algo desnecessário para os seus objetivos, fazendo com que em 2005 ela fosse desfeita. As exigências estatutárias desta forma organizacional depreendiam esforços que este grupo considerava que iam além de suas necessidades já que buscam, simplesmente, se reunir semanalmente. Os poucos registros encontrados se referem a relatórios de atividades elaboradas pela coordenadora do grupo devido à existência de um projeto de extensão que vincula o grupo a universidade. No Alevanta Meu Boi a instituição de uma Associação visa a possibilidade de buscar recursos através de leis de incentivo à cultura. No entanto, a atuação do grupo como Associação ainda era insipiente no momento das entrevistas e os contratos eram firmados através da empresa Ação e Lazer. O fato de haver uma centralização das funções administrativas nos coordenadores talvez justifique a ausência de normas encontrada.

A forma de coordenação encontrada nos grupos pesquisados também se distingue. Wagner III e Hollenbeck (2002) apontam três formas de controles: supervisão direta, ajustes mútuos e padronização. Divisão semelhante é feita por Perrow (1981), ao afirmar que o controle pode ser exercido por supervisão direta, padronização de regras e regulamentos ou pela seleção homogênea dos membros de uma organização. Na supervisão direta uma pessoa assume a responsabilidade pela supervisão das atividades, exercendo um controle direto. Outra forma possível seria o estabelecimento de regras padronizadas para orientar a forma com que o trabalho deve ser realizado. Por fim, os ajustes mútuos se referem ao contato interpessoal em que os membros interagem e o autocontrole é utilizado como forma de supervisão indireta. Neste caso, há uma necessidade de diminuição dos níveis hierárquicos e a

seleção de membros com valores semelhantes possibilita este processo. No Arcos e no Grupo de Dança Folclórica da Terceira Idade da UFSC as presidentes exercem forte influência na supervisão direta sobre as atividades. Esta influência, no entanto, não aparece como algo imposto. O fato de ambas serem fundadoras destes grupos e terem uma atuação constante no campo da cultura popular, faz com que os seus membros lhes atribuam esta responsabilidade. Observa-se, porém, que existe uma tentativa de repassar esta responsabilidade para outras pessoas e uma preocupação em relação à sucessão, caso haja necessidade. Nestes grupos, devida à baixa padronização encontrada e grande centralização na coordenação, considera-se que o controle direto é o mais exercido.

No Alevanta Meu Boi a coordenação também é direta, mas distingue-se dos casos anteriores por não haver qualquer iniciativa de envolvimento dos demais membros no controle de atividades, até porque poucas informações a respeito da organização do grupo são levadas ao conhecimento de outros que não sejam os coordenadores. No caso do Arréda Boi, o controle é exercido de forma indireta, a responsabilidade pela coordenação é dividida entre os membros. Existe uma clara opção pela distribuição do controle de forma que todos os membros da Diretoria se envolvam de forma ampla na atuação deste grupo. No que diz respeito aos projetos, no entanto, ressalta-se que há um controle mais efetivo por parte do coordenador, mas com uma preocupação de envolvimento dos pais. Serva (1993) aponta como uma das características de organizações substantivas o fato de só aceitarem os membros que se identifiquem com a causa da organização. Esta homogeneidade é que possibilita o controle indireto como o observado no Arréda Boi.

A tomada de decisão no Arcos, assim como a coordenação, acontece de forma bastante centralizada. Esta centralização ocorre, principalmente, nas questões cotidianas do grupo em que a presidente decide e repassa aos demais posteriormente. Questões maiores, no entanto, são resolvidas nos ensaios ou nas reuniões da Diretoria. Percebe-se uma preocupação em envolver os integrantes em todas as discussões. No entanto, esta participação, por vezes, torna-se restrita por alguns integrantes considerarem que a presidente possui condições de decidir o que é melhor para o grupo. Caso semelhante ocorre com o Grupo Folclórico da Terceira Idade em que a coordenadora demonstra uma preocupação em consultar os membros, sem que haja interferências consideráveis por parte deles.

No Arréda Boi se observa uma preocupação de envolver os membros da Diretoria em todas as decisões tomadas pelo grupo, sendo que a autoridade parece residir na coletividade. Os integrantes declaram não gostar de votações e optam por priorizarem a

argumentação de forma que haja um consenso a respeito da forma com que as coisas devem ser feitas. Existe uma participação direta do indivíduo na decisão, agindo em seu próprio nome (MENDONÇA, 1987). As discussões que ocorrem nas reuniões visam, antes, o estabelecimento de uma consciência crítica a cerca dos assuntos tratados do que um resultado imediato, mesmo que isto comprometa a agilidade nas ações. Neste grupo o processo parece ser mais importante dos que os resultados. Ressalta-se, no entanto, que a participação das crianças e dos pais nem sempre é constante, já que o momento de maior discussão são as reuniões da Diretoria e, embora aberta a todos, não seja freqüentada por estes integrantes.

De todos os casos, o Alevanta Meu Boi é o que apresentou maior centralização na tomada de decisões. Observou-se pouca iniciativa por parte dos coordenadores em envolver os pais das crianças integrantes do grupo, já que elas foram colocadas como incapazes de decidir devido à falta de autonomia. O fato de haver uma empresa vinculada ao grupo, de propriedade bastante evidente para os pais, parece dispensar a idéia da necessidade de participação. Aqui, como destaca Motta (1986), a configuração de um sistema econômico privado, de propriedade não coletiva, parece legitimar o quadro administrativo como uma necessidade natural ao bom funcionamento, sendo vista como a única estrutura possível por estes pais e pelos coordenadores do grupo.

Para Motta (1986) nas burocracias há uma valorização do saber especializado relacionado à divisão do trabalho e a especialização da tarefa. A divisão da tarefa visa o aumento da eficiência a partir da fragmentação de uma atividade em pequenas operações, tornado-as simples e separadas levando a uma especialização do trabalhador (STONER; FREEMAN, 1995). Como consequência, ocorre uma separação entre o trabalho manual e intelectual e uma divisão parcelar que substitui o ofício (MOTTA, 1986). Dos casos pesquisados, observou-se que o Arcos é o que possui maior divisão de tarefas. Existe uma definição clara do papel da Diretoria e do Conselho Fiscal. Os membros do Grupo de Danças e Cantares Açoriano, em sua maioria, desempenham tarefas de acordo com suas habilidades, embora haja espaço para que o interesse determine a sua função. Embora exista uma centralização do controle, os membros são estimulados a participar do planejamento das atividades deste grupo, minimizado a estratificação entre planejamento e execução. Semelhantemente, o Grupo Folclórico da Terceira Idade também determina a divisão das tarefas com base nas habilidades e interesses de seus componentes, no entanto, aqui a vontade em assumir determinada tarefa pode sobrepor a necessidade de habilidades. A centralização

das tarefas relacionadas ao planejamento, no entanto, refletem em uma divisão evidente entre planejamento e execução.

No Arréda Boi se observa uma divisão incipiente de atividades, ela estaria relacionada mais aos processos burocráticos exigidos no estatuto. O grupo considera importante o intercâmbio de funções como forma de diminuir a alienação dos seus membros quanto aos objetivos da organização. Entretanto, embora haja uma tentativa de que os pais e as crianças estejam inseridos neste processo, na prática, a baixa participação dos pais nas reuniões restringe esta possibilidade. Neste grupo não há uma separação entre trabalho manual e intelectual. Todos os integrantes podem assumir atividades operacionais e participarem, ao mesmo tempo, do seu planejamento e discussão. A definição do que cada membro irá fazer atende, primeiramente, ao seu interesse, em poucos casos se observa que as habilidades são determinantes. No Alevanta Meu Boi, ao contrário, existe uma clara distinção entre planejamento e execução. Os coordenadores concentram a tarefa de planejar e direcionar as ações, enquanto às crianças fica restrita a sua execução. Observou-se um profundo desconhecimento dos pais quanto às informações administrativas do grupo. As crianças, no entanto, têm a opção de escolher o personagem que pretendem encenar. Neste caso, como nas burocracias descritas por Motta (1986) existe uma subordinação dos membros ao quadro administrativo, representado pela coordenação, uma separação entre trabalho intelectual e trabalho manual e um menor envolvimento dos trabalhadores com seu trabalho. Considera-se que, em relação à divisão de tarefas, o Arcos e o Alevanta Meu Boi são os dois casos em que o modelo burocrático se mostra mais presente, seguido pelo Grupo Folclórico da Terceira Idade. No Arréda Boi a compreensão mais ampla da organização, principalmente no caso dos membros da Diretoria, e a tentativa de diminuição da estratificação a partir da distribuição das tarefas, parece aproximar este grupo, nesta categoria, das características de organizações isonômicas. Ressalta-se que a opção consciente pelo menor envolvimento em tarefas de planejamento por parte de alguns integrantes, como no caso do Arcos e do Grupo Folclórico da Terceira Idade, pode justificar tal constatação.

Para organizações do campo da cultura, sobretudo a popular, um grande desafio que tem se apresentado é a sustentação financeira. Considerando que estes grupos normalmente envolvem um grande contingente de pessoas, a demanda por recursos é constante e a oferta quase sempre insuficiente. Nos casos estudados, observou-se que o Arcos, em virtude da amplitude de suas atividades de pesquisa e de registro das manifestações culturais, é o que despende o maior montante de recursos financeiros. Este grupo faz das



apresentações do seu grupo de danças a principal, mas não única, fonte de recursos. A influência da sua presidente no campo da cultura e seus relacionamentos políticos, o prestígio do Arcos enquanto organização deste campo, além das constantes iniciativas de diversificar suas fontes de recursos, possibilitam a concretização de grande parte de seus objetivos. Não há uma priorização de atividades mas a manutenção do Grupo de Danças é a que absorve a maior parte dos recursos. No caso do Grupo Folclórico da Terceira Idade, a estrutura proporcionada pela universidade dispensa a necessidade de muitos recursos para a sua manutenção. Este grupo não demonstra uma intenção de intensificação de captação de recursos por priorizar a convivência proporcionada pelos encontros semanais realizados com o apoio da universidade através dos projetos de extensão. Além disto, o interesse dos idosos na participação das atividades do grupo faz com que parte das despesas seja por eles financiada, como no caso das viagens.

O Arréda Boi realiza as suas atividades a partir, principalmente, dos projetos financiados por organizações como a Eletrosul e Fundação Maurício Sirotsk Sobrinho. Os projetos recebem apoio ainda da Secretaria de Educação de Florianópolis que contratou o coordenador de um dos projetos para executá-lo na escola da Barra da Lagoa. A cobrança de cachês pelas apresentações também contribui para que o grupo efetive as suas ações. A preocupação com recursos foi colocada como constante mas, apesar de restringir, não impede a continuidade das atividades, já que mesmo sem financiamento durante 2007, o projeto junto à escola na Barra da Lagoa continuou sendo executado. Já no Alevanta Meu Boi o fato de as atividades do grupo constituírem a fonte de renda dos seus coordenadores, existe uma explícita preocupação com recursos. Dentre os grupos pesquisados, este é o que depende mais da atividade turística. Durante a temporada de verão, que compreende os meses de Dezembro à Março, o grupo estabelece um contrato de apresentações em diversos hotéis. O fato de depender das apresentações e a necessidade de torná-las atrativas esteticamente fazem com que boa parte dos recursos seja utilizada na manutenção dos bonecos, no equipamento de som e no figurino. No caso específico deste grupo, a fundação de uma Associação, que até o momento das entrevistas ainda não estava em atuação, consiste em mais uma forma de arrecadação de recursos, já que permitirá a elaboração de projetos que utilizem as leis de incentivos fiscais à cultura. Barros (2002) aponta que organizações sem fins lucrativos, movidas pela necessidade de sustentabilidade financeira e influenciadas pela lógica dos financiadores, podem ser levadas à produção de bens e serviços mensuráveis. No caso do Arcos e do Arréda Boi, grupos que já receberam recursos através de projetos de incentivo à

cultura ou doações de empresas, não se constatou uma influência destes agentes externos no direcionamento de suas ações.

O Arcos é uma organização com grande prestígio no campo da cultura popular em virtude da sua constante atuação. A participação de sua presidente em entidades como o NEA (Núcleo de Estudos Açorianos) propicia um estreito relacionamento com diversas outras instituições no campo. Para o Arréda Boi as relações mais importantes são as estabelecidas com a comunidade local e suas entidades. Os integrantes deste grupo deixam claro que a o apoio maior vem dos idosos que contribuem com as atividades, além do envolvimento das famílias cujas crianças são atendidas nos projetos. O teor educacional evidente nos projetos faz com que o grupo tenha um relacionamento estreito com a Secretaria de Municipal de Educação. Já com a Fundação Franklin Cascaes, por posições políticas divergentes, o grupo tem mantido certo distanciamento. A relação com a Eletrosul se demonstra importante à medida que possibilitou, por alguns anos, a execução de projetos do grupo. Para o Alevanta Meu Boi as parcerias mais importantes são estabelecidas com os hotéis que contratam o grupo durante o verão. O grupo também demonstra possuir um bom relacionamento com a Fundação Franklin Cascaes já que constantemente é contratado por ela para se apresentar em festas a pedido de outras comunidades.

O principal parceiro do Grupo Folclórico da Terceira Idade é a UFSC, enfatizando que foram mencionados quatro setores da universidade que, direta ou indiretamente, auxiliam o Grupo Folclórico da Terceira Idade da UFSC, são eles: Pró-Reitoria de Cultura e Extensão, Núcleo de Estudos Açorianos, Núcleo de Estudos da Terceira Idade e o Centro de Desportos. O Alevanta Meu Boi possui um relacionamento estreito com os hotéis e o comércio da Praia dos Ingleses, é através do estabelecimento destas parcerias que o grupo se mantém. Em virtude de os coordenadores atuarem a muito tempo com a atividade de recreação nos hotéis da região, boa parte dos contatos para a contratação do grupo é feito diretamente aos coordenadores. Pode-se considerar que o principal motivo para estas parcerias é o interesse comercial na venda das apresentações do grupo.

Ao se refletir **a respeito das repercussões da utilização destas manifestações da cultura popular como atrativo turístico nas práticas organizativas identificadas**, verifica-se que o grupo que demonstra maior interferência em suas práticas é o Alevanta Meu Boi, seguido pelo Arcos, e, em menor grau pelo Arréda Boi. Dentre os casos analisados, o Grupo Folclórico da Terceira Idade da UFSC é o que parece estar mais protegido das interferências do turismo.

No caso do Grupo Folclórico da Terceira Idade nenhuma interferência da atividade turística foi observada. A priorização dos ensaios como forma de interação demonstra que este grupo não vê as apresentações como um fim necessário. Os espaços onde se apresentam constituem uma diversidade que não depende da atividade turística. O fato de haver um recesso das atividades no período de maior fluxo turístico na cidade demonstra pouca preocupação em explorar a manifestação como um atrativo para os turistas. A sua fundação atende a busca de convívio social dos seus membros e a saúde física e mental. Existe uma preocupação estética com a apresentação, no entanto, isto é visto como uma forma de demonstrar a capacidade dos idosos de realizar algo de qualidade. A estrutura proporcionada pela universidade dispensa a necessidade de grande quantidade de recursos para a sua manutenção o que acaba diminuindo as interferências da esfera econômica neste grupo.

O Arréda Boi, em alguns poucos aspectos, parece sofrer a influência do turismo por sua localização em uma região turística. Uma atividade considerada importante é o desfile do grupo durante o carnaval de rua da Barra da Lagoa. Esta exposição ao olhar do turista, embora pudesse direcionar as atividades deste grupo no intuito de tornar a sua manifestação cultural em atrativo turístico, pouco interfere na priorização das atividades do grupo. Considera-se que os fortes valores emancipatórios compartilhados pelos seus membros, de certa forma, restrinjam as interferências do campo econômico. O Arréda se origina com intuito de proporcionar a formação de uma consciência social crítica e transformadora. Não há nenhuma preocupação com o caráter estético das apresentações. O Boi-de-mamão é visto como uma forma de educar os seus membros. Fortes características de organizações isonômicas são observadas como a baixa normalização e padronização, o controle indireto, a descentralização da tomada de decisão e a pouca especialização e hierarquização. O grupo utiliza formas de obtenção de recursos distintas, embora dependa também dos cachês pagos pelas apresentações.

O Arcos, assim como o caso anterior, demonstra ser influenciado em alguns aspectos pelo turismo. Alguns dos locais onde este grupo se apresenta existe a presença de turistas, embora durante o verão as atividades sejam incipientes. A preocupação com a preservação cultural é o fator determinante na formação deste grupo. Existe a preocupação estética com as apresentações, mas sem eliminar a relação com a tradição e originalidade. A amplitude das atividades desenvolvidas exigiu uma estruturação que resultou em hierarquização, aumento da especialização e divisão de tarefas. A necessidade de recursos é

grande mas sua captação não depende exclusivamente das apresentações, embora seja a principal forma.

As atividades deste grupo estão restritas às apresentações realizadas quase que exclusivamente em hotéis ou espaços destinados aos turistas. A frequência com que acontecem tem forte reação com o período de maior atividade turística na cidade, embora também atuem em outros períodos do ano. Este grupo surge como uma alternativa de diversificação das opções de recreação oferecidas aos hóspedes dos hotéis localizados no norte da ilha. Suas apresentações são elaboradas com uma preocupação evidente de torná-las atrativas e comercializáveis. As questões estéticas são priorizadas e diversas alterações foram incorporadas modificando consideravelmente a manifestação cultural do Boi-de-mamão. Por ter se originado a partir de uma estrutura burocrática-empresarial, muitas características do modelo burocrático são evidenciadas neste grupo, principalmente no que se refere à centralização da tomada de decisão, ao controle direto e à divisão entre o planejamento e a execução das atividades. A dependência exclusiva da cobrança de cachês pelas apresentações aumenta a relação deste grupo com o campo econômico e as parcerias estabelecidas visam à manutenção financeira do grupo.

A diversidade dos casos sugere que, embora a possibilidade de utilização das manifestações culturais destes grupos pudesse ser estimulada pela exploração da atividade turística em Florianópolis, nem todos os grupos analisados sofrem um direcionamento de suas ações em virtude do turismo. Mesmo que os grupos analisados tenham uma relação, em maior ou menor grau, com a atividade turística, outros fatores como a forte inclinação do Arcos para a pesquisa, os valores emancipatórios encontrado no Arréda Boi e a busca de integração social e qualidade de vida no Grupo Folclórico da Terceira Idade da UFSC demonstram protegê-los, em certa medida, dos ditames do mercado, e consequentemente, do turismo. No caso do Alevanta Meu Boi, no entanto, o turismo se mostrou como fator preponderante na determinação do direcionamento deste grupo. Neste caso há uma evidente apropriação da manifestação cultural como atrativo e consequências nas práticas organizativas que as aproximam do modelo burocrático-empresarial.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Renato; **A inteligência do folclore**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1957.
- ALVES, M. A. Organizações do terceiro setor e suas racionalidades. Salvador. XXVI Encontro Nacional de Pós-graduação em Administração, 2002. ANPAD. **Anais...Cd-rom**.
- ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BARRETO, Margarida. As ciências sociais aplicadas ao turismo. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (orgs). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2000.
- BARROS, M. Uma proposta de tipologia organizacional comparada das organizações não governamentais. Salvador. XXVI Encontro Nacional de Pós-graduação em Administração, 2002. ANPAD. **Anais...Cd-rom**.
- BERNARDINO, Sâmara Regina. **Objetivos e estruturas em grupos teatrais**. Projeto de dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em administração. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005.
- BONALD, Olimpio. **Planejamento e organização do turismo**. Recife: EMPETUR, 1986.
- BOULLÓN, Roberto C. **Planificación del espacio turístico**. México: Trillas. 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore?** São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRITTO, Janaina; FONTES, Nena. **Estratégia para eventos: uma ótica do marketing e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (orgs). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2000.
- CABRAL, Oswaldo R. **Cultura e folclore: bases científicas do folclore**. [Florianópolis?]: [s.n.], 1954.
- CAMPOMAR, Marcos Cortez. O uso de “estudo de caso” em pesquisa para dissertações e teses em administração. **Revista de Administração**. São Paulo, v.26, n.3, p. 95-97, jul/set. 1991.
- CARVALHO, Cristina Amélia; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Contribuições da perspectiva institucional para a análise das organizações: possibilidades teóricas, empíricas e

de aplicação. In: **Organizações, cultura e desenvolvimento local**: agenda de pesquisa do Observatório da Realidade Organizacional/ org.: Cristina Amélia Carvalho, Marcelo Milano F. Vieira. Recife: EDUFEPE, 2003.

CASCUDO, Luís da Alcântara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10 ed. São Paulo: Global. 2001.

DINIZ, J. H. A. S.; MATTOS, P. L. Organizações não-governamentais e gestão estratégica: desfiguração de seu caráter institucional original? Salvador. XXVI Encontro Nacional de Pós-graduação em Administração, 2002. ANPAD. **Anais...Cd-rom**.

ETZIONI, Amitai. **Organizações complexas**: estudo das organizações em face dos problemas sociais. São Paulo: Atlas, 1971.

ETZIONI, Amitai. **Organizações modernas**. São Paulo: Pioneira, 1980.

FACHIN, Otilia. **Fundamentos de metodologia**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FERNANDES R. C. O que é terceiro setor? In: **Terceiro Setor: desenvolvimento social sustentado**. Ioschpe, E. (org). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FERNANDES, Florestam. **O folclore em questão**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES. **Roteiro das manifestações culturais do município de Florianópolis**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1995.

GAMEIRO, R.; MENEZES, M.F.; CARVALHO, C.A. Maracatu pernambucano: resistência e adaptação na era da cultura mundializada. In: **Organizações, cultura e desenvolvimento local**: agenda de pesquisa do Observatório da Realidade Organizacional/ org.: Cristina Amélia Carvalho, Marcelo Milano F. Vieira. Recife: EDUFEPE, 2003.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GOODE, W. J. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Nacional, 1979.

HALL, Richard H. **Organizações**: estruturas, processos e resultados. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

HUDSON, Mike; **Administrando organizações do terceiro setor: o desafio de administrar sem receita**. São Paulo. Makron Books, 1999.

KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: EDUSP, 1980.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1992.

LIMA, Rossini Tavares de; **A ciência do folclore**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUCHIARI, Maria Tereza D. P. Urbanização turística: um novo nexos entre o lugar e o mundo. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (orgs). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. Campinas: Papirus, 2000.

MADEIRO, Gustavo; CARVALHO, Cristina Amélia. Da origem pagã às micaretas: a mercantilização do carnaval. In: **Organizações, cultura e desenvolvimento local: agenda de pesquisa do Observatório da Realidade Organizacional/ org.:** Cristina Amélia Carvalho, Marcelo Milano F. Vieira. Recife: EDUFEPE, 2003.

MARÇON, D; ESCRIVÃO FILHO, E. Gestão das organizações do terceiro setor: um repensar sobre as teorias organizacionais. Campinas. XXV Encontro Nacional de Pós-graduação em Administração, 2001. ANPAD. **Anais...Cd-rom**.

MENDONÇA, Luis Carvalheira de. **Participação na organização:** uma introdução aos seus funcionamentos, conceitos e formas. São Paulo: Atlas, 1987.

MONTE, Távila Correia. Parcerias entre ONGs e empresas: uma relação de poder camuflada. In: **Organizações, cultura e desenvolvimento local: agenda de pesquisa do Observatório da Realidade Organizacional/ org.:** Cristina Amélia Carvalho, Marcelo Milano F. Vieira. Recife: EDUFEPE, 2003.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo:** fetichismo e dependência. Campinas: Alínea, 2005.

PERROW, Charles B. **Análise organizacional:** um enfoque sociológico. São Paulo: Atlas, 1981.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A nova ciência das organizações:** uma reconceitualização da riqueza das nações. 2.ed.Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

RESENDE, Tomás de Aquino; **Roteiro do terceiro setor**. Belo Horizonte: Publicare. 1999.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 3. ed.São Paulo: Atlas. 1999.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração:** guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudo de caso. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente.** Campinas: Papirus, 1997.

SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (orgs). **Olhares contemporâneos sobre o turismo.** Campinas: Papirus, 2000.

SERVA, Maurício. A racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa. **Revista de Administração de Empresas.** v. 37 n. 2, 1997, p. 18-30.

SERVA, Maurício. O fenômeno das organizações substantivas. **Revista de Administração de Empresas.** v. 33 n. 2, 1993, p. 36-43.

SILVA, Rubia Sedemaka. **Adaptação e resistência:** um estudo sobre os Grupos folclóricos da região conurbada de Florianópolis (SC). 2006. 74 f. Trabalho de Iniciação Científica - Curso de Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SOARES, Doralécio. **Folclore catarinense.** Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.

STONER, James A. F. e FREEMAN. R. Edward. **Administração.** Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil. 1995.

THOMPSON, A. Do compromisso à eficiência? Os caminhos do terceiro setor na América Latina. In: Ioschpe, E. (org). **Terceiro Setor: desenvolvimento social sustentado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1994.

VERGARA, Sylvia Maria. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas, 1997.

VIEIRA, M. M. F. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. In: VIEIRA, M. M. F ; ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração.** Rio de Janeiro: FGV, 2003.

WAGNER III, J. A.; HOLLENBECK, J. R. **Comportamento organizacional:** criando vantagem competitiva. São Paulo : Saraiva, 2000.

WARNIER, Jean-Pierre. **A Mundialização da Cultura.** Florianópolis: EDUSC, 2000.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo.** 4ed Pioneira São Paulo, 1985.



## APÊNDICE

## **APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

### **CARACTERIZAÇÃO DO GRUPO FOLCLÓRICO**

Nome do entrevistado:

Atividade que desenvolve no grupo:

Nome do grupo:

Tipo de manifestação:

Localização:

Fundação:

Número de integrantes:

### **O QUE FAZ**

#### **1. Atividades desenvolvidas:**

- Tipos de atividades desenvolvidas;
- Frequência com que são realizadas;
- Locais das atividades ou apresentações;

#### **2. Prioridades estabelecidas:**

- Critérios para determinar os locais das apresentações;
- Critérios para determinar os locais das apresentações.

### **RAZÃO DA EXISTÊNCIA**

#### **3. Fatores que motivaram a formação do grupo.**

#### **4. Importância do que fazem:**

- Importância dada às atividades do grupo;
- Compartilhamento desta importância entre os membros.

#### **5. Retorno com o que fazem:**

- Qual o retorno esperado (individual e do grupo);
- De que forma o retorno acontece (com que se sentem realizados).

6. Resultados importantes:

- Tipo de resultados;
- Importância dos resultados para o grupo;
- Critérios para a determinação dos resultados;
- Atores que definem os resultados;
- Forma de avaliação dos resultados;
- Parâmetros utilizados na avaliação;
- Pessoas envolvidas na avaliação;
- Registro da avaliação;
- Divulgação da avaliação.

7. Divulgação das atividades:

- Forma de divulgação;
- Porque divulgam;
- Período ou periodicidade;
- Para quem divulgam.

## **COMO FAZ**

8. Normas e procedimentos:

- Existência de registro formal do grupo;
- Tipo de registro;
- Existência de estatuto;
- Existência de normas ou procedimentos pré-estabelecidos;
- Finalidade das normas e procedimentos (porque foram definidos);
- Tolerância quanto ao descumprimento das normas;
- Existência de revisão das normas;
- Registro das atividades desenvolvidas.

9. Coordenação:

- Forma de acompanhamento das atividades (reuniões, manual ou supervisão direta);
- Orientação para a execução das atividades;
- Grau de controle sobre as atividades do grupo.

10. Tomada de decisão:

- Forma como as decisões são tomadas;

- Pessoas que participam das decisões e o grau de interferência;
- Parâmetros ou princípios utilizados nas decisões;
- Forma de comunicação das decisões (como e para quem);
- Forma de comunicação das decisões (como e para quem);

11. Distribuição das tarefas:

- Principais tarefas desenvolvidas;
- Forma de divisão das atividades;
- Critérios utilizados na divisão;
- Grau de repetitividade das atividades;
- Rotatividade e frequência com que ocorre.

12. Fontes de recursos e sua distribuição:

- Como viabilizam recursos para suas atividades (tempo, dinheiro, espaço)
- Quais as fontes de recursos (identificar o grau de importância de cada uma delas);
- Forma de obtenção dos recursos (contrato, edital, inscrição);
- Dificuldades na obtenção dos recursos;
- Forma com que os recursos são distribuídos;
- Atividades ou pessoas priorizadas na distribuição;
- Critérios para a distribuição.

## **COM QUEM SE RELACIONA**

13. Parcerias estabelecidas:

- De quem recebem ajuda;
- Propósito das parcerias;
- Tempo pelo qual são estabelecidas;
- Grau de importância atribuído a elas.

14. Pessoas ou instituições consideradas importantes:

- Pessoas ou instituições que desejam estabelecer relações futuramente.

## APÊNDICE B – FICHA DE ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

RAZÃO DE EXISTÊNCIA	ARRÉDA BOI
1. Fatores que motivaram a formação do grupo.	<p>Foi a idéia de remontar brincadeiras populares na comunidade referendadas pela cultura local. Nós identificamos na época, lá em 1992, neste trabalho que eu fiz com os idosos que estava tudo ali na mão só que não tinha espaço de divulgação, de intervenção e aí a partir do trabalho com os idosos nós começamos a desenvolver este trabalho de Boi e Ratoeira e chamamos as crianças (entrevistado 6).</p> <p>Primeiro foi o laço de amizade entre a gente, isto foi importante. Por meio do Boi a gente construiu um laço de amizade que dura até agora. Geralmente há grupos que se forma e na primeira briguinha já separa e lá a amizade é muito forte (entrevistado 8).</p>
2. Significado do que fazem:	<p>Eu sou educador e um dos cernes do trabalho educativo é a formação de grupos, eu gosto desta coisa de discutir de fazer política e constituir grupo é fazer política. Eu acho que estes trabalhos que ligam pessoas, eles vão se desdobrando em outros trabalhos. Fazer Boi-de-mamão é só um motivo (entrevistado 6).</p> <p>É sair e conhecer outras realidades. Tocar na Serrinha, no Morro do Horácio ou se apresentar num colégio particular e para que eles tenham essa visão de que o Boi pode proporcionar a eles conhecer diversas realidades, melhores ou piores do que as deles, de eles terem noção de que eles moram no lugar que é possível cuidar, preservar (entrevistado 8).</p> <p>É um grupo que me possibilitou a ver de uma outra forma o mundo, de buscar a minha educação e poder contribuir no desenvolvimento das crianças, dos adultos e da própria escola e que a educação não seja aquela padrão, que o Boi-de-mamão pode educar (entrevistado 7).</p> <p>Para mim foi um grupo deu referências para minha vida. O fato de viver em uma comunidade pesqueira com familiares com pouca instrução, então ele me deu perspectivas de vida, referenciais para eu poder visualizar um curso universitário, novas experiências, conhecer aspectos culturais da própria ilha (entrevistado 9).</p>

### 3. Retorno com o que fazem:

Tanto é que hoje o grupo, depois deste tempo todo, na Barra da Lagoa, falar de Boi-de-mamão é falar de uma coisa muito bonita, muito legal, muito importante. Um tempo atrás, dez doze anos atrás, falar de Boi-de-mamão era falar de coisa velha, de coisa antiga, então tem um outro dado que se junta a isto tudo que é a idéia de auto-estima da comunidade, acho que a cultura está muito ligada a isto (entrevistado 6).

É tu poder ver uma criança sorrir, ver que ela está feliz de estar participando de uma atividade que os pais e avós dela dançaram. de eu estar me educando com elas também (entrevistado 7).

O retorno é o reconhecimento por parte da comunidade de um trabalho sério. O fato do Boi hoje estar dentro do colégio, de estar dentro da comunidade já é um reconhecimento (entrevistado 6)

O grande retorno para o grupo é ter o reconhecimento da comunidade. Que a comunidade conseguia ver aquilo ali como um projeto pode educar não só as crianças mas outras pessoas que vejam aquilo. Que quando um bloco de Boi-de-mamão passe na rua que elas vejam que fazem parte desta história e que se reconheçam como do grupo (entrevistado 7).

Nos últimos quatorze anos o grupo vem crescendo e vem se firmando como uma entidade da comunidade, tanto que em uma pesquisa do jornal local o grupo pareceu como sendo um representante da comunidade. Os próprios pais começam a se identificar e a perguntar como podem contribuir para o grupo (entrevistado 7).

Para mim é fazer o que gosta, um trabalho, um emprego. Lógico que é uma profissão, mas eu faço com prazer. Só com isso eu ganho dez anos de vida (entrevistado 8).

Futuramente eu trabalhar só com isso também, que eu possa viver só do Boi-de-mamão profissionalmente, trabalhando nas escolas como professor ou reunindo estes grupos por aí para fazer apresentações (entrevistado 7).